ecos de Clarice

Márcia Meira Basto

Fundação Joaquim Nabuco
Editora Massangana

ecos de Clarice

CONSELHO EDITORIAL

Presidente

Ivete Jurema Esteves Lacerda

Coordenador Geral da Editora Massangana

Antônio Magalhães

Joana Cavalcanti

(coordenadora geral interina)

Conselheiros

Diogo Helal

Juliano Domingues

Luís Reis

Maria Ferreira

Raimundo Carrero

Rita de Cássia

ecos de Clarice

Márcia Meira Basto

Fundação
Joaquim Nabuco
Editora Massangana

ISBN 978-85-7019-686-6
© 2018 Da autora

Reservados todos os direitos desta edição. Reprodução proibida, mesmo parcialmente, sem autorização da Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco.

Fundação Joaquim Nabuco | www.fundaj.gov.br
Av. 17 de Agosto, 2187 - Ed. Paulo Guerra - Casa Forte - Recife, PE | CEP 52061-540
Telefone (81) 3073.6363 | Editora Massangana | Telefone (81) 3073.6321

Ministro da Educação | Governo Federal do Brasil
Rossieli Soares da Silva

Presidente da Fundação Joaquim Nabuco
Ivete Jurema Esteves Lacerda

Coordenador Geral da Editora Massangana
Antônio Magalhães
Joana Cavalcanti (Coordenadora Interina)

Chefia de Divisão de Serviços Editoriais
Antonio Laurentino

Projeto Gráfico de Capa
Vitor Fugita (Estagiário do Curso de Design)

Diagramação e Projeto Gráfico
Paolo Malorgio Studio Ltda - ME

Revisão
Eduarda Abelenda (Estagiária do Curso de Letras)

Foi feito depósito legal. Impresso no Brasil.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Fundação Joaquim Nabuco)

B327e Basto, Márcia Meira.
Ecos de Clarice. Márcia Meira Basto. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2018.
176 p.
Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7019-686-6

1. Lispector, Clarice, 1925-1977. 2. Literatura brasileira, contos, críticas e interpretação. I. Título.

CDU 869.0 (81)

Este livro é da minha mãe. Homenagem à mulher sábia, bondosa e alegre que nunca se curvou às reviravoltas da vida. Valorizou cada ciclo da existência, sempre irradiando felicidade e luz. Por sua dedicação, ensinamentos e cuidados à família, ela merece este e muitos outros tributos filiais.

"O eco responde ao eco, tudo repercute".
(Georges Braque).

Você já escutou, no silêncio da alma, sons que despertaram as mais diversas e profundas sensações? Sons provenientes das sombras trazendo consigo a luz da criação? Tornando visível, através de um grito, borbulhar, murmúrio, gotejar ou, de um simples exalar, aquilo que estava amorfo nas trevas?

A voz divina, por meio do som primordial, criou o cosmos: céu, terra, águas e o homem.

O Universo tem um jeito especial de nos falar. Ultrapassando a linguagem verbal, dispensando o esforço da fala/escuta, ele faz ecoar o indizível das palavras. Ecos que desvelam sonhos, memórias, encantos, dores, esperanças e afetos. Ecos que plenificam nosso ser com acolhimento e compreensão.

Viajantes a esmo, somos conduzidos pela ressonância de ecos. Ecos de nós mesmos que reverberam, juntando-se aos sons vindos do mundo formando uma sinfonia cósmica.

Já foi dito que "os sinos dobram. Dobram por ti".

Por muito tempo tentei expressar minha voz. Mas, somente quando calei meu coração e serenei aflições, pude escutar os ecos que contavam minha história, entrelaçada em tantas outras, formando um colar, talvez um rosário, de contas feitas de retalhos de muitas vidas que se uniam em formatos, cores e desenhos diversos.

Acolhida pelo mundo, encontrei minha voz nos ecos de montanhas magnificentes, das trovoadas, marulhos, assovios dos ventos, pingos da chuva, crepitar do fogo e cantos de todos os seres.

Faço deste livro uma celebração. Celebração dos ecos vindos das palavras de Clarice Lispector que pulsam incessantes no meu coração, conduzindo-me ao núcleo da existência, onde encontro a beleza e o desalento da condição humana. Compreendo, então, que para amar a vida é necessário enfrentar dualidades: claridade e trevas, voos e quedas, desvios e reviravoltas. E acreditar, sempre, nos ecos longínquos da felicidade.

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE

RECONTOS

PREFÁCIO 9
PARABÉNS 13
O CONVITE 19
ENTRELAÇOS 23
O SEGREDO 27
MARION 35
PARA ONDE VOU 41
A IRMÃ 47
CURIOSIDADE INFANTIL 51
UMA HISTÓRIA EM VÁRIAS VERSÕES 55
VIDA REAL 59
A "TROMBADINHA" 63
O ENCONTRO 67
O MASCARADO 71
O QUE COMER 75
PERTENCER 77
PECADO ORIGINAL 81
ESPERANÇAR 85
DEDÉ 87
A DOR 91
O MAR 95
SER O OUTRO 97
PRECISO LHE FALAR 101
SILÊNCIO 103

SEGUNDA PARTE

VENDO O MUNDO PELO OLHAR DE CLARICE

ESCREVER 107
FRAGMENTOS DE UM VIVER 113
AS DUAS FACES DO RIO 119
APLAUSOS 123
TENTATIVA DE EXPRESSÃO 127
BUSCAR A FELICIDADE? 131
CICATRIZES 135
MULHERES QUE DANÇAM NAS FLORESTAS 141
CIDADES VAZIAS 143
SOLIDÃO DO SÁBADO 145
ACOLHER 149
HISTÓRIAS 151
EPÍLOGO 153

TERCEIRA PARTE

AMAR CLARICE

ENSAIO

INTRODUÇÃO 163
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 179
OBRAS DE APOIO 180

PREFÁCIO

MÁRCIA E CLARICE

Raimundo Cerrero

A escritora Márcia Meira Bastos tem dedicado parte de sua vida intelectual e acadêmica ao estudo da obra de Clarice Lispector. Portanto, com a habilidade de especialista procura penetrar – tanto no ensaio quanto na ficção – nas intrincadas técnicas narrativas da autora de Perto do Coração Selvagem, com uma reflexão grave e correta, de forma a mostrar ao estudioso e ao leitor os caminhos para a construção de uma obra ímpar.

Assim é que Márcia consegue chegar a resultados surpreendentes, sobretudo porque estuda e examina não só como acadêmica, mas também como criadora premiada, no exercício da revelação íntima de histórias e de personagens. Tratando-se do trabalho, ora em exame, verifica-se a maturidade das reflexões da autora, construídas ponto a ponto, sem se afastar do ponto central.

Pode-se discordar, aqui e ali, de algumas conclusões, mas haverá sempre espaço para o destaque de obra e de pensamento. A discordância, por isso mesmo, não resulta em reprovação ou negação. Pelo contrário, reforça-se a força da fabulação ou da justificação intelectual.

Além do estudo sistemático da obra de Clarice, Márcia Basto tem feito análises e estudos de Teoria Literária, tendo realizado Mestrado focalizado na obra de Clarice Lispector, o que lhe credencia ao exame da matéria em tela, tornando-se, ela própria, autoridade na grande autora checo-brasileira.

Por tudo isto, recomendo o livro ao leitor, que vai lê-lo com a facilidade de uma prosa leve e saudável, com o acréscimo de uma visão crítico-analítico profundamente esclarecedora.

PRIMEIRA PARTE

RECONTOS

PARABÉNS[1]

Filhos e netos insistiam: *você não pode deixar de celebrar uma data tão importante e significativa. Afinal, não é todo mundo que consegue chegar aos 95 anos com a sua disposição e alegria*. Mas ela não queria. Aniversário era coisa para gente jovem que tem o que comemorar. Disse, peremptoriamente: *não quero nenhuma festa!*

Para não contrariá-la, fingiram que não haveria festa, já que era do gosto dela. Porém, Raquel, filha mais velha com quem ela morava, não abriu mão da celebração. Apesar dos irmãos concordarem com a festa – enquanto essa era apenas uma ideia e não fato decidido – não mostravam nenhum empenho na sua concretização. Foi quando Raquel, sem mais combinações ou consultas, avisou à família da festa do aniversario: - é preciso levar alguma coisa? *não, nada, mas, por favor, não se atrasem, mamãe tem horário para dormir.*

Providenciaria tudo sozinha, como sempre o fizera. Apesar do dinheiro da mãe há muito ter se acabado - tratar de uma idosa, além de paciência e dedicação, implica em gastos -, a maioria dos irmãos sempre apresentava desculpas para não colaborar. As alegações: estavam sem dinheiro, despesas com os estudos dos filhos, desemprego. Enfim, sempre era tempo de vacas magras quando se tratava desse assunto. Raquel, então, decidiu: *quem tivesse consciência que depositasse o que quisesse para colaborar com as despesas da mãe.*

[1] Feliz aniversário p. 179 do livro Clarice Lispector Todos os Contos – prefácio e organização de Benjamim Moser – 1ª ed Rio de Janeiro: Rocco, 2016

Avisou à família: filhos, genros, noras, netos, bisnetos e uma tia – a única ainda viva dentre os seis irmãos da mãe – do lanchinho do aniversário. Afora a família, apenas duas vizinhas de longas datas. Nem sua amiga de infância chamou; para não dar a chance dos irmãos convidarem amigos e o aniversário transformar-se num outro tipo de reunião. Seria uma festa para a família homenagear a mãe. E não "comes e bebes" para diversão daqueles que nem muitos cuidados tinham com a aniversariante.

Cada um recebeu o convite a seu modo: *ah, ter que aguentar essas reuniões de família e encarar a falsidade de tantos, é demais... Logo no domingo, dia do meu programa de TV preferido... Agora essa, já não basta a chatice do natal e agora esse aniversário para uma aniversariante já caduca...*

A outra filha sabia que o marido não iria, brigado que era com a família. Já aguardava as reclamações que ele descarregaria nos seus ouvidos. Os filhos receberam o convite sem grande euforia. Avisaram que só iriam após o jogo de futebol. O mais velho, quando soube que não teria que desembolsar dinheiro, respirou aliviado. Raquel, mais por orgulho do que generosidade, bancaria tudo.

Duas semanas antes da data, começaram os preparativos. A aniversariante, que vivia na ausência boa parte do tempo, não percebeu o rebuliço na casa. Nesse período, nem um só telefonema dos irmãos ou cunhadas para oferecer alguma ajuda.

A preocupação de Raquel era de que tudo ficasse impecável. Não queria ouvir as gracinhas das cunhadas, principalmente daquela suburbana, metida a besta, que morava na Imbiribeira e dizia ser de Boa Viagem. Considerava-se *socialite* só porque uma amiga endinheirada a chamava para chás beneficentes e ia buscá-la de motorista. Desprovida de gosto próprio, seu maior temor era ser considerada "cafona" pela amiga ou alguém do grupo. Por isto, não colocava um enfeite em casa, nem comprava uma peça de roupa sem aprovação. Mesmo que gostasse de algo, preferia abdicar do desejo, caso a amiga lhe indicasse outra coisa. Em compensação, Fátima, esse era o seu nome, no ambiente do

marido, de nariz empinado, fala empoada e ar superior, achava-se no direito de opinar e criticar tudo.

Chegou o sábado do aniversário. Antes dos convidados, um turbilhão de recordações invadiu a casa levando Raquel a visitar o passado.

Primeiro, seu olhar fixou-se na floreira de prata. Que sempre estivera ali. No centro da mesa. Majestosa. Testemunha da infância. Cúmplice das alegrias. Confidente de mágoas. Florindo, feliz e acolhedora. Era o coração da casa. Avisava, através de flores dispostas em cuidadosos arranjos, as diversas estações da família. Na sua imobilidade irradiava paz. Protegia a casa dos espantos e sensações difusas vindos de um mundo desconhecido que rondava o quintal e insistia em entrar pelas frestas das janelas.

Lembrou-se do tempo em que as rosas vermelhas sinalizavam que o viver tranquilo e ordenado da casa seria rompido por estranhos. Convidados entravam: figuras ostentando faces sisudas e roupas escuras guardadas em armários, cheirando a naftalina. Silhuetas impecáveis. Marionetes perdidas no interior de vestidos esvoaçantes, equilibrando cabelos presos com tiaras e fivelas. Pérolas ornamentavam colos desnudos e desbotados. Brilhantes reluziam em mãos já envelhecidas. Rubis pendurados em orelhas que mais pareciam frutos maduros prestes a despencar. Obedeciam, submissas, aos movimentos de um roteiro previamente traçado e comandado por mãos invisíveis que ocupavam o lugar de suas almas. Bocas mastigavam a meninice, enquanto soltavam palavras incompreensíveis e engoliam intimidades do universo familiar profanando o espaço do aconchego. Presenças poluindo a pureza e inocência da casa.

Ao enxugar as lágrimas de nostalgia de um tempo perdido, Raquel voltou ao presente e afastou aquele "sentimentalismo tolo". Ajeitou as rosas vermelhas, dispôs a louça na mesa coberta por alvíssima toalha de linho branca e suspirou aliviada: tudo está no seu lugar. Foi, então, aprontar a aniversariante.

Sem entender porque teria que mudar a roupa de ir ao médico, reclamava e fazia birra. Depois de muito custo colocou o vestido azul marinho e sentou-se na cabeceira da mesa com o olhar distante. - *mamãe, vamos comemorar seu aniversário, o pessoal chega daqui a pouco.*

A primeira a chegar foi Fátima - a nora *socialit* da Imbiribeira. Viera sozinha com três netos e a babá. Explicou, falando sem olhar para ninguém, que a filha tinha um compromisso imperdível. O filho e o marido ficaram em casa assistindo o jogo de futebol. Olhou a casa com ar superior procurando algo fora do lugar. Nenhum elogio ou comentário foram feitos. Mal cumprimentou Raquel e, numa euforia desmedida que soava falsa, disse à aniversariante: *parabéns vozinha. Quero a receita de sua longevidade... essa aqui soube envelhecer, continua bonita, uma bênção para todos...* Com o olhar distante, a aniversariante falou - *quem é você?* Sem jeito respondeu: *sua nora, casada com Fernando, seu filho do meio*. Impassível, a aniversariante deu um muxoxo e continuou a fitar o nada. Logo depois, chegaram as filhas: a caçula com o filho, a nora e dois netos, e a do meio, cujos netos moravam no exterior.

As crianças corriam e gritavam, ajudando a disfarçar o silêncio resultante da falta de assunto entre os adultos. De repente, a matriarca retornou ao presente e espantada de ver tanta gente, disse em alto e bom som: *por que todo mundo veio hoje para cá, não tem o que fazer nas suas casas,* não? Raquel, pacientemente, explicou que vieram comemorar os seus 96 anos. E ela; *não quero aniversário. Não quero nada, nada. Quero ir embora. Quero partir.* Tentando consolá-la alguém *diz: você ainda tem muita vida pela frente*. Voltando ao silêncio, ela circula um olhar fulminante ao redor da mesa. Nesse instante chegam os dois filhos e o neto que vão direto saudar a aniversariante com efusão: *mamãe é como vinho, cada ano fica melhor.* E ela, enraivecida, responde aos gritos: *não digam merda. Só falam que a velhice é boa porque não sofrem de reumatismo, dores na coluna, joelho, corpo todo. Esperem para ver se é bom mais para frente. Raquel*

me leve para o quarto, ordenou. Raquel, sem jeito, diz: *vão cantar os parabéns* e *cortar o bolo*. Os bisnetos são chamados para a mesa e, em rebuliço, começam a gritar: *viva a bisa, viva a bisa!* Essa parece não escutar e procura a bisneta mais nova que está nos braços da filha. Manda, em voz alta, que a coloque no colo. A criança desata no choro e a avó se afasta com ela. – *Estão vendo o que minha filha faz comigo, esconde a bisneta de mim*. Começa a se lastimar e chorando berra: *absurdo, verdadeiro absurdo não permitir que eu me aproxime da minha bisneta querida*.

Raquel tenta acalmar a mãe. Pede desculpas aos presentes que se entreolham surpresos com essa atitude descontrolada. Acende a vela e começa a cantar os parabéns. A aniversariante anima-se com aquele cantar e pergunta de quem é o aniversário. Quando lhe respondem que é o dela, emociona-se. Uma lágrima desce da sua face. Pedem que corte a primeira talhada de bolo. Ao invés disso, ela enfia o dedo na cobertura e lambe com satisfação.

Os convidados compreendem que a festa chegara ao fim. Alguns pedem para levar uma fatia de bolo e despedem-se da aniversariante. Essa, ausentando-se outra vez, reclama para Raquel: *ninguém mais janta nesta casa*?

O CONVITE[2]

O restaurante possui fachada sóbria e elegante. Quase escondida nas folhagens das árvores. Nada de muita luminosidade e nome brilhando em letras garrafais. Na entrada, um salão de paredes claras, jardim interno, mesas forradas com toalhas brancas de linho com vasos de flores naturais. O *maître*, com delicadeza estudada, vem recepcioná-los.

A escolha do restaurante não deixa dúvidas: ele tem requinte e bom gosto. A mulher elogia, sem muito alarde. Para não demonstrar que não está habituada a frequentar ambientes daquele nível.

Formavam um casal bonito. Interessante, melhor dizer. Ela baixinha, franzina, pele muito alva e cabelos louros que, em cachos, caiam nos ombros. Nariz empinado de boneca, bochechas rosadas formando barrocas todas as vezes que ria. Mas o que prendia a atenção de todos eram seus olhos: azuis límpidos de céu sem nuvens. Pareciam que, mais do que ver, tinham poder de observar numa compreensão penetrante. Ele, alto e corpulento, cabelos lisos e negros, sobrancelhas e bigodes espessos, nariz aquilino e olhos de escuridão buliçosa que não se fixavam em nada. A solidez dele, que ocupava o espaço onde estava, contrastava com a fragilidade e liquidez dela que parecia não deixar vestígios de sua passagem. Feito água que vaza de um pote rachado.

Primeiro jantar do casal. O garçom o trata com familiaridade respeitosa de cliente preferencial. Indica-lhe uma mesa no segundo salão, menor e mais aconchegante. Apesar de agir com discrição, seus gestos demonstram a intimidade com o lugar.

---

[2] O Jantar op. cit. p. 201

Sentam-se. Ele consulta a carta de vinhos, apesar de saber, de antemão, o que deseja beber. Pergunta se ela aprova a escolha. No próximo ato do ritual, o garçom verte na taça o líquido de um rubi violáceo que irradia um brilho contagiante. Ele segura a taça, balança o líquido, antes de levá-lo ao nariz para sentir o aroma. Suspira com a felicidade de quem respira o perfume da mulher amada. Brindando ao primeiro jantar, degusta o vinho com prazer. Feito quisesse reter aquele sabor, fecha os olhos por um instante e limpa as gotículas vermelhas que respingam no bigode. Enaltece, com entusiasmo exagerado, as qualidades do vinho. Ela, receosa, arrisca puxar outro assunto para tirá-lo daquele inebriamento. Faz perguntas impessoais enquanto ele, já com certa sofreguidão, continua a degustar o vinho que ocupa toda sua atenção.

Sentindo-se mais audacioso e confiante, ele pousa a mão na dela e inicia uma conversa mais íntima - *sua aparente fragilidade esconde uma mulher corajosa e decidida que sabe o que quer e não sossega enquanto não alcança seus objetivos. Uma mulher de extrema delicadeza, mas capaz de vivenciar grandes paixões.* Ela disfarça, sorrindo. Pensa: *ousadia imaginar que, estimulado pelo vinho, poderia descobrir meus mistérios fechados a sete chaves, e entrar na floresta que esconde, nas raízes ancestrais, o desejo da paixão, a fome do encontro e a promessa da entrega. Não, não lhe daria permissão.*

Agora, por detrás daquele homem de aparência sedutora, onde se lia o início de um romance, enxerga um intruso, um curioso que tenta rasgar a proteção dos seus segredos.

Em atitude de fuga, ela sugere que peçam o cardápio para escolha do jantar. Ele pede o cardápio e a segunda garrafa de vinho. *Não foi este o que mandei trazer. Seja mais atento.* Sua voz, já com outro tom, revela arrogância e prepotência. O garçom, humilde, pede-lhe desculpas e retira a garrafa.

Ela, cada vez mais assustada com a mudança de atitude, dá-se conta que ele não suporta ser contrariado: deleite de submeter o outro à sua vontade. Ele sugere um prato de filé, especialidade da casa. *Sou vegetariana*, ela confessa e escolhe uma

massa. Ele lembra ao garçom, no mesmo tom autoritário, que a picanha é mal passada, quase crua.

Chegam os pratos. O vermelho sanguinolento estendido no prato faz com que ela engulhe em ânsias de vômito. Levanta-se e avisa que vai ao *toalete*.

Voltando à mesa vê que ele corta, sem esforço, o pedaço de picanha da qual respinga o líquido vermelho. Um ocorrido surge, com nitidez, no seu pensamento: a criança diante do cadáver do boi estendido, a secura do campo, os urubus dilacerando o animal. Na próxima cena, imagens do abate de bois, o olhar de súplica dos animais, toda a crueldade humana perpetrada contra seres indefesos. E a decisão, juramento mesmo, de que jamais voltaria a comer carne vermelha. *Comer um cadáver brutalmente assassinado? Nunca*. E enquanto olha, enojada, o sangue que envolve a carne saboreada por ele, sente o sangue de uma ferida reaberta pingando na emoção.

Ele põe o pedaço de carne na boca e mastiga devagar. Apreciando o tempero, a maciez, a temperatura. Um filete do sumo escorre pelo canto de sua boca. Fechando os olhos ele limpa com o guardanapo, totalmente entregue ao prazer da carne. Continua a misturar à carne aos goles de vinho, mastigando pesado, deixando à mostra a mistura dos dois vermelhos – carne e vinho – com a saliva viscosa. O bigode se enche com salpicos daquela massa espessa.

À medida que assiste ao ritual da comida, ela observa a transformação do rosto dele. Agora já não tem diante de si a face de um homem de traços firmes e olhar serelepe de criança. Vê a maldade do carrasco em eliminar sua presa. Os olhos ávidos do algoz executando gestos precisos para a execução perfeita.

Nauseada, ela mal consegue tocar no prato. Terminada a refeição ele repousa o talher no prato ainda manchado de sangue. Suspira profundamente, satisfeito por mais uma vitória. Refestela-se na cadeira, deixando de lado os bons modos. Em mutação seu rosto volta ao presente. Mas, nesse momento, é um rosto es-

vaziado de expressão. Um rosto desconhecido com dois olhos de vidro e um ar envelhecido de quem perdeu algo irrecuperável. Com a mão pesada enxuga o suor da testa e lhe oferece sobremesa. Ela recusa.

Ele pede um café e a conta. Passando pelo salão maior, deixam o restaurante.

Um turbilhão de tempo parece haver passado.

Os dois sabem que não haverá outro encontro. E não se lamentam por isso.

ENTRELAÇOS[3]

As famílias felizes parecem-se todas;
as famílias infelizes são infelizes cada
uma à sua maneira.
Leon Tolstoi

Quando criança a mãe adorava enfeitá-la com laços: coloridos, nos seus cabelos encaracolados, vistosos, nas faixas dos vestidos, singelos, na gola ou feito miolo de flor ao lado das mangas. Olhando, orgulhosa, para a filha mais velha, pensava em voz alta: *laço é um enfeite tão feminino e charmoso! E como realça sua beleza angelical, seus traços delicados, o azul dos seus olhos*.

Contemplando o anjinho com rosto de boneca de louça que Deus havia lhe presenteado, transbordava de alegria e agradecimento. A filha logo percebeu os tantos privilégios que gozava e, à medida que foi crescendo, incorporou tais privilégios feito direitos fossem.

As outras irmãs, desde cedo, perceberam que todas eram filhas, mas havia uma que era mais filha do que as outras.

A mãe ainda tentou, em vão, enfeitar com laços as outras filhas. A mais nova, rebelde, detestava laços. Roubavam a liberdade dos seus cabelos lisos e compridos, balançando ao sabor do vento. Protestava, dizendo: *para mim é um adereço bobo, infantil e inútil*.

Mais tarde compreendeu que os laços da infância incomodavam por criar amarras. Unindo uma ponta a outra, formavam um vínculo que não fora de sua escolha. E, quando passou a escolher suas roupas, livrou-se, com alívio, dos laços. Pelo menos daqueles externos e visíveis.

[3] Os laços de família op. cit. p. 218

Logo descobriu o emaranhado de laços existentes no mundo. Laços de família, afeto, amizade, solidariedade e até mesmo desgosto. Via, não o entrelaço das linhas formando um nó, mas, sim, os fios soltos, perdidos, à procura da outra parte. Braços estendidos esperando pelo abraço.

Uma das primeiras lições que aprendera foi que os laços sanguíneos eram o mais forte e duradouro. Partilhar com outros o mesmo sangue era vínculo indestrutível e sagrado, mesmo que ideias, crenças, atitudes, sentimentos fossem pura divergência. Indagava-se: *Amar alguém por ter a mesma origem sanguínea? Um amor imposto e não conquistado?* Ficava confusa.

Amiúde, perguntava à mãe, de supetão: se eu não fosse sua filha como seria o seu amor para mim? Ela precisava saber se o sentimento da mãe era imposto pelos "laços sanguíneos" ou por ela ser quem e do jeito que era. A mãe, confusa, apenas dizia: *essa menina inventa cada coisa...*

A vida seguia e a filha caçula compreendeu que o amor diferenciado da mãe pela irmã não era *invencionice de sua imaginação fértil* como, de início, queriam fazê-la acreditar. Era fato constatado por gestos e evidências. E, por mais que ela fizesse por merecer ser amada, tanto ou mais do que a outra, não conseguia resultado. Se todos os seus esforços eram inúteis, melhor não fazer mais nada. Apenas admitir. Não queria um amor por imposição.

À medida que foi vivendo, experimentou muitos enlaces e sofreu com diversos desenlaces. Esperava que lhe dessem um sentimento capaz de saciar a fome acumulada de um amor incondicional e pleno. Não queria aceitar a carência como destino. Prometeu a si mesma que não se transformaria numa pedinte de amor. Tampouco aceitaria uma paixão ou afeto como um favor concedido. Ou motivado por caridade. Queria, apenas, ser entendida. Não por palavras, explicações e racionalizações. Mas por um sentir que pulsasse num ritmo uníssono celebrando o encontro. Quando conseguiriam enxergar, por detrás da jovem rebelde,

independente e autônoma, a enorme carência de não ser bastante para amar a si própria?

Novas famílias, originadas da família raiz, se entrecruzavam. Reencontros houve. As disputas pelo melhor lugar no carro do pai, para ganhar o primeiro beijo da mãe quando ela voltava das viagens, pelos presentes trazidos – quando, para ela, o melhor presente seria a presença, exclusiva, da mãe – ficaram para trás. Transformaram-se em lembranças que ressurgiam quando novos laços se formavam.

De volta à terra natal, para as férias, a caminho de casa, havia tanta ternura represada na filha caçula que ela, com medo desse dique de afeto transbordar e assustar a mãe com a desmesura, se conteve. O solavanco do carro fez as duas ficarem muito juntas como num laço, rapidamente desmanchado pela pressa da mãe em contar as novidades da família: *que bom você ter chegado nessa época*. Pena as crianças não terem podido vir. E, falando sem parar, centralizou o assunto na irmã mais velha: *ela está muito bem, comprara uma casa de praia num lugar lindo, tenho um quarto só para mim. Vamos todos almoçar lá para comemorar sua chegada. Sei que você vai adorar o lugar*.

A filha mais nova se perguntava como, quando e por que o laço com a mãe se tornara frouxo. Recordava-se da época na qual, criança, ia de manhã cedinho à cama dos pais e adormecia abraçada à mãe. Como era bom e doce aquele aconchego! Aflorava, ainda, na sua memória afetiva, os bilhetinhos que escrevia, diariamente, para a mãe, durante as semanas que ficava longe dela. Neles, falava de saudade, do querer estar juntas. Era como se, ao escrever, conseguisse sentir o calor materno. A distância aumentava o desejo de um contato movido apenas pelo sentir, pelo toque, pela linguagem do afagar.

E agora, o que ela queria? Um diálogo, mais como modo de expressão do que de comunicação. Queria traduzir-se. Revelar seu íntimo. Partilhar emoções. Sempre tivera medo que o laço materno se desfizesse. Sabia que a mãe, tampouco, desejava isso. Sequer ela se dava conta da situação...

Estamos quase chegando, disse a mãe despertando a filha para o presente. Essa, então, deixando as lembranças para trás, se fez presença para a mãe. A mais afetuosa possível.

No almoço notou que o tempo e a distância somente confirmaram o perfil de cada um. A irmã do meio parecia liberta das amarras da família: *não vou poder ficar para o almoço, tenho programa com amigos. Passei, apenas, para lhe dar um beijo de boas vindas*. A mais velha consolidara o domínio sobre a mãe. Tomara posse de sua voz, de suas escolhas, de sua vida.

Os netos da anfitriã foram, em rebuliço, receber a avó que, entre beijos e abraços, dizia, vaidosa: *eles são muito espertos e amorosos*.

Os primos e uns poucos amigos haviam sido convidados e, após darem as boas vindas, acomodaram-se nas mesinhas arrumadas no terraço.

Era esquisito para a visitante o contato com aqueles mais próximos, por laços familiares. Ao invés de intimidade, estranheza e diferenças. Onde estava a porta de entrada para aquela alegria exuberante que todos pareciam comungar? Em que lugar se perdera a linha amorosa que tecia os elos familiares? O que havia sido esquecido? O que não havia sido dito?

Aceito, sim, mais uma cerveja, disse a filha caçula para a mãe. Beber, um pouco mais do que o usual, talvez lhe permitisse não se sentir tão à margem, tão por fora daquele tagarelar.

O início do anoitecer anunciava o final da festa. A conclusão do reencontro familiar. Uma lua plena de luz, contrastando com a agitação da casa, refletia tranquilidade nas águas calmas do mar.

De súbito, a filha caçula atraída pelo sossego prometido pela luz lunar deu as mãos à mãe e caminhou até a praia. Fez-se silêncio. E a voz das ondas e assoviar da ventania falaram todas as coisas que mãe e filha tinham se esquecido de dizer uma à outra.

Abraçada à mãe ela sentiu todo o amor que tanto desejara.

O SEGREDO[4]

Não é porque ele fosse mais velho e ela buscasse compensar a carência paterna. Verdade que perdera o pai ainda criança e se ressentia da figura masculina. Alguém que representasse segurança, orientação, apoio. Tampouco fora atraída pela inteligência ou sagacidade. Ele era o tipo de pessoa mais voltada para informações do que para reflexão. Assim lhe parecia. Bonito não era. Nem tinha a firmeza que se espera de pessoas no papel de educador. Apenas dava aulas, repassando conhecimentos sobre o assunto, sem instigar uma especulação mais profunda. Cumpria seu papel de professor. Nada mais. Muito sério, pouco sorria. Não devia ser fácil manter a atenção de uma turma de moças muito mais preocupadas com outros assuntos do que com textos e vidas de escritores.

Era tímido – mais por insegurança do que por humildade – e não tinha o perfil de alguém que pudesse proteger o outro das ciladas do mundo. Nem de oferecer consolo pelos infortúnios. Talvez, nunca houvesse se entregado a um grande amor. Ou, quem sabe, tivera uma grande decepção e, desolado, trancafiava-se em si mesmo para não vir a sofrer outra desilusão.

Mesmo assim, aquela figura magra, com óculos de vidro grosso escondendo olhos negros e tristes, voz pausada e tediosa, sem nenhuma ondulação, passou a ser alvo da sua atenção. Quando ele entrava na sala de aula, ela, embriagada pela simples presença, começava a falar mais alto do que era seu costume, ria exageradamente e sem motivo, estimulava brincadeiras bobas como escrever bilhetes risíveis e jogá-los em bolinhas de

[4] Os desastres de Sofia op. cit. p.261

papel de uma para outra. Tudo para demonstrar que não tinha o menor interesse pela aula. Queria deixar claro que não ligava a mínima para os textos que ele trazia nem para as explanações que dava. Cumprindo seu intuito de perturbar e centralizar nela toda a atenção do professor, quando ameaçada de ser expulsa da classe, respondia – *deixo essa sala com prazer*. Ele fingia não ter escutado, esquecia a ameaça e continuava a aula tentando evitá-la. Fazia isso para, diante da classe, não ser vencido por ela.

O fato é que o objetivo dela era centralizar a atenção do professor e, com provocações, perturbar o seu desempenho. Talvez, sem perceber, quisesse desperta-lo da letargia na qual parecia envolto. Mostrar que havia vida fora das aulas e dos livros.

Houve uma vez que ele tentou angariar sua simpatia, chamando-a para ler um texto em voz alta. O texto era de Clarice Lispector e servia para ilustrar o modernismo e mostrar a técnica chamada diálogo interior, que não narrava fatos sequenciados e era pleno de indagações. O título: "Vergonha de Viver". Dizia:

Há pessoas que têm vergonha de viver: são os tímidos, entre os quais me incluo. Desculpem, por exemplo, estar tomando lugar no espaço. Desculpem eu ser eu. Quero ficar só! Grita a alma do tímido que só se liberta na solidão. Contraditoriamente quer o quente do aconchego das pessoas. Vai Carlos, vai ser gauche na vida.

Ela compreendeu e, no íntimo, revoltou-se: *Então é isso que ele quer me revelar por meio dessa escrita? Mostrar a ousadia dos tímidos?*

Mas, o que ele não sabia era da timidez dela, escondida em gestos que eram o avesso de como se sentia. Uma tímida que precisava do amor do outro, detestando seu modo recatado de ser. Alguém que, também, tinha vergonha de viver e não se considerava merecedora da felicidade.

A revelação dele, feito de um modo indireto e, para ela, covarde, tocou seu ponto nevrálgico deixando-a enfurecida. Ao ler o texto teve a sensação de estar tirando o véu desvelando sua verdadeira face. Sentia sua alma nua e exposta diante de todos.

Teve vergonha. Muita vergonha. Durante a leitura controlou-se para não chorar e enrubescer. Não olhou para ele uma vez sequer. A vontade que tinha era de sair correndo da sala.

Não. Ele não teria sua simpatia, nem sua compreensão. Muito menos seu perdão. Não se tornaria sua confidente. Porque, ao escolhê-la para, através do texto, mostrar-lhe sua timidez, ele seria espelho de algo que ela não suportava em si mesma: a própria timidez encobrindo uma enorme carência. Podia ver refletido nele seu desamparo, a falta de alguém que lhe desse a alma para que pudesse atravessar escuridões. O espelho roubava-lhe a força que precisava para expressar seus sentir e pensar e abandonar a solidão de sua concha. O que ela desejava, mesmo, era um espelho vazio e vivo.

E o que ele lhe oferecia? Sua inaptidão para a vida. Ela sabia que solidão não se partilha. Cada um carrega a própria. Pressentia, porém, a existência de raros e preciosos momentos em que a solidão, caminhando feito linha paralela, poderia cruzar outra solidão. E nesse momento, breve e fugidio de interseção, uma faísca iria brilhar no instante-já. Depois elas voltam a ser únicas.

Apesar da decepção dela com o professor, à noite não conseguiu dormir. Pensava na coragem de lhe entregar sua solidão. Entretanto, por mais que quisesse aumentar a raiva provocada por ele, aquela revelação deixou-a comovida. Quanto desassossego devia existir naquele homem atormentado! Quanta amargura! Como teria sido sua vida antes de tornar-se professor?

Pela primeira vez sentiu-se solidária. E o desprezo mesclou-se à compaixão. Esperava que o seu comportamento pudesse despertar nele uma reação: um gesto firme de reprimenda, uma atitude mostrando que ele tinha domínio da situação. Mas, ao invés disso, foi ele que se rendeu. Ao fazê-lo, aumentou os obstáculos para ela que, mesmo com a bondade pulsando no coração, continuaria sua missão. Iria salvá-lo. Não permitiria que essa bondade se transformasse em fraqueza e, sim, numa cólera sagrada de onde tiraria energia necessária para prosseguir.

A sujeição dele aos ditames dela, dificultava a continuidade do jogo. Não iria se deter diante do espelho oferecido como duplicata do que era. Sabia que, atrás daquela imagem, estava o segredo que somente seria desvendado quando encontrasse a palavra do "abra-te sésamo» da porta da sua alma. A compreensão e o perdão pedidos por ele seriam a condenação de ambos. Decidiu que não se deixaria moldar pelo desejo dos outros.

Tudo estava fora de ordem. Não era dever do professor indicar os caminhos seguros para evitar que ela se perdesse nos desvios e becos perigosos da estrada?

Chegou segunda-feira e ela, ansiosa, esperou pela entrada do professor e o recomeço previsível de sua ocupação: o jogo de irritá-lo. Esperava que ele revidasse e voltasse à luta.

Naquele dia ele leu um texto que falava sobre a importância que cada coisa tinha na vida das pessoas. Recorrendo a Manoel de Barros falou que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças barômetros. Dizia: *a importância de uma coisa há de ser medida pelo encantamento que a coisa produz em nós. Assim um passarinho nas mãos de uma criança é mais importante para ela do que a Cordilheira dos Andes. Um osso é mais importante para o cachorro do que uma pedra de diamante. Uma boneca de trapos que abre e fecha os olhinhos azuis, nas mãos de uma criança, é mais importante para ela do que o Empire State Building*.

Ao término da leitura, desviando o seu olhar do dela, pediu que cada aluno, após pensar qual a coisa mais importante para eles – aquela que traz felicidade –, fizesse uma redação. Avisou: *quem fosse terminando estaria liberado para o intervalo*.

Ela preparou-se para escrever, não, sem antes, conseguir, com um olhar desafiador, que o professor a fitasse por segundos. Sabia que seu olhar tinha o poder de desconcertá-lo. E a fraqueza dele, o temor de encará-la como um adulto, lhe deixava brava. Por que ele suplicava sua piedade, compreensão e acolhimento? Por que o olhar de uma jovem o desconcertava tanto?

Nunca havia revelado a ninguém, mas, para ela, escrever era o maior prazer. Escrevia suas experiências. Escrevia para entender a si mesma e entender o mundo. Não sabia escrever para contar história, mas, sim, para expressar sentimentos e sensações. Escrevia seguindo um impulso que podia surgir a qualquer momento. Não precisava de assunto ou tema. A escrita era seu segredo. Nunca falara disso, pois não queria que o professor soubesse. Acreditava que, ciente desse segredo ele cobraria um crédito para si. Pois não era ele que falava de livros, estilos e escritores? Que ele não viesse querer compartilhar o amor pela literatura!

Naquele momento, na sala de aula, uma vez mais sentiu que o processo tivera início. O irresistível impulso de entregar-se às sensações e buscar palavras-sentimentos oriundas do seu desejo de ser. Tomada por uma febre, ela ia sendo moldada por essa busca de expressão.

Sem lembrar sobre o que deveria escrever, feito houvesse entrado em transe, escutou uma música que ocupou os espaços e criou um tempo único no qual ela encontrou a si própria. Ela já não estava ali, numa sala de aula, preparando-se para escrever. Tudo se eclipsara. Em êxtase, sentiu a musica transformar-se numa prece que paralisou a vida e fez do mundo uma oração. Um espectro de cores dançava na natureza, enquanto ela, bailarina, girava no coração do mundo. Todos seus sentidos se aguçaram despertando a lembrança do lugar ancestral do Silêncio e da Unidade. Lugar sagrado. Guardião do dizer do antes das palavras. E ela sabia. Sabia, mesmo sem que ninguém lhe houvesse dito: cada coisa é uma palavra. Para possuir a coisa tem-se que nominá-la e, quando não existe palavra, é preciso inventá-la.

Então, de súbito, a resposta para a pergunta do professor foi respondida: *não há encanto maior do que descobrir, na palavra, a coisa em si. A felicidade para ela era escrever. Escrever-se à toa. Escrever com a liberdade do andarilho que transvê o mundo num piscar de pirilampo. Escrever no nada, no chão, no voo suspenso do beija flor. Escrever desnudando as palavras de solenidade e formosura, libertando-as do ancoradouro do pensamento.*

Confessando na redação que escrever era a coisa mais importante, revelou seu segredo. Não podia voltar atrás. Mentir.

Sendo a primeira a finalizar a redação, entregou a folha de papel ao professor, desviando o olhar do dele. Saiu. Não tinha vontade de juntar-se aos grupos que se formavam na cantina. Voltou para a sala antes do término do intervalo. Surpresa, encontrou o professor. Sozinho, na sua mesa, ele quase que a atropelou com o seu olhar. Um olhar diferente, penetrante e delicado. Feito a pata pesada, porém macia e carinhosa, do seu cão, buscando agrados. Pela primeira vez estavam os dois, frente a frente, sem a presença dos outros alunos: sua plateia. Pela primeira vez os dois pareciam ver-se com as faces desnudas.

Então, tirando os óculos, ele falou: *Não sabia que você escrevia tão bem. Seu comportamento, nas minhas aulas, demonstrava completo desinteresse pela literatura. Nota-se, não pelo que você declara na redação, mas pela maneira como usa as palavras, um forte vínculo com a escrita.*

Não foi o elogio dele que destruiu o muro que existia entre ambos. Foi seu olhar e voz melancólicos que soavam aos seus ouvidos feito um adágio.

Totalmente desarmada, ela não sabia o que responder. Congelada pelo medo, como se houvesse sido pega em flagrante, praticando algum delito, o corpo não obedecia aos comandos.

E ele continuou: *também tenho meus escritos. Mas eles são muito íntimos, nunca mostrei a ninguém. Mas nunca havia pensado na palavra como a coisa mais importante para mim. Não tinha me dado conta o quanto de poder tem uma palavra e como, por meio dela, podemos ter o mundo aos nossos pés. Podemos desconstruir uma realidade cruel e injusta, inventar um grande amor e edificar um mundo mais bonito e harmonioso.* E perguntou: *Não foi isso que você quis dizer?*

Ah, ele estava entrando no seu espaço pela porta do coração. E ela não sabia lidar com o sentimento do homem medroso e atrapalhado a quem ela se propusera salvar. Agora ele assumia a po-

sição de aliado, oferecendo compreensão e acolhimento. Tudo parecia muito desconhecido e perigoso. Preferia o embate de antes: ele com sua aparente covardia, ela com a sua pretensa missão.

Após um segundo, que pareceu horas intermináveis, ela confessou baixinho: *é a mais pura verdade. A palavra é minha salvação.*

Revelar seu segredo, compartilhar seu mistério foi um dos atos mais corajosos que fizera. Despindo-se de todas as máscaras, libertando-se do peso que a impedia de alcançar a felicidade, sentiu-se leve. Muito leve. Feito houvesse renascido. Pois "escrever" era o "abre-te sésamo", a palavra mágica que abria as portas de sua alma Nesse momento formou-se um vínculo, silencioso e profundo, entre ela e o professor, mudando o destino de ambos.

Havia uma doçura no ar, um cheiro de jasmins da infância, uma paz gerada pelo encontro que inundava a sala com a luz tênue de um amanhecer.

A figura magra e desengonçada do professor ganhara amplitude e confiança. Ela, despojada do papel de aluna rebelde e perturbadora, pôde ser, simplesmente, quem era: uma moça sonhadora e tímida que tinha medo da felicidade e que conseguira uma conexão com outra pessoa.

Não eram mais oponentes que se revoltavam por verem a si próprio no outro. Eram seres que descobriram uma terra segura onde podiam se encontrar, a salvo, de todos os julgamentos: **a terra da poesia**. Daí em diante, compartilhando a coisa mais importante para ambos, um elo os uniu numa sincera e profunda amizade.

MARION[5]

Da primeira vez que a vi duvidei: seria uma fantasia, invenção, projeção dos meus sonhos? Uma personagem saída de uma pintura deslocava-se com graça e leveza na multidão. Sim, havia um quê de *trompe l'oeil* enganando os sentidos e provocando uma ilusão: tentar apreender aquela figura provocaria o seu esvanecimento. Chegar mais perto seria esbarrar num falsa porta. Fechar janelas invisíveis escurecendo o cenário.

À noite, com essa imagem embebida nos olhos, dormi profunda e calmamente. Sonhei com uma liberdade imensa que ultrapassaria meu corpo, minha casa, o inteiro universo.

A aflição de não poder discernir o sonho da realidade me fez voltar, na manhã seguinte, ao mesmo lugar. Esperei. Quando a chuva entardeceu o dia, ela surgiu. Um corpo franzino com a fragilidade de um bibelô de vidro. Parecia conduzida por um fio invisível. Numa distancia suficiente para não me deixar perceber testemunhei sua existência. Cada gesto me afetava. Precisava apossar-me do fio que conduzia seus passos.

Marion era o seu nome. Não foi desejo de homem, "amor à primeira vista" ou irresistível atração que me fez querer decifrar o segredo que guardava. Ela não exalava sensualidade pedindo contato de pele, despertando paixão, estimulando carícias. Era o enigma que me movia.

Durante alguns dias continuei seguindo Marion. De longe. Feito uma sombra. Ela, sempre sozinha, tinha um olhar distante. De espanto e atordoamento. Parecia perdida sem saber aonde chegar.

[5] A repartição dos pães op. cit. p.280

Até que um acontecimento nos entrelaçou.

Foi na livraria onde eu ficava horas lendo livros que não podia comprar. Ao entrar no auditório meu coração disparou. Marion estava lá. Não se tratava de ilusão ou miragem. Era ela, em "carne e osso". Vacilei. Mas não podia voltar atrás. Sentei-me na cadeira junto à dela. Sorrimos encabulados. E, nesse sorriso bobo, houve uma comunicação muda entre nossas solidões. Quantas coisas foram ditas nesse instante muito antes de serem faladas! No nosso silêncio residia o entendimento.

Houve um depois. Depois da mudez inicial surgiu o impulso de explicar. De confirmar. De ver solidificado em palavras o mistério da comunicação. Feito homens de pouca fé, precisávamos ver para crer. Tocar para sentir a solidez da verdade da compreensão. Ouvir para escutar. Não estávamos preparados para a simples alegria do encontro, sem motivo ou pretexto.

Passamos a nos encontrar. Uma sofreguidão, por tanto tempo de escassez da nossa voz, nos levava a conversas intermináveis. A fala de Marion ficava ecoando na minha cabeça: ... *desconheço-me e, quando me procuro, sinto por dentro um cheiro de coisa queimada feito o fogo houvesse transformado em cinzas as palavras que me definiriam. Remexo nas cinzas na busca inútil de encontrar algo que revele quem e o que sou... desesperanço... dentro de mim existe um grande vazio, uma nostalgia, saudade pelo que poderia ter sido e pelo não vivido... um desamparo e desejo de retornar ao tempo do Antes... sou muito angustiada...* Então eu sentia o fogo da angústia ardendo dentro dela e as chamas da minha própria angústia misturando-se àquelas labaredas.

Eram poucos os seres que tinham coragem de admitir sofrer desse mal. Aqueles poucos que diziam, com orgulho, sentir angústia, o fazia para atribuir-se um sentimento que os outros não compreenderiam, colocando-os numa categoria superior. Ostentavam uma angustia de fachada, esnobe, intelectualizada. Desconheciam que a verdadeira angustia implica num desamparo tão grande, numa discordância com o mundo, numa desesperança sufocante que é difícil de ser confessada. Marion e eu

tínhamos a mesma marca: éramos seres angustiados. Como tal, compartilhávamos nossa solidão.

O elo que me ligou a Marion não foi carnal. Porque sua alma havia se apossado do corpo. Não a via como mulher, o que me liberava das preocupações de lidar com alguém de outro sexo. Para mim ela não se enquadrava num gênero. Pertencia à espécie da qual, também eu, participava: dos seres marcados pela dor da angústia. Por isso nos tornamos, mais do que amigos e companheiros, cúmplices.

Reconhecido esse elo, não nos desgrudávamos. Feito náufragos que encontram um pequeno rochedo onde podem se agarrar, esperando a salvação, nós nos precisávamos e nos usávamos. Tentávamos encontrar a resposta. Resposta a quê? Não sabíamos. E nos culpávamos por essa ignorância, pela dependência que tínhamos um do outro, pela impossibilidade de desfazer o entrelaço de nossas vidas e alcançarmos a libertação. Com o desejo de pássaro Marion queria voar. Mas eu prendia o fio do seu destino. No íntimo, estava totalmente obcecado pelo desejo de apropriar-me da sua angústia. Comandá-la. Aprisioná-la. Submetê-la ao meu entendimento. Esperava, talvez, curar a minha angústia devorando a dela.

Feito ela fosse uma marionete, necessitava inventar um *script* para dar-lhe vida.

Durante um tempo Marion parecia grata e, até mesmo feliz por transformar sua aflição e desesperança – somente partilhadas comigo – na ponte que ligava nossas solidões. Mergulhava na angústia com sofreguidão. Afastava as emoções positivas mesmo que fossem prenuncio de prazer. Tinha medo de entregar-se a outros sentimentos porque sabia que esses seriam fugazes. Iriam terminar. E, quando isso acontecesse, a angustia voltaria ampliada e não mais caberia no seu peito. E ela nada seria. Apenas um grande vazio sem ter onde se sustentar.

De repente, uma ventania inesperada foi, aos poucos, apagando o vermelho das labaredas da minha própria agonia e mergulhei em águas profundas. Quando emergi me dei conta

que, enquanto esperava viver, seja lá o que isso significasse, a vida ia passando e me deixando para trás.

Seria possível mudar meu destino atrelado ao de Marion?

À medida que tentava desatar o nó que sufocava meu peito, aplacar o desejo que proliferava mais e novas angústias, Marion passou a sentir angústia da própria angústia. Debelava-se para não deixar aflorar toda a sensualidade reprimida feito empino de égua no cio.

Nosso vínculo tornou-se uma amarra. Estávamos aprisionados. O convívio passou a nutrir sofrimento. Sentia o amargor em Marion que, afetada pela alegria e sensualidade das outras moças, já não demonstrava satisfação de ser uma "igual" para mim. Parecia, pela primeira vez, reparar nos casais apaixonados caminhando de mãos dadas, beijando-se nos cantos dos corredores. Entrevia nas suas atitudes o desejo de mostrar-me que ela era "mulher" e como tal gostaria de ser vista.

Passamos a brigar. Enquanto no olhar dos outros éramos o casal diferente que se mantinha à margem, feito tivéssemos medo de sermos contaminados pelo vírus da *normalidade*, me dei conta de que, na procura que empreendíamos em sermos nós mesmos, no detrás do grande muro que nos separava do mundo comum, nascia uma hostilidade.

A verdade é que, mesmo sem ter plena consciência, o alumbramento inicial pela descoberta da nossa marca comum estava se transformando na acusação recíproca de culpa. Culpa pela impotência de nos lançarmos à vida. Culpa por termos empreendido uma luta para nos mantermos autênticos afastando-nos da vida real.

Buscando recuperar a liberdade, eu tentava evitar Marion. Não queria mais tê-la como dupla. Como fazer para quebrar o espelho? Romper nosso pacto e, indo além da angustia, encontrar em Marion minha alteridade? Por que não era capaz de entendê-la e amá-la como mulher?

O tempo passava. Feito alguém que observa uma competição, mas ignora as regras da peleja, eu olhava o mundo tentando

descobrir como entrar no jogo. À margem, via os acontecimentos se sucederem formando histórias de vida, intercalando encontros e partidas, conquistas e fracassos. De fora, sozinho na estação, via o trem partir e, dos vagões, os passageiros acenarem para aqueles que, feito eu, não tiveram a coragem de embarcar.

Às vezes convidava Marion para um café ou sorvete. Despojados da espontaneidade para os gestos comuns, feito sentar-se à mesa, olhar o cardápio, pedir o café e, face a face, ver como o outro segurava na xícara ou lambia a bola do sorvete, nosso convívio passou a ser um incômodo. Através desses gestos banais víamos a humanidade desengonçada surgindo no outro. Onde estava a intimidade que existia quando descobrimos nossa marca e somávamos desejo e energia para salvar o mundo da pequenez dos normais? Que restara do maravilhamento diante das nossas revelações e projetos de vida?

Quando, por acaso ou descuido, tocava no corpo de Marion, disfarçava meu constrangimento em ver seus olhos arregalarem-se procurando decifrar a intenção daquela atitude. Fingindo não perceber que ela desejava um significado, rapidamente, eu fazia tudo voltar ao normal. O fato é que nossos gestos e mudez denunciavam nossa estranheza.

Não sabíamos como desatar o entrelaço que nos prendia para, em liberdade, seguir nossos destinos. Mesmo diante de portas abertas, feito bichos de cativeiro, recusávamos a abandonar a prisão. Por que não nos concedíamos a alforria?

Então aconteceu. Não é o fato em si que importa relatar. Dele, apenas tenho vagas lembranças e não consigo reproduzi-lo na sua objetividade. Aliás, ainda hoje me indago: *haverá objetividade nos acontecimentos que vivemos ou deles, apenas, guardamos as impressões e o impacto que causaram?*

Foi num sábado que anunciava tédio e cansaço. Encontrei Marion e não tínhamos ideia de como ocupar o tempo. Tempo que, mais do que o *tic tac* do relógio sequestrava a felicidade que aguardávamos e que nunca chegava.

Carentes de nós mesmos, estávamos condenados ao exílio dos nossos próprios destinos. O que poderíamos fazer? Aonde poderíamos ir? Nem as palavras que antes usávamos para tentar resistir e enfrentar a vida que, a cada instante, roubávamos um do outro, vinham nos acudir.

Sem indicações ou placas para nos guiar, seguindo nossa errância, entramos num ônibus ignorando aonde chegaríamos. No final da linha todos os passageiros desceram e logo se dispersaram. Marion e eu, caminhando a esmo, desembocamos num beco estreito e desabitado. Ladeado de árvores ancestrais e calçadas de paralelepípedos remetia a um passado remoto. Lugar estranho onde nunca estivéramos. Mas, algo familiar nos impelia a seguir. Feito se, nas palavras do vento, na agitação das folhas que acompanhavam o bater descontrolado dos nossos corações e no eco dos nossos passos, houvesse uma mensagem que precisávamos decifrar.

No final dessa ruela, encoberta por vegetação espessa, encontramos uma construção: robusta, na imponência da pedra, reclusa como se resguardasse sua intimidade da curiosidade de estranhos. Sem nos falarmos, assustados e curiosos, paramos diante da casa. Cidadela de paredes espessas e impenetráveis nos prometia proteção contra as trevas da angústia.

A porta estava entreaberta, entramos. Entramos no passado que não havíamos construído. Entramos no futuro que teríamos para recordar. Reencontramos o presente que havia escapado das nossas mãos.

Entramos nos sonhos que a angústia nos havia roubado. Contrastando com a dureza das pedras cobertas de musgo, as paredes elevadas e a poeira que se desprendia de móveis antigos, a casa nos cercava de intimidade e aconchego.

No centro da sala uma réstia de luz, vinda do sótão, nos iluminou. Desta vez não buscamos mais entender. O mistério desvelou-se, por si próprio, desocupando nossos corações da avidez de explicar. Através das janelas abertas o mundo nos convidava para a vida.

PARA ONDE VOU?[6]

Quando lhe disseram que iria viajar nem se importou de perguntar para onde, nem quando. Há muito tinha um desejo entranhado de sair. Não, não era vontade de passear – ir e voltar para o mesmo lugar. Ou de ter uma distração: espairecer. Era desejo de ir embora, partir. Mas se, frequentemente, esquecia onde estava como saber para aonde queria ir?

Épocas, fatos e recordações misturavam-se na sua memória com a mesma agilidade que, num tempo que foi embora – por que e para onde fora?– observava as cartas do jogo serem embaralhadas numa mesa animada por conversas e risos.

Solange. Era seu nome de batismo. Mas nunca gostou que a chamassem assim. Soava feito não fosse ela. Esquecia até, muitas vezes, de responder. Em compensação, encontrou a si mesma no apelido que exibia, tanto nos afetos quanto nos documentos: Sol. Era assim que se sentia e como tal se apresentava: Sol.

Sol deixava rastros de luz por onde passava. Presença magnética, sorriso cativante. Gostava que apreciassem seus traços harmônicos, caminhar glamoroso de rainha. A timidez, bem disfarçada, exigia que os olhares mantivessem lonjura para que ela não se sentisse tocada. Preferia ser admirada feito uma pintura no museu, numa certa distância através de uma percepção silenciosa.

O passar do tempo foi sombreando a luz, definhando o corpo elegante, marcando a alvura do rosto de Sol. Feito rosa que, após seu esplendor, espalha no chão as pétalas que formavam

6 Viagem a Petrópolis op. cit. p.316

sua beleza, a boniteza de Sol foi deixando o corpo e passou a ser recordação estampada em fotos preto e brancas espalhadas em porta-retratos.

Escutou, outra vez, a voz que dizia: *Sol, junte suas coisas, não vá esquecer nada...*

Esquecer... Nesse momento ela lembrou. Não foi, na verdade, um lembrar, mas um reviver. Naquele instante estava num sobradinho de esquina, com um piano na sala, debruçada na janela para ver o moço bonito passar. Coração descompassado. Era o temor de escutar o pai – *sai já dessa janela e venha estudar sua lição de piano* – e o duvidar da vinda do moço que lhe agitava a alma e provocava na pele sensações desconhecidas.

Depois, a lembrança ia escurecendo e outra vez o estranhamento se apossava de sua memória. Nunca conseguia concluir as recordações. Elas vinham esparsas feito um livro que faltavam muitas páginas. Novamente um vazio, uma ausência dela mesma, um desconhecer-se.

O olhar perdido perambulava ao redor. Tomada por uma angústia, perguntava-se: *por que Raquel me trouxe até aqui?* E o espanto irrompia o silêncio com a voz saída do coração: *Raquel, Raquel, onde você se meteu, por que você não vem me ver? ...*

Raquel era a primogênita e a preferida de Sol. O filho caçula foi fazer faculdade no exterior, constituiu família e por lá ficou. Raquel teve destino idêntico ao da mãe. Enviuvou cedo, filhos ainda por criar. Decidiram morar juntas.

Os netos enchiam a casa de barulhos e contentamentos. Os risos, abraços e afagos nutriam o coração de Sol com o brilho que a ausência do marido eclipsara. Experimentava, outra vez, o sabor da vida.

Ocupava-se dos afazeres da casa, ajudava os pequenos nas tarefas escolares, costurava, levava as crianças nas aulas de natação, judô, balé – *tão jovem, parece até a mãe dos meninos...*, diziam.

Sol satisfazia as vontades dos netos, contava estórias, escutava as queixas, consolava as tristezas. Plena de satisfação porque seus conselhos eram sempre bem-vindos.

Sem saber precisar quando, Sol assistiu a chegada de outro tempo. Dos netos crescidos, correndo atrás de projetos, sonhos, desejos. Entravam e saiam apressados. Falavam – *tudo bem vó?* – e se despediam com um beijo nos seus cabelos. Quando estavam em casa ou era computador ou amigos que pareciam conversar numa língua estrangeira desconhecida para ela. Tornara-se prescindível.

A ida de Raquel para a América, num segundo casamento, agravou a sensação de que "seu tempo" havia passado. Se antes era necessária e, até mesmo, essencial ao funcionamento da casa, agora sentia-se com "prazo de validade vencido".

Depois da viagem da filha, Sol permaneceu na casa morando com os netos, todos já adultos. Mas julgava ser um incômodo, um estorvo – *quem vai ficar com a vó esse final de semana? não posso, tenho compromissos...*

Foi assim que Sol teve a certeza melancólica de que a pessoa que ela pensava ser fora usurpada pela figura de uma "velhinha simpática" sentada numa poltrona da sala de estar. A ela se referiam como "idosa", mas, muitas vezes, comparando o ontem com o hoje, tinha a sensação de estar sendo "vista" feito uma velha mesmo... Continuava a desejar que a olhassem, ouvissem, precisassem dela como antigamente. Convencia-se, então, ser impossível o tempo andar para trás. Era preciso seguir até o fim.

Sol de nada reclamava. Os netos, muito ocupados, não perderam o afeto – *precisa de alguma coisa, vó? qualquer problema pode telefonar*. No íntimo, a contrafeito, sabia que já não era protagonista da história. Da própria história de vida. Qual o papel da nova personagem que se tornara? Estava em cena feito "figurante"? Não sabia como deveria agir. Ou melhor, o que esperavam que ela fizesse. Por que não lhe dizia qual a sua fala? Ela própria não conseguia encontrar o texto nas gavetas do coração.

Será que se tornara um cenário, ilustração silenciosa de um prólogo já esquecido? Acostumada sempre a servir, ter uma funcionalidade e, até mesmo, ser imprescindível para a rotina da casa, foi uma percepção doída sentir que se tornara "inútil".

O presente, caminhando a passos largos para o futuro, deixara Sol para trás. Fatos, acontecimentos, decisões continuavam compondo uma história da qual ela tornara-se mera leitora. E as entrelinhas diziam – *tempo esgotado. Chegou a hora de sair de cena... agora quem deve ocupar o palco são os jovens...*

Netos casados. Outro deslocamento para Sol. Qual o seu novo lugar? Preferia morar sozinha, ter o seu canto. Mas - *sabiam o que era melhor para ela,* desconhecendo seus desejos e sonhos. Temiam por seus lapsos de memória e distrações, pela possibilidade de alguma queda. Não conseguiam perceber que o grande baque já havia ocorrido, não no corpo, mas na alma. Decidiram que ela iria morar com a neta mais velha.

Viajar... Sol acordou no meio da noite atordoada – dormira demais, perdera a hora? Abriu o guarda roupa e, em vão, tentou encontrar o *tailleur* marinho usado no seu primeiro encontro com o moço bonito. Ou teria sido quando foram naquela cidade serrana onde o frio era pretexto para que ele a abraçasse mais forte?

A mala. Precisava fazer a mala. Lembrou-se da alegria quando, orgulhosa, ajudou o filho a fazer a mala da viagem para o exterior. Selecionado, dentre centenas de candidatos das melhores faculdades, para estágio importante. Passaporte para o futuro profissional. Lembrou-se que a euforia e orgulho foram logo transformados em saudade, agonia que fazia doer o corpo inteiro e chover saudades pelos olhos tristes.

Lembrou-se quando foi apresentada à moça estrangeira – *ah, não vão voltar ao Brasil, nunca mais? ... Para sempre?*

E nesse recordar voltou ao domingo no qual viajou. Estava muito feliz, iria conhecer o neto. O "gringuinho", como diziam as amigas. Como era lindo, cativante e inteligente! Foi uma conexão imediata, parecia até que já se conheciam de outras vidas.

De volta ao presente, Sol tenta adivinhar a coisa importante que tem que fazer. Passando pelo espelho vê uma imagem que não reconhece: Um olhar, irritado e impaciente, parece lhe espionar.

Sim, é verdade que a velhice, muitas vezes, irrita os mais jovens. O marido da neta não entendia a presença de Sol na casa: interferindo, atrapalhando, causando transtornos à vida do casal – *Por que tinha que ser na casa deles? E quando chegasse o bebê? Ela teria que desocupar o quarto...*

A memória traía Sol nos momentos que mais precisava. O ontem a remetia para um passado distante. O dia anterior era apenas uma tela vazia. Deixava as torneiras ligadas, o fogo e as luzes acessos. Confundia o dia com a noite.

É preciso dar um jeito nisso, reclamava o marido da neta. – *Por que você teve que assumir sua avó quando ela tem mais dois netos? Não podemos mais adiar a decisão*.

Muitas reuniões foram realizadas. Cada um apresentava argumentos para convencer a si próprio que estavam agindo corretamente: o abrigo seria a melhor opção para mãe e avó. Abrigo não, casa de repouso. A melhor da cidade. Mais confortável do que muitos hotéis que haviam se hospedado. Bonita, limpa, funcionários capacitados e simpáticos, com um lindo jardim onde existe até um canteiro de rosas vermelhas – flor preferida da mamãe, disse o filho do meio. Até piano tem, acrescentaram, para que mamãe lembre-se da sua juventude, ou, quem sabe, arrisque-se a voltar a tocar.

Esqueciam, proposital ou inconscientemente, de analisarem os argumentos contrários, feito houvessem, apenas, pontos favoráveis.

Era engraçado que, pela primeira vez, depois de muitas discussões sobre assuntos relacionadas à mãe, havia um consenso. A filha caçula, a única que parecia resistente, ainda tentou argumentar: *vocês acreditam mesmo que mamãe, de sã consciência, iria preferir mudar-se para a "casa de repouso"*? Um silêncio pairou no ar. Ninguém se entreolhou. Após segundos que pareceram uma eternidade, alguém disse: *os tempos mudaram. Lógico*

que pretendíamos que ela ficasse conosco até o final da vida. Mas já não temos condições de dar-lhe os cuidados e atenção que ela precisa e merece. Mais depressa do que a gente imagina se adaptará porque gosta de conversar e é simpática. Fará novas amizades com pessoas nas mesmas condições. E acrescentou: *Sem esquecer que não deixaremos de visitá-la. Tantas vezes quanto quisermos. A filha caçula pensou, sem ter coragem de externar o pensamento: eles nunca visitaram um abrigo ou casa de repouso, como teimam em chamar. As grandes queixas que ouvimos dos que lá estão é, justamente, o abandono da família, a solidão devido à ausência daqueles com os quais conviveu toda uma vida.*

Acertada a data da mudança para a Casa de Repouso e, ainda, a lista das coisas que ela precisaria levar, cada um foi para sua casa com o coração meio apertado e uma dorzinha que latejava na consciência. Ao mesmo tempo, repetiam feito se tivessem recitando um mantra: *vai ser melhor para ela, vai ser melhor para ela, vai ser melhor para ela*. Afinal, nas decisões da vida, temos de ser racionais.

Nessa noite, Sol não conseguiu dormir. O colchão duro, ao qual já estava se acostumando – *colchão mole é ruim para sua coluna vovó* –, incomodava as costas. A cabeça girava num redemoinho de lembranças desconexas, apertava-lhe o coração. Viu sua mala no quarto e lembrou-se da despedida do filho e seu choro preso com muito custo. Da mudança da casa quando o marido morreu. Da partida de Raquel para os USA. Mas, desta vez, soltou as lágrimas e chorou todas as despedidas. Todas as saudades. Principalmente a saudade dela, de quem ela fora. Da vida feliz com o marido e filhos, chegada dos netos, luminosidade dos dias. Nunca mais haveria uma claridade orientando sua vida. *O tempo não volta... o tempo não volta... o tempo não volta.*

O dia seguinte não chegou. Nem chegaria mais nunca. O tempo não volta. Mas pode parar. Ela havia chegado ao fim do tempo...

Deitada, sorriso nos lábios e ar da felicidade. Foi assim que a encontraram na manhã do dia que nunca chegou para ela.

A IRMÃ[7]

Apesar de serem totalmente diferentes, tanto de temperamento como de atitudes, eram amigas inseparáveis. Mais do que amiga, Dorinha considerava Roberta "irmã por escolha afetiva". O vínculo de união era mais forte do que o elo sanguíneo. Havia gratuidade no sentimento e, consequentemente, maior responsabilidade.

Estudavam na mesma escola, em turmas diferentes. Dorinha, inteligente e estudiosa, pertencia à classe dos alunos adiantados. Roberta, sem o mínimo pudor, aproveitava-se da generosidade da amiga, exigindo que ela fizesse seus deveres, preparasse trabalhos, emprestasse objetos. Sentindo-se valorizada, atendia, com prontidão, aos pedidos da amiga, orgulhosa por acudi-la. Convencida de um gostar desinteressado e genuíno, não percebia que estava sendo usada.

Naquela relação não existia reciprocidade. Tampouco reconhecimento ou afeição por parte da "amiga-irmã".

Dorinha sofria pela falta de autoestima. Bonita não era. Baixinha e atarracada, não fazia sucesso com os meninos. Tudo piorava porque não valorizava seus atributos: olhos grandes, negros e expressivos, cabelos lisos e brilhantes, sempre preso num coque. Além do mais era uma leitora voraz e entendia dos mais variados assuntos. O pouco que falava, compensava no escutar. Por sua vez, Roberta, alta e longilínea, rosto angular e boca carnuda, possuía uma beleza diferente. Exótica, como diziam.

[7] A Solução op. cit. p.325

Para compensar o sentimento de inferioridade e exclusão, Dorinha devorava doces. Vangloriava-se de ser a "melhor amiga de Roberta". Elogiava a boniteza da amiga. Incumbia-se de ser o melhor cabo eleitoral nos concursos de rainha do milho e das quermesses escolares.

Roberta recebia o que lhe era dado, não com reconhecimento ou carinho, mas feito tudo lhe fosse devido, por obrigação. Colocava-se num patamar de rainha fazendo de Dorinha sua mais fiel dama de companhia.

As duas estavam sempre juntas: na hora do recreio, de volta à casa, nos intervalos das aulas. Muitas vezes passavam os finais de semana uma na casa da outra. Dorinha comentava sobre os filmes e livros. Depois, nas conversas com os grupos, Roberta, descaradamente, apossava-se dessas opiniões para ostentar uma cultura que não possuía.

Ninguém entendia aquela amizade. Aliás, ninguém compreendia porque Dorinha, tão inteligente, não notava a falsidade da pretensa amiga.

Quando outros colegas tentavam conversar com Dorinha, alertava: *elas só querem zombar de você*. Pior. Caso algum garoto se aproximasse, inventava maledicências fingindo zelar pela reputação da amiga. Resultado: Dorinha fugia de qualquer contato, dedicando-se, exclusivamente, à Roberta.

Um dia, no recreio, Dorinha encontrou Roberta com o rosto vermelho e olhos inchados de tanto chorar. Perguntou o que se passava tentando acalmá-la. Perguntas ficaram sem respostas, carinhos e consolo foram rechaçados. Roberta permaneceu em silêncio total até a hora de voltarem à aula. No último instante, Dorinha convidou a amiga para almoçarem na pizzaria que essa tanto gostava. Seria por sua conta. Chegando mais cedo do que a hora combinada escolheu uma mesa de canto para ter mais privacidade. A amiga atrasou-se mais do que o usual. Continuava com o rosto inchado. Parecia odiar o mundo. Sentou-se sem dizer uma palavra. Com uma enxurrada de perguntas, que se

sucediam sem respostas, Dorinha, cada vez mais ansiosa, queria saber do ocorrido. Que ela lhe contasse nos mínimos detalhes. Só assim poderia ajudá-la. Abatida, Roberta nem chegou a tocar na pizza preferida, já ordenada por Dorinha, enquanto essa comia com avidez redobrada e falava de boca cheia.

Numa explosão inesperada, ódio e fúria no olhar, Roberta segurou fortemente os braços de Dorinha. Falou em alto e bom som: sua intrometida sem noção, gorda pegajosa, quer saber o que houve? Paulo acabou o namoro comigo e avisou que iria viajar com Matilde. Satisfeita agora, sua invejosa que não sabe o que é perder um amor? Subitamente, tudo o que ela pensava sobre Dorinha, veio à tona. Ofensas e impropérios jorravam feito água de cachoeira. Dorinha, tomada de espanto, engasgava-se à cada insulto recebido. Pior do que bofetada na cara. A última ofensa, tal beijo do príncipe na bela adormecida, fez Dorinha acordar da letargia. Até que, totalmente desperta, tomou consciência do engodo desse gostar gratuito, da dedicação e idolatria à irmã por "escolha afetiva". De súbito, levantou-se e, sem nada dizer, puxou Roberta para junto de si. Com a força de um sansão traído, apertou-lhe a garganta para estancar a maldade destilada pelas palavras.

Roberta foi perdendo a cor. Um líquido gosmento escorreu no canto dos lábios e ela caiu estatelada.

Em alvoroço, as pessoas levantaram-se – *chama a ambulância, avisa à polícia*. Dorinha, impassível, sentou-se sem esboçar reação. Olhar perdido e distante parecia desconhecer o que se passava.

Levada pela polícia, seu comportamento provocou opiniões contraditórias – *atirasse a primeira pedra quem aguentaria toda a falsidade, desprezo, exploração que Dorinha suportou*.

Julgada, a pena foi leve devido aos bons antecedentes e circunstâncias atenuantes para o gesto tresloucado. Na prisão, voltou a ser a pessoa que sempre fora: doce, afável, prestativa. Deixou de sentir-se excluída. Experimentava, pela primeira vez,

autoestima. Encarregada da biblioteca, ajudou muitas mulheres a descobrirem a importância da leitura. Concluiu o curso de professora durante o encarceramento.

Continuava a gostar de doces e chocolates. As guardas, vez por outra, a presenteavam com guloseimas. Devido ao bom comportamento teve a pena reduzida. Quando saiu da cadeia, voltou à sociedade como professora de literatura.

CURIOSIDADE INFANTIL[8]

Por quê? Por quê? Por quê?

Ele, com a curiosidade da infância, precisava compreender o que existia. Na inocência que desvenda o inédito buscava o significado dos objetos, sons e sabores. Enquanto o mundo descortinava-se perante seu olhar maravilhado indagava o porquê de tudo aquilo que via, ouvia e tocava. Perguntava, sobretudo, o porquê da palavra que dava nome às coisas.

Nessa tentativa de decifrar cada experiência vivida, sem saber, filosofava. Natural e espontaneamente como deve ser o filosofar.

Após escutar as explicações que lhes eram dadas, o menino alongava seu olhar para muito além de onde estava, feito braço espichado para colher o fruto no alto da árvore. Calava-se, por alguns minutos, para logo após voltar com tantos e muitos outros "por quês", acrescentados de "para quê".

A família orgulhava-se da sua sagacidade: *sim ele é mais do que um garoto esperto, um gênio!* – é o que diziam os olhares extasiados. Para provar que não exageravam faziam-no repetir, diante de semblantes fascinados, as conclusões advindas do seu modo perguntador de descobrir o mundo. Esse processo, para o menino, era tão natural que ele nunca entendeu o motivo de tanto espanto.

Quando, ainda na sua meninice inicial, a mãe lhe disse que precisaria de óculos para enxergar melhor, aceitou, sem reclamar. Tal como aceitava a qualidade de inteligente que lhe era atribuída.

---

[8] Evolução de uma miopia op. cit. p.328

À medida que a infância caminhava no tempo o falar do menino foi deixando de causar estupor na família. Ao contrário. Quando não diziam explicitamente, "*não é bem assim... de onde você tirou isso?..., é para ser diferente ou do contra*? deixavam transparecer, pelo rápido desinteresse na escuta, o julgamento: *muita leitura e pouca realidade...*".

No momento em que sua fala era importante, sua voz não repercutia como antes. Às vezes, ainda conseguia surpreender a família quando dizia citações retiradas de livros. Mas, a admiração demonstrada resultava não tanto pelo que era dito e, sim, como um modo de esconder a incapacidade de compreender esse falar diferente.

Quando a reação ao que ele dizia passou a oscilar entre o elogio e a desatenção, a insegurança para entender a si próprio, aumentou na mesma proporção das suas lentes para miopia. Os óculos, sinal visível de que não era igual aos outros eram, também, a salvaguarda de sua "diferença". Safava-se de participar das atividades esportivas, das brincadeiras de lutas e correrias, tão atrativas para os outros e detestadas por ele.

Agora, ele passara a ser o "menino de óculos", título que parecia apropriado ao seu gosto pela leitura e silêncios expressivos.

Quando queria entender melhor, tirava os óculos como precisasse livrar-se de uma parede de vidro interposta entre o olhar e o mundo. Absorto no pensamento, ausentava-se.

Afinal, quem era ele? *Inteligente, do contra, diferente*? Ou quase tudo isso? O espelho familiar, onde primeiro se viu, ora refletia uma curiosidade natural e, outras, uma inadequação para a vida.

Homem feito, a miopia, que dificultava enxergar as coisas do mundo, não permitiu que reconhecesse o quê ou quem ele era. A impossibilidade de abarcar-se e compreender-se impregnaram, com uma sensação de fracasso, todas as tentativas de encontrar um caminho. O seu caminho. Começou a pensar que, talvez, se extraviar fosse o caminho.

Diante da indefinição do que ele era e da necessidade de encontrar uma certeza, passou a olhar-se em outros espelhos: às vezes, via alguém calmo e introspectivo. Indagava-se: *Por que não enxergavam o rebuliço de minhas emoções?* Noutras, deparava-se com a solidão. Inquietava-se: *por que não percebem meu desejo de ser igual aos demais*. Na verdade, desejava comungar de ideias e afetos. Livrar-se da solidão que o devastava.

Mas houve uma ocasião que sua miopia foi curada e ele pôde enxergar compreensão e acolhimento. Esse fato marcou, para sempre, a lembrança do menino tornado homem.

Foi quando ele conheceu D. Maria do Carmo, professora substitua da turma da escola. Solteira e sem filhos, dedicava a vida ao ensino. No primeiro dia de aula, ao cruzar seu olhar ao dela, o menino reconheceu a marca da "diferença".

D. Maria do Carmo falava com voz suave e mansa. Mas quem pensou que risinhos, cochichos e bagunças poderiam amedrontá-la, enganou-se.

A autoridade da professora novata vinha mais do olhar do que das palavras ou tom da voz. Olhar que escondia, detrás da doçura, garras afiadas de bicho acuado pronto a revidar o ataque e não se deixar capturar. Olhar de aviso, de alerta, gritando por ajuda. Olhar que, de imediato, o menino decifrou. Olhar que foi o espelho límpido e desembaçado onde ele, pela primeira vez, pôde se enxergar.

A monotonia do período escolar foi substituída por uma excitação de esperar um novo dia para encontrar a professora. Na primeira semana mantiveram um diálogo silencioso por meio de gestos e olhares. A atenção do "menino de óculos" às aulas, contrastando com o desinteresse dos demais, funcionou como um pacto. Ambos sabiam, mesmo sem palavras, que se precisavam mutuamente e que chegaria a hora na qual a carência seria preenchida pelo possuir. Pressentir que a lacuna do desejar ficaria plena provocava em ambos uma alegria tranquila, uma excitação pelo novo tempo prestes a chegar.

Então aconteceu. Na sala de aula o menino tirou os óculos e, acendendo o olhar de coragem e decisão, perguntou alguma coisa à professora. A resposta que recebeu não foi o que importou. D. Maria do Carmo entendendo que o perguntar do menino era o símbolo de que ele estava pronto para uma aproximação, disse: *no recreio posso explicar melhor.*

No início, por falta de prática, eles titubeavam no conhecer. Por muito tempo, estiveram à procura de um entendimento, uma compreensão. Mas não sabiam como construir. Buscavam uma amizade. Tinham medo das palavras. O menino por temer que, uma vez mais, ao invés de ser escutado fosse julgado. A professora, pelo tanto de amor maternal que tinha. A carência foi juntando os dois seres de histórias tão diferentes, mas tão iguais na necessidade de serem amados.

Por fim, o menino aprendeu que não tinha a menor importância saber se era ou não inteligente. Descobriu que entender e acolher eram questão de sentir, entrar em contato. E passou a usar a inteligência para entender a não inteligência.

UMA HISTÓRIA EM VÁRIAS VERSÕES[9]

Uma história tem várias facetas. Feito um caleidoscópio. Embora o fato seja o mesmo, a feitura depende da porta que você abre para entrar. Mas isso não significa que somente uma das histórias é verdadeira e as outras, falsas. Tudo depende de como você movimenta o caleidoscópio e faz uma cor sobressair sobre as demais.

Na primeira história o caleidoscópio está sobre a mesa. Em descanso. Nem me dou conta de sua presença. Tudo é neutro e o cinza envolve o ambiente. Começa assim:

A nostalgia me espreita. Chove no lado de fora anunciando a chegada da angústia. Sinto-me encurralada no meu apartamento e nada nem ninguém podem aliviar o tédio. Sobre a mesa de trabalho, o computador. Penso: escrever poderia trazer algum alívio. Repousar os pensamentos no ócio e deixar que a lassidão invente alguém para incorporar e expressar a angústia – velha amiga e companheira – que se aproxima. O título seria: **Transferindo a angústia para o personagem**.

A outra história é a mesma da primeira:

Estou sozinha no meu apartamento. Lá fora, a chuva. As gotas respingam na vidraça da janela chorando as lágrimas que retenho. A folhinha marca o dia da entrega do romance à editora. Nervosa, tento encontrar um consolo, alguma coisa que possa aliviar essa sensação. Seguro o caleidoscópio feito apertasse uma mão amiga. As nuances do vermelho invadem o espaço.

[9] A quinta história op. cit. p.335

Abro o computador. Relendo o que escrevi não consigo decifrar nenhum esboço da história que preciso narrar. Nem lembro, sequer, o tema. Abandonada pelas palavras não sei como irei escrever. Preferiria pintar ou dançar a história, sem início, meio e fim. A solução é buscar fragmentos espalhados e dispersos lá fora. Mas chove. Não posso sair. Tudo está tão fragmentado... Dentro de mim alguma coisa muito delicada, feita de cristal ou vidro, quebra-se. Por descuido – sou muito desatenciosa – piso nos cacos e não sei como estancar o sangue que pinga desenhando um caminho. Ouço o *tic tac* do relógio marcando o tempo. Sou responsável. Tenho que concluir a história: **Como juntar pedaços de fatos e criar um ato**.

A terceira história tem os mesmos personagens das anteriores: 1) uma história que precisa ser escrita, 2) o desamparo de não saber como fazê-lo, 3) a chuva e, como protagonista, a angústia:

Chove. Preparo uma xícara de chá de camomila. Abro a gaveta da cômoda e apanho uma coberta quentinha. Ligo o som e escuto *Hallelujah*. Refestelo-me na poltrona junto à janela. Sem me dar conta, adormeço. No sonho estou no jardim secreto e encontro um livro. Sei que ali estão todas as histórias que preciso escrever. Não consigo abri-lo porque esqueci o segredo do cadeado. Desperto numa tristeza mansa que ocupa todo espaço de sensações flutuantes, pedindo-me para vivificá-las. Escrevo feito alguém que se perdeu no caminho e continua andando, correndo, gritando, para encontrar um rumo. Escrevo para reencontrar-me. O nome: **Procurando uma saída**

A quarta história tem uma aura de esperança. A cor é prata. Um personagem é adicionado: uma gestação. Grávida de uma história, aguardo o momento do nascimento. Lá fora, a chuva. Mas os pingos na vidraça não são lágrimas. A água transforma-se no leite materno que nutre as palavras. Tento adivinhar o rosto da história em gestação. Misturo invenções e lembranças. Somente saberei como será a história quando ela tornar-se um fato e ganhar autonomia. Um acontecimento. Ao desprender-se de mim, perderei todo controle. O título: **Seguindo a história**.

A quinta e última narrativa é a mais breve de todas. Os personagens são: o amanhecer e as águas do mar que se juntam às da chuva:

Sentada na poltrona bebo uma xícara de café. Testemunho a passagem da noite para o dia. A lua minguante despede-se. As ondulações delicadas do mar apaziguam aflições e saudades. Tudo se reveste de delicadeza. O sol surge imponente. Abro o computador e começo a escrever a história que o silêncio do amanhecer vai me contando: **uma história psicografada**.

VIDA REAL[10]

Houve um tempo no qual a obediência era considerada virtude suprema das crianças. Delas, era exigida uma obediência cega, sem questionamentos ou explicações. Ser obediente significava estar no caminho certo para realização de metas e objetivos. Acreditava-se num ser superior, detentor de uma possante lanterna, orientando, protegendo e livrando as pessoas dos perigos da vida. Essa entidade falava: primeiro, pela voz dos pais e professores. Depois, pelo Estado e leis. E, a ele, devíamos obediência.

Na infância, a imposição dessa obediência, remetia Clara à história de Chapeuzinho Vermelho que, trilhando o caminho proibido da floresta, encontrou o "lobo mau". Apesar de não confessar, Clara guardava um desejo profundo de esbarrar com "lobos maus". Os desvios lhes pareciam mais interessantes e sedutores do que o tédio das trilhas conhecidas, rotas sem surpresas ou mistérios. Sem nada a ser descoberto...

Recusava-se obedecer a procedimentos e condutas. Submeter-se, dócil e gentilmente, às regras impostas, caso não estivesse convencida de que isso seria o melhor. As reclamações, *seja mais obediente, não insista em agir deste modo, assim você não chega à lugar nenhum*, muito tempo depois continuaram a ressoar na sua mente.

Na juventude, a insubmissão da infância transformou-se num crachá colado ao seu peito, onde se lia: *rebelde, voluntariosa* e *anarquista*.

[10] Os obedientes op. cit. p.342

O tempo passou, mas o desejo de transgredir persistiu, encoberto por uma falsa mansidão.

Chegando à maturidade, Clara descobriu o caminho para a não rendição: a palavra. Sim, a escrita passou a ser sua arma e consciência. Através das palavras criava mundos inéditos onde podia habitar livre, feliz e plena.

À medida que a inadequação de Clara acelerava o combate aos preceitos preestabelecidos, a distância que a separava dos vencedores – submissos e mansos –, aumentava.

Insurgente, constatou que nunca pertenceria ao grupo dos que sobem ao pódio e recebem aplausos e admiração. Compreendeu que o não capitular, o não se render, colocavam-na à margem.

Enquanto o mundo interior de Clara transcorria em efervescência, sua vida, feita de fatos e acontecimentos, era insossa e sem brilho.

Casou-se. Não por paixão, interesse ou medo da solidão. Precisava de um porto seguro para ancorar suas inquietações. Pressentindo, desde o início, uma relação sem intensidades ou promessas, sabia, de antemão, que ali não encontraria a felicidade maior, a completude para suas lacunas. Muito menos respostas para suas indagações existenciais. Sentia amor pelo marido. Mas um amor desesperançado e incolor. Sem mistérios ou segredos. O marido não pertencia ao grupo dos rebeldes, resignava-se com o que a vida lhe dava e com o pouco que recebia de Clara.

E assim viviam. Sem sobressaltos ou atropelos. Desacreditando que, um dia, algo de novo pudesse modificar suas vidas. Diferentemente das histórias que escrevia, a da sua "vida real" tinha um início, meio e um final previsível. E, os protagonistas, não podiam ou não sabiam como modifica-la...

O casamento seguia o preceito de "ser igual" a tantos outros. Eram vistos como o casal autossuficiente. Sem muitos amigos ou distrações, conseguiram criar uma auréola que levava

os outros a supor que eles prescindiam do mundo de fora para sustentar a relação.

Enquanto no seu mundo íntimo, Clara vivia intensidades e paixões, turbulências e quietudes, contradições e questionamentos, na "vida real" havia nada mais do que a rotina. Um quotidiano sem sustos, monótono e previsível.

O marido lia o jornal: ela preparava o café da manha. Que, também, era sempre igual. Durante o dia, quando terminava os afazeres da casa, buscava no escrever, sua verdadeira vida... Deslocando-se para as protagonistas das histórias, podia ser ela mesma. Ali, sim, estava a vida. Vida oculta e verdadeira. O que chamavam de "realidade" era, tão somente, um sonho. Liberta das amarras desse sonho podia colher a vida em si, no avesso, na invenção das palavras...

Buscando alguma emoção do passado, às vezes folheavam álbuns de fotografias. Mas as fotos não revelavam sensações dos momentos ali capturados. Eram apenas imagens vazias, destituídas de vida, densidade, conteúdo. Ocas.

Quanto ao futuro, não faziam planos nem possuíam projeto comum de vida. Apesar de conhecidos como "gente boa", de fácil trato, não souberam formar vínculos. Reservados, não incomodavam.

Assim, continuavam na obediência cega à vida a eles destinada. Submissos àquela (ir) realidade, jamais conseguiram tocar o eu essencial do outro. Chegavam ao profundo do vazio e emergiam à superfície de mãos abanando. Sem nada encontrar como salvação.

Houve uma vez que tentaram trazer um pouco de cor às suas pálidas existências. Ela passou a lhe narrar, minuciosamente, seu dia-a-dia – omitindo a escrita. Ele falava dos problemas do trabalho. Os assuntos de cada um não interessavam ao outro. O esperado diálogo malogrou no nascedouro.

Clara, cada vez mais, abrigava-se no mundo das palavras. Após nutrir-se por esse mundo – que era a vida –, caia no entor-

pecimento do sono: a rotina. Feito alguém que, depois de um dia de agitação e plenitude, entra em torpor.

E assim a vida seguia.

Houve uma vez que o marido, na tentativa de mudar a insossa rotina, decidiu experimentar a vida fora daquela submissão. Precisava se certificar se havia algo que até então não percebera.

Procurou a vida em aventuras extraconjugais: frustrou-se. Sentiu falta da presença silenciosa de Clara, do vazio do casamento. Além do que, habituado à obediência, violar o preceito da fidelidade, provocou um desespero mais insuportável do que o enfado do casamento. Tirou-lhe o chão.

Por sua vez, Clara tentou descobrir a vida fora das palavras. Passou a sair, conhecer pessoas, passear. Enfim, ver o mundo existente lá fora. Quem sabe, pensou, viesse, até, a (re) descobrir o amor... De nada adiantou.

Até que, um dia, Clara decidiu sair do "sono da vida". Acordar. Iria encontrar a emoção das histórias que escrevia. Colocou um par de roupas na sacola, andou em silêncio pela casa, olhou-se no espelho sem reconhecer quem via e, por fim, escreveu um bilhete que pregou na porta:

Despertei. Estou partindo, definitivamente, para a vida real.

A "TROMBADINHA"[11]

A mulher, conturbada pela conversa sobre os perigos do convívio com a "trombadinha"– era assim que a maioria a ela se referia –, quer compreender onde e como o mal se manifesta.

Teria ele uma forma visível para que possamos, ao encontrá-lo, atravessar a rua ou dobrar a esquina mais próxima? Seria reconhecível por traços, características, gestos e atitudes? Ou usaria disfarces e ardis para se infiltrar pelas brechas dos nossos medos e dores e, assim, transitar oculto nos nossos mundos? E, desse modo, feito vírus letal, sem antídotos, contaminar pensamentos, crenças e sentimentos com a indiferença ou resignação? Sim, do escuro da nossa profundeza o mal nos espreita, aguardando o momento de emergir e mostrar a ferocidade do seu golpe.

Aquela garota, em seus sete anos de subvida, intercalados de experiências traumáticas, cuspida pela sociedade para os esgotos do mundo, seria, mesmo, a personificação do mal, do qual deveríamos nos afastar e proteger?

Até então, o mal fora um assunto filosófico. Teórico: um mal banalizado pelas injustiças, atrocidades, violência das mais diferentes matizes, presenciadas no nosso quotidiano e, diariamente, tomando acento na sala de estar, através dos noticiários. Um mal que nos habituamos a ver/conviver e que, aos poucos, foi se transformando num fato comum, corriqueiro. Algo independente, sobre o qual não temos nenhuma responsabilidade. Um mal que, gradativamente, amortece a dor e a indignação. Até nos levar à crença de que somos incapazes de combatê-lo por ser ele autô-

[11] Mineirinho op. cit. p.386

nomo e situar-se fora das nossas muralhas de proteção. Quando a dor, sintoma e aviso da existência do mal, é totalmente anestesiada, corremos perigo de vida.

A mulher, testemunha da violência no seu entorno, acompanhava, nos noticiários, guerras, atrocidades, injustiças. Mas via tudo a salvo. No conforto e proteção de sua vida. Sem desejar ser conivente ou, talvez, para aplacar a culpa pela perversidade existente no mundo ao qual pertencia, decidiu prestar serviço voluntário numa instituição para menores carentes. Lá, conheceu uma garota de seis anos de idade e nasceu uma relação de grande afeto entre as duas. Acreditou que, com cuidados, carinho e zelo, poderia mudar o destino previsível daquela menina e garantir-lhe uma vida digna. Não aceitava um amanhã predeterminado para alguém tão inteligente e amoroso.

Queria ajudar a cicatrizar as feridas das experiências traumáticas e dolorosas que haviam privado aquela garota da infância. Empenhou-se em salvá-la. E, junto com ela, a si própria. As marcas eram profundas: abandono pela mãe, estupro, droga.

É muito difícil detectar o que move as pessoas na prática de atos bondosos, compassivos, de amor desinteressado. Poderia a mulher, empoderada com as armas do bem, vencer a batalha? Sentia-se como deus. Ou feito uma super-heroína cumprindo uma missão.

Verdade que a mulher partilhava da comoção de muitos pelas crianças refugiadas, esfomeadas, atingidas por guerras e doenças. Crianças que perderam tudo: parentes, lugar de origem, raízes, a própria infância. Mas, ao mesmo tempo, sentia desconforto pela atitude da maioria diante daquelas mais próximas. "*Delinquentes* que, sob o olhar complacente da sociedade, se entregaram à bandidagem, prostituição, tráfico de drogas". Perderam tudo. Sobretudo o direito ao futuro. Diante das crianças que perambulavam nos semáforos, os vidros dos carros rapidamente eram fechados. Nas ruas, evitávamos os olhares, misto de acusação e súplica, desses seres marginalizados. Mudávamos de calçada. Reclamávamos do poder público de permitir "aque-

les delinquentes", bando de "malfeitores', ficarem soltos na rua". Ameaçando nossa paz. Abalando nossa consciência.

Nós, cidadãos do bem, bradávamos por mais segurança. Pela limpeza humana da cidade. Os grupos excluídos da sociedade nem, sequer, mereciam compaixão. Faziam jus a castigos, punições para aprenderem o bem. Porque esses jovens e crianças eram, simplesmente, o mal encarnado: roubavam, matavam, perturbavam a ordem social, se drogavam e se prostituíam. Sua presença na sociedade iria conturbar a vida dos nossos filhos.

Neles era fácil reconhecer o mal que deve ser combatido e repelido. O mal banalizado, que enfraquece a indignação e provoca a capitulação da revolta. Não seríamos corresponsáveis por cada criança que se perde na vida?

Quando o mal se encarna no outro é fácil reconhecê-lo. Repeli-lo. A condenação é unânime. Preceitos morais, religiosos e legais protegem a sociedade. As regras de boa conduta devem ser seguidas por cada indivíduo. Por isso, mesmo que alguém encontre razões e justificativas para matar o outro, deixa de transformar o pensamento e a vontade num ato, não por ser temente a algum deus religioso, mas para evitar as consequências legais.

Dentro da sociedade tentamos nos orientar por certos princípios. Princípios que, tanto podem nos justificar, condenar, encurralar ou perdoar. Acontece que certos fatos e acontecimentos escapam a esses princípios e não sabemos como encará-los e julgá-los. Permanecemos numa ignorância voluntária para justificar nossa indiferença: *não sabia, não conhecia, achei melhor não me envolver, não é meu problema*.

A mulher, cada vez que aquela garota tinha uma recaída ou que a aconselhavam a desistir, era tomada pelo sentimento de impotência. O fracasso da menina era, também, o seu fracasso. Mesmo assim, teimava. Obstinada, insistia. Prosseguia na sua missão.

Até que, esbarrando nos seus limites, a Mulher reconheceu sua pequenez e renunciou. Perdoou a menina. Mas, com a ferida sangrando por dentro, por muito tempo, não conseguiu se perdoar.

O ENCONTRO[12]

Por que tanto receio e angústia? De que maneira aquele olhar inerte que não podia ver remexia mistérios no mais oculto de mim? Por que a urgência de dizer (-me) e fazê-la escutar o eco de suas palavras ressonando no meu coração?

Os olhos estampados na capa do livro, quando eu os fitava, saiam da imobilidade e ganhavam vida. Era um enigma. Precisava decifrá-lo.

Por vários dias, andando à toa, fui conduzida, sem perceber, à vitrine da livraria onde aquele olhar me indagava e seguia. Seria tão simples entrar e possuir o livro para libertar as palavras nele aprisionadas! Mas o prazer que pressentia era grande demais. Não queria gozá-lo de imediato. Queria que o desejo crescesse, inflasse feito balão de festa até que, excedendo limites, estourasse... Repetidas vezes, imaginei o livro abraçado contra meu peito feito fosse talismã. Ou caixa de madrepérola, onde estava o mais secreto de mim.

Aquele olhar, invadindo meu interior, enxergava meu avesso e revelavam segredos trancafiados através de palavras. Transformada em urgência minha alma bradava um grito abafado. Pedido de socorro. O prenúncio do êxtase paralisava-me de medo. Medo da antevisão do gozo latejando feito ferida que se precisa sarjar. Medo que doía verticalmente, penetrando na melancolia que unificava o ontem e o amanhã no momento do agora. Medo que cortava feito faca afiada rasgando a carne e penetrando nas raízes submersas nas minhas profundezas.

[12] Felicidade clandestina op. cit. p.393

Até que um dia o desejo do encontro foi maior do que o medo. O livro tornou-se meu. Feito projétil desgovernado saí apressada, em passos trôpegos. Sem saber aonde ir olhava assustada para os lados, segurando firme aquele tesouro onde estavam meus guardados.

Nem sei ao certo quando e onde comecei a ler o livro. Somente sei que, na medida em que me apropriava do dizer e do não dito das entrelinhas, as palavras grudavam no meu sentir. Tornavam-se, não uma segunda pele, de aderência suave, mas a minha própria pele: secular, casca grossa de casco de tartaruga, pesado, permanente, ancestral.

Não era, simplesmente, um livro escrito por uma mulher, com rosto, identidade e biografia de fatos sequenciados. Outro Livro dele surgia. Se é que se pode chamar de "livro" a voz vinda das palavras que, demolindo o silêncio da espera, abriam clareiras para que eu, atravessando escuridões, pudesse encontrar a mim mesma no final do túnel.

Estávamos atreladas. Ligadas pela marca invisível dos seres viventes nas paralelas da vida. Dos estrangeiros expatriados do lugar de origem que carregam o sinal da nostalgia.

Ao descobrir, nas palavras dela, minhas próprias perguntas, inquietações e angústias, abracei sua escrita e nela me fundi. Quando a dor que ela sofreu ecoou no meu dentro, vivi suas aflições e desamores. Tornei-me ela. Ao escutar sua súplica, acolher sua angústia e catar seus flagelos nunca mais voltei a me pertencer. Embarquei inteira nos seus mundos fazendo deles minha morada. Estendi a mão quando ela pediu, aceitando o risco de cair no abismo e dele nunca mais sair. Tudo porque desejei que, jamais, ela voltasse a sentir a dor do abandono. Desapropriada de mim mesma, aparei lágrimas e sanei feridas com o bálsamo da compreensão. Compreensão expressa nas palavras que para ela escrevi feito fosse oferenda sagrada. E, uma das poucas certezas que tive na vida, foi a de que nunca, em nenhum momento de cansaço ou desespero, a abandonaria. Jamais permitiria que máscaras identitárias, interpostas entre nós, nos solidificassem

num alguém datado e situado. Nossas almas em comunhão iam além de nossas histórias.

Quando começaram, por curiosidades vãs, devassar seu mundo íntimo, que era também o meu, não suportei. A procura de explicações do seu dizer por fatos e fotos da sua vida real, feria meu pudor. Por que invadir sua privacidade, para buscar a verdade quando sua única verdade não era a dos fatos da vida real e, sim, a verdade inventada das palavras? Sofri, com e por e com ela, sem ter como proteger suas delicadezas essenciais dessa curiosidade de abutre.

Não seria suficiente vivenciar o mundo criado pelas suas palavras? Palavras que, ultrapassando o racional, nos conduz para a outra margem, onde a magia, o oculto, o vazio e, até mesmo, a loucura, nos levam a uma nova experimentação da vida? Onde podemos aprender não o saber racional e teórico, mas o saber do sentir, o saber viver? Por que devassar sua intimidade, invadir as íntimas delicadezas procurando em atos e acontecimentos explicações sobre o seu escrever?

Doía muito vê-los quebrar a casca do ovo do silêncio de onde nascem as palavras. Violar a porta interditada do coração do escrever. Calar a voz do seu sonho de anonimato. E, roubando a flor do jardim da criação, poluir com ruídos o nascedouro da fonte sagrada das palavras.

Ah! Como eu compreendia sua necessidade de não ser apenas o nome que aparecia nos documentos e livros. "De o seu buscar incessante – que se tornou meu – da resposta ao: "quem eu sou? "e da descoberta de que éramos o que podíamos ser: uma pergunta sucedida por outra e mais outras: *sou o quê*"?

E agora? Agora, depois dessa comunhão, depois de entregar-lhe o sagrado meu dizer, ofertando amor incondicional, sinto a dor do abandono. Do seu abandono:

Por que você deixou de me enxergar? Por que não me escuta nem me consola? Qual meu erro, minha culpa ou omissão? Você – onde pensei encontrar a redenção e a luz para clarear meus

caminhos -, deixou-se fascinar pelos voyeurs de plantão e me largou para trás. É muito triste vê-la praticar a traição que sempre abominou! Por que, aos bajuladores que, proclamando amá-la, violam seus interditos, profanam seus sagrados e invadem suas trevas com a luz artificial das análises e interpretações, você oferece a benevolência do seu silêncio e da sua glória? Não é justo! Bisbilhoteiros incansáveis, roedores de tempos remotos, cismam em encontrar "causas" e "explicações" para cada uma de suas palavras, atitudes, decisões. E dizendo resgatar seu nome e valor, remexem seus guardados espionando seus segredos!

Somente descansei quando encontrei refúgio no dizer daquele livro. Deixei de ser uma pessoa estranha, deslocada e solitária para tornar-me palavra gerada pelo útero. O meu? O dela?

Enquanto palavras, as dela e as minhas, se encontravam e fundiam, indagações, sentimentos e sensações iam germinando.

Agora éramos uma só em plenitude do encontro.

O MASCARADO[13]

Chegara outra vez o tempo das máscaras.

A Menina alegrou-se com a possibilidade de escapar da prisão de ser o que era ao apagar o rosto com pinturas e artifícios para criar uma nova face. Atrás dessa poderia renascer, em liberdade de escolha, num diferente mundo.

A ideia de viver outra vida sempre lhe fascinara. Queria encontrar portas de entrada para a alma. Ansiava por um dentro avessado: rindo, chorando, amando e seduzindo, ao alcance de afagos e afetos. Visível. Por isso, talvez, nunca esquecera a impressão que lhe causara o primeiro mascarado que vira com uma enorme lágrima escura congelada numa face de pano. Dela aproximou-se, tocando castanholas: susto e sedução. Sim, parecia que pela primeira vez alguém fora capaz de conectar-se com o "algo" que constituía sua essencialidade no estado mais puro e latente. Naquele tempo, ainda não sabia nomear essa partícula íntima e desconhecida que chamam de "eu". Apesar do medo, não correu nem gritou. Precisava chegar mais perto, bem perto, até fundir-se àquela lágrima cicatrizada numa marca preta que escorria para uma boca desenhada em vermelho e congelada no exato momento no qual se abrira (não sabia se para o beijo ou para o bote). Os olhos do mascarado – vaga-lumes pequeninos emoldurados por um círculo pintado com raios do sol – fixaram-se nos dela: *Não tenha medo, sou apenas alguém que chora as dores do amor e não quer ver você, Menina-rosa, nessa tristeza. Não deixe nunca os espinhos escondidos na beleza da rosa que lhe veste atingirem seu coração e desencantar a dor, com a mesma lágrima que marcou para sempre o rosto do* ***pierrô apaixonado***.

[13] Restos do carnaval op. cit. p.397

Naquele momento a Menina se deu conta de sua fantasia de rosa. Desejou murchar as pétalas armadas que saiam da cintura formando a flor vestia e cravar, na própria cabeça, a coroa de espinhos do Cristo que visitava nas missas dominicais. Queria chorar a dor do mascarado que a fascinava num medo vital. Sentia a rosa murchando, a ilusão dissipando-se, a fantasia de ser "outra" rasgando-se. O som persistente das castanholas abafava a voz do mascarado que, continuando a fita-la, enxergava, por detrás do seu rosto disfarçado de mulher e corpo vestido de flor, a colombina que o faria sofrer de abandono.

Foi quando, instintivamente, não sabendo o que responder nem como agir, meio paralisada perante alguém que lhe arrancara a máscara de criança e antevira a alma de mulher, num gesto de carinho e defesa, tirou de um saco um monte de confetes coloridos, jogando-os no mascarado. Os confetes espalhavam-se pela roupa negra do pierrô que começou a afastar-se e, tentando esconder a solidão, juntou-se a um grupo que desfilava em ruidosa alegria. Nos pontículos de confete levados pelo vento, a Menina anteviu pedaços de histórias que ainda iria viver e que seriam diluídas pelo tempo e fragmentadas pelos muitos caminhos que haveria de percorrer. Começou a chorar. Ao passar a mão no rosto borrou a maquilagem. Ao ver sua face refletida no espelhinho de bolsa notou que estava marcada pela lágrima escura do pierrô. Soltando o soluço que lhe tirava o ar, gritou.

Queria correr de encontro ao futuro. Alcançar o mascarado e pedir-lhe perdão pelo abandono que cometeria. Prometer amá-lo e faze-lo feliz. Para sempre. Arrancar sua máscara e mudar o seu destino.

Mas ninguém entendeu choro convulsivo da Menina e o rumo que ela deveria seguir para modificar uma história prevista. Pensaram que chorava de medo e susto, perante tantos mascarados Apressaram-se a levar a coitadinha para longe daquele pandemônio, enquanto explicavam, *não tenha medo, são apenas máscaras de carnaval*.

Aquele carnaval passou. A Menina tornou-se Mulher. Outros mascarados surgiram nos bailes e na vida. Por muito tem-

po o mascarado que tocou a sua alma ficou esquecido. Mas, no fundo de sua memória, uma rosa abraçou um mascarado desencantando o amor aprisionado na máscara de carnaval. Duas lágrimas escuras se encontraram unindo o Pierrô e a Colombina num conto de final feliz.

O QUE COMER[14]

Estava sempre preocupada que o filho tivesse uma alimentação saudável. *As crianças hoje em dia comem tanta porcaria!* Dizia para si mesma; *guloseimas, sorvetes, sopas em potinhos, sucos em caixas... Tudo por comodidade das mães*.

Apesar dos muitos afazeres, ela não se deixou levar por essa onda. Preparava o almoço, sopinha e sucos do filho. Tampouco incluía na lista do supermercado produtos industrializados. Foi assim que educou o paladar do filho para comer certo.

Não se deve esquecer que o garoto ajudou bastante nessa empreitada. Adorava frutas e legumes. Brócolis e salada verde, temperada com azeite e vinagre, era um manjar dos deuses! As amigas diziam: seu filho é um naturalista!

Tudo ia bem até que ele começou a questionar a origem dos alimentos: *onde nasce a banana, o mamão e a laranja? indagava. Das árvores que são plantadas na terra, explicava a mãe. A melancia, jerimum, e batata, por sua vez, não nascem em árvores e, sim, na própria terra, são raízes. E o leite, o ovo e o queijo de onde vêm?* Continuava ele a indagar. Desse modo chegaram aos animais.

O menino era cheio de perguntas e de porquês. Não sossegava enquanto não soubesse os lugares de onde vinham os alimentos que comia. O problema surgiu quando o foco das perguntas passou para as carnes.

Antes da visita a uma fazendinha onde conheceu muitos animais, frango e carne eram bem-vindos nas refeições. Mas depois

[14] Come, meu filho op. cit. p.408

de ver uma galinha viva e sua família, passou a recusar o franguinho de que tanto gostava. Queria saber: *quem foi o homem mau que matou a galinha? O que fizeram dos seus filhos-pintinhos? Onde haviam colocado as penas...* As explicações sobre o ciclo natural da vida, dada pelos pais, não diminuíram a revolta pela morte da galinha. Nem o demoveram da recusa de comer aves. Em lágrimas, ele falava: *enganam a galinha e sua família, dando comida e uma casa para eles morarem para depois matar?!*

Quando chegou a vez de perguntar sobre a carne vermelha foi o mesmo processo. *Esperam que o bezerro, tão lindo e amigo, cresça para depois comê-lo? E com ar de pavor e medo perguntou: isso não vai acontecer comigo, não é? E com nenhum dos meus amigos, não é? Porque vocês não são maus como a bruxa que prendeu João e Mariazinha para engordá-lo e depois comê-los, não é?*

A mãe, em prantos, abraçou o filho e antes de explicar que não se comem seres humanos, mostrou o quanto o amava e que se comiam frango e carne de boi era para crescerem saudáveis e fortes, pois esses alimentos tinham muitas vitaminas e nutrientes.

Durante muito tempo ninguém conseguiu convencer o menino a comer carne. Quando via uma galinha ou um boi vivos, chorava pelo futuro previsível de ambos. Não entendia, naquela época, que ninguém pode mudar o destino. Nem o mais nobre sentimento feito o dele. E o destino natural de bois, galinhas e outros animais era morrer para alimentar as pessoas.

Aquele episódio marcou o garoto pelo resto da vida. Foi sua primeira compreensão de como funciona a natureza humana.

Haveria bondade em seres que matam outros – mesmo sendo de uma espécie diferente – para comê-los?

PERTENCER[15]

Andar a esmo pelas ruas depois de uma longa ausência era redescobrir sensações esquecidas, reencontrar o lugar de origem, refazer o itinerário para dentro dela mesmo.

Encantava-se com as fachadas coloniais, observava as varandas com roupas penduradas, vitrines amontoadas das mais diversas mercadorias. Vendedores ambulantes, em voz alta, ofereciam roupas, perfumes, sandálias, enfeites e comida. O cheiro da tapioca, cachorro quente, queijo assado e espetinho de carne, impregnavam seus sentidos de satisfação. Pelos becos que cruzavam as ruas avistava o rio atravessado por pontes. Olhava, com benevolência, as pessoas andando apressadas.

Ao deixar-se absorver por tudo que via, sentia-se mais leve. Feito se camadas interpostas entre ela e o mundo fossem, aos poucos, se dissolvendo. Até que, totalmente extintas, permitisse a percepção das coisas como elas eram. Sem interferência de sua vontade, emoções ou sentimentos. Sem acréscimos ou supressões na coisa em si.

À medida que seu olhar continuava atento e concentrado ao mundo em descortino, uma lucidez rompia a separação entre seu olhar que via e aquilo que era visto, unindo essas duas partes em algo indivisível. Pela primeira vez estava, inteira e plena, no agora do momento. Pela primeira vez cessava a angustiante sensação de marginalização e estranhamento. Deixava de ser uma estrangeira, sem raízes, cujas diferenças impediam de tornar-se partícipe de algo maior do que um eu solitário.

---

[15] Perdoando Deus op. cit. p.403

Um sentimento de irmandade invadiu sua alma e ela descobriu, em êxtase, que estava **pertencendo**. Pertencendo à cidade, ao país, a todas as pessoas desconhecidas que cruzavam seu caminho. Pertencendo à humanidade e ao universo. A alegria que sentia não era de possuir, dispor. Era simplesmente de ser acolhida, de estar dentro, de participar.

Desde criança sempre desejara pertencer. Não teve o sentimento de pertencer à mãe, pois essa, divorciada do pai, foi morar no estrangeiro. O pai, muito ocupado em ganhar dinheiro para sustento da família, não tinha tempo nem atenção para ela. Os irmãos, bem mais velhos, pareciam não enxergá-la. Ela era tão diferente deles!

Na escola era discriminada por ser calada e tímida. Nunca era convidada para participar de grupos nem tinha uma turma de amigos. Entretanto, ela precisava. AH! Como precisava do reconhecimento do outro para poder dar-se e deixar de ser uma estranha.

Por isso, naquele final de tarde, a descoberta da origem comum que une todas as pessoas e coisas existentes, trouxe a sensação de presença e pertencimento àquele momento e uma liberdade nunca antes experimentada.

Resolveu entrar numa igreja para agradecer a felicidade inédita e confirmar seu pertencimento a Deus.

O altar mor exibia o Coração de Jesus ladeado pelas imagens da Sagrada Família e de Nossa Senhora da Conceição.

Olhando aquele coração amoroso sentiu que junto a ele o seu coração também batia. E que pulsava no amor de mãe. Da mãe que a abandonara. Da família, cidade e de todas as pessoas e lugares: céu, terra e mar. O universo inteiro pulsando, uníssono, em amor. Aquele era o maior pertencimento que se podia experimentar.

Saiu da igreja assolada por um sentimento de paz e beatude. Mais do que pertencer a Deus, ela era Ele. Porque, se tudo e

todos estavam no Coração de Deus, não havia separação entre nós e o Criador. Todos têm a essência divina. Todos eram Deus.

Purificada e renascida, continuou a caminhar vendo em todos e tudo o Deus que eram.

De repente, deparou-se com um mendigo que expunha uma enorme ferida na perna. Nojo e pavor. Como Deus tivera a ousadia e o mau gosto de quebrar o estado de graça e serenidade expondo sua visão àquela ferida? Qual o sentido de Deus enfear a beleza da criação com o pus e o sangue da ferida aberta? Não. Ela não pertencia nem era aquele Deus cruel que não lhe permitiu usufruir da sua própria deidade. Um Deus que maculou a beleza e a bondade com a ferida dos excluídos quebrando, com pus e sangue, o encantamento do pertencimento à alegria e paz. Se Ele, onipresente e poderoso, pode tudo, porque não quis acolher o mendigo excluído e sarar a ferida?

Sua primeira reação foi fugir. Feito Cinderela, ouviu soar a décima segunda badalada do relógio avisando o final do encanto.

Em profunda decepção ela já não mais queria ser Deus. Recusava-se a pertencer a um Deus injusto que corta o momento de puro êxtase jogando na sua cara a feiura dos excluídos. Revoltada, separou-se de Deus.

Sorvendo em pequenos goles a mágoa e a decepção, compreendeu que, depois de ver o sangue e o pus, não iria passar incólume. Havia sido contaminada pela dor de todos os mendigos e preteridos. Não era apenas testemunha das feridas do mundo. Era, junto com Deus, junto com todos, responsável. De nada adiantava rebeldia, raiva e insubordinação. O coração de Deus era o coração do mundo que tudo abarcava, inclusive seu próprio coração. Nada era excluído. Tudo pulsava em uníssono. Tudo era uma grande teia tecida pelo bom e pelo mal, pelo belo e pelo feio.

A grandeza de Deus era formada pela pequenez dela e de cada um de nós. E mesmo que a luz da brancura da pureza original, da qual é feito o amor, pudesse, às vezes, encandear, essa mesma bran**cura** tinha o poder da curar.

Quando compreendeu o seu pertencimento ao mundo, onde Deus habitava em todas as coisas, aceitou a humanidade de Deus. E pôde amá-lo mais e melhor.

PECADO ORIGINAL[16]

Estudara em colégio católico. As freiras, nas aulas de catecismo, faziam as alunas decorarem as orações e os dez mandamentos. Não explicavam o sentido e o porquê dessas regras. Assim, a maioria das meninas – foi num tempo em que os colégios não eram mistos – repetia aquilo, sem muita convicção, feito fosse tabuada.

O que as freiras sabiam fazer com maestria era infiltrar o medo do castigo para àquelas que viessem pecar. Deus era um olho mágico pairando no céu e vigiando todos. Ninguém escapava de sua visão. A desobediência seria punida com o fogo do inferno! Imaginar a crueldade desse castigo era estarrecedor!

Por outro lado, o desejo de vencer o medo e a curiosidade de saber como o "pecado" seria descoberto, excitava os sentidos e exacerbava a vontade de infringir a regra.

A lascívia parecia um pecado sedutor. Face a face com o "não pecar contra a castidade" seu corpo ardia sensações de volúpia queimando a pele de desejo. Um ardor muito diferente daquele do inferno...

O que ganhara com a inocência e com repressão de uma sensualidade que a possuía e comandava? A pureza era uma armadura que paralisava sua vida, imobilizava ações, frustrava a satisfação do desejo.

Imaginava o sabor da transgressão, a alegria de enfrentar o proibido, abrindo portões trancafiados, pulando cercas, entre-

[16] Cem anos de perdão op. cit. p.408

gando-se às sensações prometidas pela coragem de remar contra a maré.

Um dia, ela e sua mãe, apanharam carona com uma antiga vizinha, frequentadora da igreja. D. Gertrude, dizia a mãe, era uma senhora distinta e de respeito. Ela não compreendia bem o que isso queria dizer. Somente sabia que aquela senhora era desprovida de atrativos. Tinha o ar de coisa velha e mofada guardada à toa. Perguntava a si própria se seguir os bons costumes causava essa falta de alegria, esse desamparo no olhar disfarçado por um riso chocho.

A mãe entrou no carro sentando-se ao lado de D. Gertrude. Ela, no banco de trás. A conversa da frente era desbotada e sem interesse. Falavam para não serem sufocadas pela falta de assunto. Como se o silêncio fosse sinônimo de indiferença às pessoas amigas.

Aquele falatório lhe causava tédio. Era apenas um tagarelar sem sentido. De repente, viu a bolsa de D. Gertrude ao seu lado. O tecido de tapeçaria formava uma paisagem. Ao fundo, a imagem de uma catedral. Tinha formato gorducho e trinco dourado. Imaginando os guardados ali dentro, de súbito foi tomada pelo desejo de descobrir os segredos daquela senhora tão recatada. Com astúcia e mansidão, aproveitou um momento no qual não podia ser vista pelo retrovisor e destrancou o fecho. Um clarão vindo de dentro atiçou sua imaginação. Sorrateiramente, puxou o objeto que reluzia. Era um peixinho de chocolate embrulhado em papel dourado que D. Gertrude costumava dar às crianças. Aquele peixinho era diferente dos demais. Não lhe seria dado como recompensa por ser *uma menina boazinha ou por tomar conta dos irmãos menores*. Seria, sim, o prêmio pela transgressão que tivera coragem de cometer. Uma conquista sua. Exclusivamente sua.

Mais do que a vontade de comer o chocolate, o desejo de *roubar*, apropriar-se de algo que não lhe pertencia, lhe encheu de coragem para concretizar o *delito*. Guardou o chocolate no bolso da blusa e respirou vitoriosa: Consegui! Aquilo lhe pareceu

uma aventura excitante que superava o medo de ser descoberta. Continuou a remexer na bolsa e deparou-se com um envelope. Seria uma carta? Recebida ou a ser despachada? Uma carta de amor? Ou de despedida e desencanto? Poderia aquela carta revelar o motivo da alegria ter sido roubada à D. Gertrude? Estava em suas mãos descobrir o segredo. Com o coração em disparada apanhou o envelope e o colocou embaixo da saia.

Era definitivo: o peixinho e a carta roubados fizeram dela uma *ladra*. Tornara-se uma transgressora. Marcada pelo sinal de Caim. Não roubara por cobiça ou ambição. E, sim, pela necessidade de violar e desobedecer. Livrar-se do jugo de mandamentos. Alcançar a liberdade. Nunca ninguém iria descobrir. Nem o pecado, nem a sensação de deleite.

Mas se Deus a estivesse espionando? Iria puni-la ou humilhá-la? Qual o castigo seria dado a uma ladra que rouba pelo desejo de desobedecer? Iria Ele compreender e perdoar?

Sem o menor resquício de arrependimento e com a sensação de vitória no peito, após saborear o peixinho de chocolate que tinha o gosto de liberdade, adormeceu com a carta roubada na mão.

Esse foi seu pecado original

ESPERANÇAR[17]

Esperança pousando numa casa é sinal muito alvissareiro. E, se a aterrissagem for numa pessoa, triplica as chances de uma boa nova acontecer.

No seu quase não corpo – verde transparente e longilíneo – a Esperança é um anjo anunciador. Portadora da felicidade que virá.

Por isso, aquele rebuliço quando, numa manhã de domingo, a esperança pousou no encosto do sofá. De lá parecia observar todos, sem entender a agitação causada pela sua chegada, tão sóbria e sem alarme.

Quem primeiro a avistou foi Clara, que acreditava nos mistérios e segredos do além. Aproximou-se, cuidadosa e silenciosamente, para, sem espantar a Esperança, dar-lhe as boas vindas. Entretanto, não conseguiu evitar os gritinhos dos outros: *Esperança, tem uma Esperança aqui mamãe, venha logo ver*. Assustada, a Esperança voou e foi parar na janela do outro lado da sala.

Ninguém queria perder a Esperança de vista. Seria dar chance ao azar. Pois, assim como ela aparece sinalizando algo de bom, perder seu caminho é pressagio de má sorte.

Somente Clara parecia entender a atitude da Esperança. Sensível e quieta, ela não gosta de agitação. Nesse momento lhe ocorreu que o mais certo seria chamar a Esperança de **esperançar**. Porque, enquanto a esperança é mais feito um esperar, passivo e sem esforço, o esperançar é um ato de resistência e coragem: prosseguir, mesmo quando tudo parecer demolir a fé e desacreditar a espera.

---

[17] Uma esperança op. cit. p.411

Todos ficaram observando qual seria o próximo passo do inseto do bem. Ele, inerte, continuava no mesmo canto. *Por que a Esperança não voa e vai embora?* alguém perguntou – *porque ela precisa de um tempo para nos fazer acreditar no presságio do qual é portadora. Essa é a sua missão* – explicou Clara. Nesse momento a Esperança tenta mudar de lugar, mas bate no vidro da janela e se estatela no chão.

– *será que ela morreu?* A própria Esperança responde levantando-se com esforço. *Será que ela não enxerga?* E Clara responde: *seus olhos são suas antenas*. A Esperança persistiu até que, com visível esforço, conseguiu levantar-se e caminhando devagar, quase se arrastando, acomodou-se na almofada da poltrona.

É admirável como um inseto, tão frágil e insignificante, nos ensina o significado do seu nome. Não perder a esperança é não desistir de lutar, continuar combativo diante de toda adversidade. Não deixar que esperanças se transformem em meras esperas. Saber que as coisas não acontecem por obra e graça do destino. Por deliberação de alguma entidade superior com poderes para realizar sonhos e desejos.

O inseto, ao qual chamamos Esperança, aparece para nos lembrar: não basta querer e almejar. É preciso fazer acontecer. Confiar na força do desejo, sim. Mas, também, na nossa energia de concretizá-lo. Correr e voar quando preciso for. Mas também saber que, às vezes, é preciso andar devagar, sem pressa. Tocar para frente na marcha apropriada.

A Esperança, por muito tempo, permaneceu quieta no mesmo lugar. O pessoal da casa perdeu o interesse de acompanhá-la. Somente Clara continuou a observá-la. E num diálogo silencioso entendeu sua presença naquele domingo.

DEDÉ[18]

Morava conosco desde criança. Devia ter por volta de 10 anos quando chegou à nossa casa. O pai, que já conhecia minha avó, explicou que até então ela morava no interior com o irmão mais velho que não tinha condições de criá-la. Convencido de que naquela família a filha seria bem tratada e poderia sonhar com um futuro, pediu à minha mãe para ficar com ela.

Maria José era seu nome. Cabelo preso num coque – sua marca registrada por toda a vida – vestido branco de manga coco, alpargata gasta nos pés. Era de uma timidez que a impossibilitava de encarar as pessoas. Mas apesar da "cara amarrada de poucos amigos" possuía uma doçura silenciosa, uma bondade pressentida através da voz balbuciada. Era feito não falasse e sim murmurasse, temendo, talvez, que as palavras traíssem seus pensamentos. Caminhava feito quisesse esconder-se. Melhor dizendo, tornar-se invisível, por tanta vergonha que tinha de viver.

Tempos depois descobri que o acanhamento de Maria encobria um porte de rainha, orgulho de ser quem era mesmo se considerada pela sociedade uma "Maria ninguém".

Seis meses após a chegada de Maria foi minha vez de chegar ao mundo. Ela logo se encantou por aquele bebê tão gorducho e lindinho. Nele encontrou reflexo de sua aparente fragilidade.

Conta minha mãe que ela ficava horas na beira do berço, me olhando deslumbrada. Sempre que podia, me colocava no colo "às escondidas".

---

[18] A criada op. cit. p.414

Minhas mais doces lembranças da infância estão ligadas, todas, à Maria. Logo fomos tomadas de um amor tão grande e profundo feito de mãe e filha. Sim. Ela me cuidava e protegia com zelo desmedido. Destinava para mim o melhor pedaço da galinha do almoço, preparava minhas sobremesas preferidas, tomava meu partido nas arengas com os irmãos. Consolava-me dos meus infortúnios e aplacava meus medos.

Criança de imaginação fértil, eu tinha muito medo das sombras que, ao entardecer, refletiam imagens esgarçadas nas paredes do quarto. Quando ajoelhava para rezar, via as sombras darem vida ao exército de seres fantásticos e animais noturnos que invadiam o espaço. Gritava alto por Maria e logo ela chegava para me sossegar. Sua simples presença, poderosa e doce, expulsava os seres do mal e as assombrações. Ficava comigo, alisando meus cabelos, até que eu adormecesse.

Maria era feito a enorme copa da mangueira do quintal – fornecia sombra e descanso após a pelas brincadeiras de índio e *cowboy*. Quando, exaustos, sentávamos embaixo da mangueira, ela trazia refresco com biscoito de chocolate. Sorria quando lhe contávamos as histórias inventadas. Na brincadeira eu me transformava numa índia, corajosa e destemida, que tal qual Maria, falava pouco, mas observava atenta tudo que se passava.

Quando na adolescência, perdida nos descompassos da vida, comecei a sofrer dores do amor e engajar-me em lutas sociais, Maria me alertava dos perigos da vida, rezando todos os dias para que Nossa Senhora da Conceição me livrasse de todo mal. Por ela soube que, no candomblé eu era filha de Iemanjá. Talvez isso explique meu fascínio pelo mar. Casei-me no dia consagrado a Iemanjá e nunca perdi o costume de oferecer, na passagem do ano, flores à minha protetora.

No período mais turbulento da minha vida foi a luz maternal de Maria que apontou caminhos. Quando a desilusão apagava meus sonhos sua compreensão e serenidade reacendia a luz do esperançar. O melhor era que não precisávamos de palavras ou explicações. Com um entendimento – melhor chamar acolhimen-

to – silencioso e íntimo, nutríamos um amor que fincou raízes profundas no solo do coração florindo carinhos e afetos.

Quando Maria tornou-se uma moça os traços da realeza africana afloraram no seu rosto revelando a magnificência de uma imperatriz de tribos ancestrais. Menina transformada em mulher tal qual botão que se torna flor selvagem expondo toda sua radiância.

Maria traga um cafezinho, Maria arrume a sala, pois teremos visita, Maria leve os meninos para passear. A toda hora chamavam por seu nome e ela atendia a todos. Como desempenhava as atividades, com tanta prontidão e presteza, parecia que as tarefas concluíam-se por si só e que ela, apenas, assistia.

Lembro-me, também, dos seus maus humores. Minha mãe dizia que ela era mal criada, "temperamento do cão". Teimosa, não acatava todas as ordens. Quando discordava de algo, rebatia contrariada. Para mim nunca destilou mal humor.

Minha irmã e ela sempre brigavam. Maria tinha umas bonequinhas de pano que somente foram deixadas de lado quando ela passou a se ocupar de mim. Um belo dia ela encontrou as bonecas rasgadas. Tomada de raiva arrumou as malas e foi embora. Fiquei desconsolada. Chorava muito enquanto esperava seu regresso. Olhava, todos os dias, pela janela do meu quarto donde se avistava a parte de detrás da casa e entrada para o quarto, esperando avistá-la.

Passado uns três dias, Maria voltou. Ah! Alegria imensa nesse reencontro! Quantos abraços e beijos!

Pela dedicação, eficiência e fidelidade, diziam que era um "patrimônio da família". Todos nossos amigos desejavam ter uma Maria. Quando casei, brincavam com meu marido, dizendo que não poderia haver dote mais precioso do que Maria. Cuidava da minha casa como se fosse dela, era de um zelo e dedicação que causava inveja às minhas amigas. – *Você pode sair porque tem a sorte de ter uma Maria, pode estudar viajar porque tem Maria.*

Para mim, Maria era muito mais do que alguém valioso que fazia parte da minha família. Ela fazia parte de mim mesma: anjo da guarda que, feito sombra, nunca, nunca mesmo, se afastava ou descuidava de mim. Éramos ligadas por um elo indestrutível.

Quando nasceram meus filhos o amor de Maria aumentou. Eles eram "os seus meninos". Uma mistura de mãe, avó, conselheira e amiga. Sei que, com ela, eles aprenderam o real significado da generosidade, compaixão e amor. O vínculo afetivo que unia Maria à nossa família consolidou-se. As raízes do seu amor fincaram ainda mais profundamente nos nossos corações.

De Maria ela passou a ser, simples e carinhosamente, Dedé. Era a Dedé que eles recorriam quando precisavam de apoio e conselho. Nela encontravam o remédio mais eficaz para aliviar problemas e encontrar soluções.

Os "meninos de Dedé" cresceram, se formaram, casaram-se. Ela continuou a acompanhá-los. Ficou comigo até o final dos seus dias. "Na saúde e na doença" estive presente em sua vida. Cuidei dela com a gratidão daqueles que podem retribuir o bem recebido. Penso que, junto com "seus meninos", consegui levar alegria e paz ao final de sua vida conturbada por grave doença. E que, apesar das adversidades, ela estava feliz quando fez a passagem.

Sabemos que, onde quer que esteja, Dedé continua cuidando, alegrando e zelando pela nossa família. E que sua luz maternal continuará conosco. Sempre!

A DOR[19]

Ela gostava muito de cachorro. E também de outros animais. Porém, de todos os afetos aos bichos, a relação que mais lhe marcou não foi nenhuma das que teve com os muitos dos seus cães. Não se trata de comparar o tamanho do amor e o tanto de afeto que recebeu de cada um. Mas da ocorrência da incompreensão e traição que gerou uma culpa enorme da qual nunca conseguiu se perdoar.

A história aconteceu assim:

No quintal da sua casa da infância havia um galinheiro. Um dia a mãe chegou em casa com um patinho branco, recém-nascido, enrolado num jornal. Ela, de imediato, apaixonou-se pelo bichinho tão alvo e indefeso.

A mãe colocou o patinho junto com os pintos e galinhas. Mas, era notório que ali ele não se sentia à vontade. Sentia-se diferente – nem melhor, nem pior. Apenas via que não era igual aos outros. O ser diferente fez com que acreditasse que era feio e não mereceria o amor dos demais. Vivia acabrunhado pelos cantos e nem na hora de nadar, numa manjedoura, parecia estar alegre. Disso resultou uma identificação imediata e profunda entre ela e o pato.

Ah! Como ela compreendia o sentimento do pato! Tinha irmãos de cabelos louros e olhos azuis e, por ter cabelos e olhos castanhos, findou por acreditar na história de sua adoção. Os irmãos mais velhos sentiam prazer em perturbar aquela menina sensível e diferente. Achava engraçado como uma história bobinha podia levá-la às lágrimas! Diziam que ela havia sido deixa-

19 Uma história de tanto amor op. cit. p.421

da numa cesta, na porta de casa. E que a mãe, muito caridosa, resolvera criá-la.

Apesar de, no início, ter sofrido bastante com sua origem, sentindo que seria menos amada do que os filhos biológicos, com o tempo convenceu-se que, sendo filha por escolha e vontade própria da mãe, era uma privilegiada.

Repetindo a história da mãe, decidiu cuidar e proteger aquele ser indefeso – *mamãe, você me dá o patinho para eu criar? Serei sua mãe e o batizo com o nome de Nuvem*.

A mãe não havia explicado o propósito de haver trazido o pato para casa: seu aniversário de casamento seria no próximo mês e como o prato preferido do marido era "pato com laranja", mandaria a cozinheira preparar um belíssimo pato! Agora era tarde, pensou ela. Não era ocasião propícia para dizer o destino do pato.

E nas semanas que se passaram a menina, em júbilo, desfilava com Nuvem para baixo e para cima. Como também existia Roque na sua vida – um lindo labrador preto – tratou de aproximar as duas espécies tão diferentes, mas, igualmente, amadas. Seu cão era um amigo fiel, dócil e brincalhão. Logo os dois corriam pela casa numa festa de alegria e entrosamento.

Insistiu em fazer para Nuvem uma caminha, no seu quarto, junto à de Roque. Mas a mãe, nesse ponto, saiu vencedora conseguindo convencê-la que Nuvem se sentiria mais à vontade dormindo no quintal.

Nuvem não mais nadava na manjedoura de água que existia no galinheiro. E, sim, na banheira preparada com espuma e muitos brinquedos.

Os dias passavam felizes e quem via a menina com um pato e um cachorro, a passear orgulhosa, achava muito engraçado.

Um dia, ao voltar da escola e ser recebida em festa por Roque balançando o rabinho pra lá e pra cá, ela foi logo perguntando por Nuvem. A mãe, em pressa: *ele deve ter fugido quando dei-*

xaram o portão aberto. Mas quem o avistar o trará de volta para casa. A menina, desesperada, iniciou o ciclo de busca, acompanhada de Roque e guiada pela esperança. Sim, tinha certeza que encontraria Nuvem.

À noite a mesa estava preparada, forrada com a toalha de renascença, floreira no centro da mesa, melhor louça distribuída nos lugares. A mãe explicou que era comemoração da data tão significativa para família – aniversário de casamento. Falou para a menina dar trégua para sua tristeza para juntar-se aos outros em contentamento.

Com grande esforço, ela, de rosto inchado de tanto chorar, foi trocar de roupa. Entrando no banheiro e deparando-se com a banheira de Nuvem não resistiu ao sofrimento e desabou em prantos. Do seu lado, Roque tentava consolá-la, esfregando o focinho no seu corpo e dando lambidinhas, que era sua maneira de beijar.

Sendo a última a sentar-se à mesa, deu parabéns aos pais e fitou o nada para não voltar a chorar sendo um desmancha prazer. Depois da entrada e da salada, chegou o prato principal. Numa travessa, entre um molho espesso, estava uma ave. Comeram. *Hum*, exclamavam, *manjar dos deuses, muito saborosa*. Ela, fastiosa, só comeu um pedacinho da carne branca.

A mãe havia avisado a todos que não comentassem que aquela ave era um pato para não lembrar à menina do seu pato desaparecido. Num dado momento, eis que o irmão, num ímpeto de crueldade, pergunta a ela: *você sabe o que comemos? O* ***seu*** *pato!* A menina, recusando-se a acreditar em tamanha barbaridade gritava: *mentira, mentira, mais uma de suas histórias mentirosas para me aperrear! Com o rosto transfigurado de dor perguntou: é mentira não é, mamãe?*

Agora não havia mais jeito. A mãe estava encurralada. Não poderia mentir e, assumir a verdade, seria assumir que havia se transformado numa algoz para a filha. Sem precisar de resposta verbal, o semblante da mãe confirmou a traição e a incompreensão do amor da menina pelo pato!

A menina correu ao banheiro e vomitou. Vomitou sua revolta, a incompreensão, a dor da perda, a saudade. Vomitou a culpa de não ter protegido Nuvem dos perigos da casa. Vomitou seu canibalismo – involuntário, é verdade – o pecado, a ausência.

A festa acabou em tragédia. O irmão, espontaneamente, compreendendo, de súbito, o que tinha feito, pediu perdão. Aceitou, resignado, ficar de castigo por um bom tempo.

A Menina, que passou um mês inteiro sem falar com ninguém da casa, encontrou no seu fiel cão, um pouco de consolo.

A mãe não cansava de pedir perdão à filha dizendo que nunca imaginaria que o fato fosse causar tanta dor. Compreendeu, tarde demais, que Nuvem não era apenas um pato de estimação. Era, sim, um ser a quem a menina devotava o mais puro e descompromissado amor.

E foi desse modo que aprenderam que o amor é maior do que o entendimento humano, maior do que as próprias pessoas.

O MAR[20]

Serão as águas que vejo no momento do agora as mesmas da minha infância? Lembro-me dos meus pés de menina pisando as areias brancas do reino de uma princesa: Princesinha do mar. Assim chamavam aquele lugar onde, diante da infinitude das águas e da vastidão do azul, percebi minha pequenez. Sim, o mar, para meu espanto, era tão enorme que era impossível ver o seu fim. Ele encontrava o céu e me fazia imaginar o que existia para além do horizonte. Moraria ali, num reino submerso guardado por Netuno, a Princesa do mar com seu séquito de fadas, delfos, duendes?

Para mim, primeiramente, o mar foi o leite materno que nutriu meu sonhar. Bebida feliz da infância. Braços amorosos de mãe que me embalavam no bem cedo da manhã. Voz dos movimentos ondulantes do azul liquidificado que ao se esparramar contavam as primeiras histórias que escutei.

Sim, feito mãe amorosa, o mar me esperava na solidão máxima do dia, onde não havia ninguém na praia para quebrar nossa intimidade. Apenas um cão passeava silencioso respeitando a beleza daquele momento. Vigiando aquela cerimônia sagrada: o mar e eu.

Quando eu me deitava naquelas águas, o frio gélido que sentia no corpo, logo se transformava na doçura cálida do ninar das águas calmas e maternas. Ah como eu me entregava, confiante e serena, àquela mãe água que me cobria de carícias e sempre estava ali me aguardando no primórdio de cada dia.

[20] As águas do mundo op. cit. p.425

A imersão no mar foi o batismo de purificação e liberdade. Ao beber o sal daquelas águas encontrei proteção para as dores do mundo e força para caminhar por trilhas diversas.

Depois, meu batismo de mulher. Cumprindo o ritual antigo, no cedo da manhã fui levada ao mar. Não para o abraço e o embalo maternal. Não para encontrar o leite que alimentava meus sonhos. Fui levada pelo desejo. Fome de algo maior. Fascinação pelo proibido.

Movida, inteira, pela vontade de transgredir e urgência de ultrapassar meus limites, entrei corajosa nas águas de ondas altas que me ofereciam resistência desafiando minha ousadia. Aceitei a luta e segui em frente, ignorando as advertências de não entrar no mar de águas cheias e revoltas. Mas, tanto o mar como eu, comungávamos o desejo de transbordar, de ir além. Continuei. De corpo ereto, estava preparada para descer aos infernos. As águas pareciam solidificadas em muros e portas que não se abriam para minha passagem.

A força daquelas águas masculinas exacerbava meu desejo. As espumas no cume das ondas, o gosto de sal e iodo, o vaivém constante e ritmado eram feito carrossel do parque onde, no cavalo verde e mais garboso, eu, maravilhada, subia e descia rodando em círculos. Dando tréguas à luta, mergulhei. O desejo da paixão ressurgiu com força redobrada. Precisava, com urgência, preencher o vazio e a solidão de uma mulher incompleta. Finalmente, entreguei-me. Deixei que águas salgadas penetrassem no meu corpo e sossegassem meu desejo. O mar dentro do meu corpo, feito sêmen masculino. Fertilizada, emerjo na superfície tal qual Vênus gloriosa.

Com os olhos ardendo, saciada e plena, sabia que, doravante, o mar e eu nos tornamos uma única coisa.

Caminho de volta à praia. O mar, por encanto, abre-se para minha passagem. Ele sabe que levo sua água dentre de mim. Ele sabe que nos pertencemos mutuamente. Ele sabe que estou pronta para amar.

SER O OUTRO[21]

O outro sempre me fascinou. Cópias, reproduções, clones e xerox são tediosos e sem valia. Por isso, desde criança, desconfiava que não era em mim mesma que iria encontrar-me. Refiro-me a encontrar minha verdadeira identidade e não, apenas, um igual duplicado.

Até mesmo para me ver no espelho, gostava de inventar um rosto alternativo, uma máscara que, ocultando a camada visível, pudesse desvelar o que estava oculto por detrás. Mudava o penteado, me maquiava de maneira exagerada, fazia poses e bocas para ver refletida outra face de mim mesma e não um mero reflexo.

Talvez, essa tenha sido a origem da mania que adquiri. Começou como brincadeira, jogo de adivinhação e virou um modo de compreender a verdade.

Era assim: ao ver alguém desconhecido, do qual eu não soubesse nada de sua vida, procurava adivinhar seus pensamentos, sensações e gostos para tornar-me aquela pessoa. Não se tratava de trazê-la para mim para incorporá-la. Mas, encarnar-me nela, como um segundo nascimento, no qual eu seria aquela desconhecida. Isso demandava um senso de observação aguçado e uma aproximação sem intimidade. Preste atenção, eu não pretendia, simplesmente, "imitar" a pessoa, mas, sim, ser uma nova pessoa.

Lembro-me da primeira vez que aconteceu. Estudava num colégio católico onde rezas e deveres espirituais eram exigidos pelas freiras. Havia uma menina, Maria de Fátima – nome recebido por devoção à Nossa Senhora – da qual as freiras muito

[21] Encarnação involuntária op. cit. p.428

gostavam. O seu fervor religioso era tanto que não permitia que ela, na hora do recreio, participasse das conversas, brincadeiras e risadas junto com as outras colegas. Ostentava no peito uma fita azul dada pelas freiras às alunas de excelente comportamento. Orgulhosa, exibia a insigne como marca de superioridade. Quando, por acaso, escutava uma conversa sobre namoro e beijo roubado, retirava-se ruborizada de vergonha (hoje, penso, poderia ser de excitação...). Aliás, tinha uma cor muito branca, não de alvura, mas de uma palidez doentia de pessoa que não se expõe ao sol. Diferente das outras meninas, não usava batom e ruge na medida permitida pelo colégio. Quando a campa anunciava a hora do recreio, não se apressava em sair da sala como as demais. Aliás, ela nunca corria, jamais ficava em alvoroço próprio de adolescentes apressadas para viver o mundo. Seu caminhar não era feito com os pés no chão e sim com passos lentos que mais pareciam uma levitação.

Não sei bem porquê, talvez por uma atração àquilo que era o oposto, fui tomada por um desejo de encarnar em Maria de Fátima. Aproximava-me dela nos intervalos e recreio, aceitava os seus convites de rezar o terço na capela, escutava, paciente, a vida dos seus santos preferidos.

Suspensa da minha vida e hábitos rotineiros, adquiri, sem sentir, aquele andar de beata, o jeito culposo de pecadora arrependida. Sem usar ruge nem batom, minha pele clareou e essa brancura conferiu-me o ar da pureza das santas leigas. Cabelos presos num coque: tornei-me outra.

Minha vida agora era a vida de outra pessoa. A vida de uma menina casta e bem comportada que corava na presença de meninos. Minha vida transformou-se na de Maria de Fátima. Até quando aguentaria viver essa outra pessoa, tão sem atrativos e desejos, tão descuidada de sua aparência física, tão insossa e sem graça? Comecei a ficar receosa.

Foi quando Maria de Fátima adoeceu de pneumonia e teve licença para ficar em casa. Com a sua ausência fui desencarnan-

do, aos poucos, da pessoa que tinha me tornado. O fantasma de mim mesma foi retornando e me apossando outra vez. Voltei a rir, a me juntar aos grupos de meninas, conhecidas como "assanhadas". De batom e ruge e saia do uniforme encurtada, recomecei o jogo da sedução.

A minha outra experiência de encarnação deu-se numa festa. Na mesa ao lado da minha, uma mulher a qual chamamos de *femme fatale*, revezava goles de uísque com tragos de cigarro. Usava um perfume ativo, vestido de cetim preto onde os seios se erguiam num orgulho provocativo. A marca vermelha do batom carmim grudava-se no copo e na piteira. Notei que estava virada para um homem que se encontrava em pé no bar, em frente à sua mesa. Num ritual de sedução, exalava a fumaça, lentamente, com os olhos entreabertos. Tal qual uma fêmea no ritual de acasalamento, o seu corpo todo expressava sinais e gestos de preparação para a chegada do macho.

Encarnando-me na *femme fatale*, de olhos semifechados, passei a tragar um cigarro, vagarosa e profundamente, exalando a fumaça para o alto. Com olhar envolvente e conquistador acompanhava a dança da fumaça no ar.

Sim, eu, agora, portava a alma da mulher sedutora. Havia um homem sozinho, na mesa em frente à minha. Tinha cabelos grisalhos e braços peludos. Na sua mesa uma garrafa de uísque. Fumando, com expressão convidativa, procurei fixar meu olhar naquele que seria minha presa. Para minha surpresa e salvação, vi o homem levantar-se da mesa e sair, sem ao menos, perceber minha presença.

Nunca lamentei a falha desse experimento de encarnação!

... PRECISO LHE FALAR[22]

Há tantas coisas que necessitam serem ditas! Outras tantas, desditas. Apagadas. Talvez o que preciso lhe falar esteja no silêncio entre as palavras, no intervalo entre a inspiração e a expiração, no olhar que afaga e acolhe e diz muito mais do que belos e sábios discursos.

Por que tento lembrar-me do que deveria ter sido dito? Talvez, pela proximidade do Natal. Tempo de promessas, esperanças, renovação da vida. A árvore de Natal, mais uma vez, será arrumada no centro da sala de jantar: linda, majestosa, iluminada. Cada enfeite dos seus galhos guardará desejos, esperanças, sonhos. Ilusões? Talvez. Mas, sobrevivemos sem elas? As crianças em algazarra esperaram ansiosas pelos presentes. A ceia, cuidadosamente preparada, deverá ser partilhada por todos num momento de confraternização e harmonia. A alegria de rever entes queridos afastados pela distância será celebrada com abraços, beijos e brindes.

Neste Natal irei pendurar, na árvore, a palavra que preciso falar. E todos que por ela passarem, escutarão o sussurrar dessa palavra, miúda e preciosa.

Neste Natal nada quero colher. Quero, sim, transformar essa época num tempo de semeadura. Plantar nos corações um desejo miúdo, feito fosse semente de flores silvestres coloridas que, na primavera da vida, irão encantar a todos que passem por esses bosques. Um desejo palpável que eu possa colher com as palmas das minhas mãos. Nada de sonhos grandiloquentes, infinitos, po-

[22] É para lá que eu vou op. cit. p.508

derosos. Nada de maravilharem-se com os melhores, os mais belos, os mais poderosos: mais... mais... mais...

Neste Natal quero ir para a terra dos miúdos. Um lugar onde tudo o que existe é do tamanho certo para nossas necessidades. Um lugar onde o sentido da existência está na vida em si. Porque nela estão todas as significâncias que buscamos para encontrar felicidade. É para lá que eu vou.

Lá está a felicidade e o nascedouro de todas as histórias da humanidade. É uma terra fértil onde o que se planta floresce. Lá encontrarei meu canto e não precisarei mais buscar aquilo que sou. Serei dentre cores, cheiros, luzes e vozes da natureza. Não precisarei de espelho para reconhecer-me nem bússola para me guiar.

Não mais me perguntarei: e agora, para onde ir? Não sofrerei de aflição com as pedras no meio do caminho porque elas não serão obstáculos a serem enfrentados e superados. Serão apenas pedras no meio do caminho. Algumas convidativas a um bom descanso antes de continuar a jornada... lá não terei pressa porque não precisarei mais chegar. Porque os caminhos que lá existem não levam a lugar algum. São rotas de viajantes.

SILÊNCIO[23]

Decifrá-lo é ato dúbio de aniquilamento e criação porque ele disseca a palavra que o indagou, tirando-lhe a seiva, transformando-a em flor desidratada. Vejo, então, a essência da flor desvinculando-se da sua aparência, para tomar a forma da beleza outonal que, respondendo ao adágio que toca distante, começa a rodopiar e se junta ao espiral de folhas secas que se dispersam na paisagem. O dourado dessas folhas funde-se com o reluzir do sol – teimosia da flor em se querer permanência? – e perpetua, nas folhas, a árvore que continua sendo em sua essencialidade.

Vou compreendendo que o silêncio que você me remete participa da criação de um discurso, falando através do abraço, trasbordante de satisfação plena de todos os desejos. Esse silêncio vai aplacando a inquietude da falta, ao encontrar a si, no outro, em sereno descanso. Vou escutando a fala do seu silêncio, na volúpia do desejo que se torna presença onipotente de uma ausência, que nenhuma realidade poderá, jamais, preencher. Desejo que é herança de uma história suspensa, apenas esboçada: possibilidade nunca concretizada.

E, assim, vou me perdendo no discurso do seu silêncio que não será nunca negação. Que apenas é espera, a qual, por vezes, desespera, inflama e anima o criar do itinerário de uma paixão. Itinerário que é real porque ao escrevê-lo me duplico e realizo o percurso, buscando em mim o que existe de você. Por isso tento, neste momento, transformar esse sentimento em linguagem.

[23] Silêncio op. cit. p.512

Mas seu silêncio, encarnado no meu sentir, é tanto e tão maior do que posso compreender, que findo, eu própria, tornando-me construção do meu dizer.

Será você inatingível, por haver se transformado na sombra daquilo que lhe usurpei?

SEGUNDA PARTE

O MUNDO PELO OLHAR DE CLARICE

ESCREVER

Certa vez você disse: *escrever é uma maldição, mas uma maldição que salva. Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se estende a menos que se escreva.*

Aquilo me causou forte impressão. Porque também sofro desse penoso vício de encontrar vida nas palavras. A angústia e a dor induzem a me buscar nas palavras. No desamparo de não ser quem eu sou, no desesperançar de encontrar a salvação, procuro refúgio na escrita. É quando o escrever se torna fruto da melancolia. Exercício de dor. Calvário de uma vida guardada no antes das palavras.

Você poderia perguntar: então você só sabe escrever na falta?

Sim, sim. Sou feita da minha falta. Minha dimensão é esse vazio enorme que, quanto mais tento preencher, mais vai captando e sugando todo o meu fazer.

Sinto, também, *que escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o fim o último sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador.*

Mas preciso lhe confessar meu medo. Tenho muito medo. Porque sou tão múltipla e diversa quanto as palavras que me expressam. Essa pressão a palavra não traduz. Nem conta minha história sem fatos nem acontecimentos externos. História que é somente pressão para dentro: pulsão. Por isso, apesar de todo o meu tédio, não preciso preencher minhas horas vagas: já esvaziei todas as horas e vagueio no vazio do tempo.

Para mim, você revela, escrever é *procurar em si próprio a nebulosa que aos poucos se condensa, aos poucos se concretiza, aos poucos sobe à tona – até vir como num parto a primeira palavra que a exprima. Porque a frase não se faz. A frase nasce. E com a palavra concretizada abençoamos uma vida que não foi abençoada.*

Continuando nosso diálogo, revelo: quando estou perdida na minha escuridão, as palavras abrem clareiras por onde posso transitar, a salvo, em trevas e assombros. As palavras tornam-se estrelas ou meteoros que iluminam incompreensões e dúvidas. Faíscas que sinalizam a viajantes perdidos em terras estranhas, esperanças da descoberta do sentido da existência. Você também não sente que escrever não é algo que dependa de uma opção, uma escolha? Que é simplesmente feito respirar, pensar, sentir?

Sim, você responde: *Minha vida me quer escritor e então escrevo. Não é por escolha: é íntima ordem de comando. E acrescenta: O que escrevo de mim é o que sai naturalmente. Só sei escrever quando espontaneamente a «coisa» vem. Escrever memórias não faz o meu estilo. Por isso fico assim, à mercê do tempo. E, entre um verdadeiro escrever e outro, podem-se passar anos.*

Explico-me: Já que não tenho êxito em elaborar minha vida através de uma sucessão de episódios cronológicos vividos, pois minha memória é vaso sem fundo que tudo deixa escapar, ao escrever me fotografo nas palavras para que possa, enfim, possuir um álbum de recordações que sejam somente minhas. Relembrar e dispor de muitas coisas para contar. Poder, assim, **pertencer**, e não mais ficar acuada, num canto qualquer, assistindo de fora, o falar interminável dos outros.

Então você me conta: *uma vez, durante muito tempo, escutei a frase "Escrever ao sabor da pena" e ela ficou na minha memória e nem sequer eu sabia de onde ela tinha vindo. Para começar, não se usa mais pena. E, depois, sobretudo, escrever à máquina ou com o que seja, não é um sabor. Não, não estou me referindo a procurar escrever bem: isso vem por si mesmo. Estou falando da máquina que corre antes que meus dedos corram. A máquina que*

escreve em mim. Esse escrever doído não é aquele que escreve para jornais. Mas o escrever daquilo que eventualmente pode se transformar num conto ou num romance. Esse é que é a maldição porque obriga e arrasta como um vício penoso do qual é quase impossível se livrar, pois nada o substitui. E é uma salvação

Prosseguindo, salienta: *A palavra é meu domínio sobre o mundo. Mas eu tenho medo que escrever se torne um hábito e não uma surpresa. E eu só gosto de escrever quando me surpreendo.* Lembrando-se, *com saudade, da dor de escrever livros,* acrescenta: *... Uma coisa eu já adivinhava: era preciso tentar escrever sempre, não esperar por um momento melhor porque este simplesmente não vinha. Escrever sempre me foi difícil, embora tivesse do que se chama vocação. Vocação é diferente de talento. Pode-se ter vocação e não ter talento, isto é, pode-se ser chamado e não saber como ir.*

Explico: escrevo para fazer existir e existir-me. Morro e renasço inúmeras vezes quando escrevo. E o pensamento torna-se um sentir. Sentir que vem por imagens, movimentos, cores. Então transformo essas sensações em palavras. Não escrevo para você, para mim ou para alguém. Nem quero escrever-me nas palavras escondidas no subsolo do jardim do pensamento. Quero ser palavras imersas e adormecidas na Atlântida perdida que nenhuma sonda virá, jamais, descobrir. E nenhuma tela poderá devassar.

Então você, numa alegria serena, diz: *escrevo tendo a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alivio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva, então, é escrever* <u>*distraidamente*</u>*. Escrever é tantas vezes lembrar-se do que nunca existiu. Como conseguirei saber do que nem menos sei? assim; como se me lembrasse. Com um esforço de memória, como se eu nunca tivesse nascido. Nunca nasci, nunca vivi: mas eu me lembro, e a lembrança é carne viva.*

Desabafo: Hoje eu queria escrever a água numa tristeza que não é triste. É terra molhada pelo sangue branco da chuva: brancura incandescente de neve. Branco da fome de preencher a escuridão da ausência, onde descanso de ser, chamando o tempo para embranquecer as imagens até apagá-las da minha visão. É assim que me sinto: estéril de palavras: porque não ouço as águas correndo indolentes na minha imaginação. A canção da chuva embalou a correnteza e a fez adormecer em profundo sono de lago de cisne branco.

Quanto a mim, você diz: *meu melhor livro acontecerá quando eu de todo não escrever. Tenho uma falta de assunto essencial. No entanto há o impulso de escrever. O impulso puro – mesmo sem tema. Como se eu tivesse a tela, os pincéis e as cores – e me faltasse o grito de libertação, ou a mudez essencial que é necessária para que se digam certas coisas. Às vezes a minha mudez faz com que eu procure pessoas que, sem elas saberem, me darão a palavra-chave. Mas quem? O mistério é esse: ninguém, e, no entanto a força me impelindo.*

Revelo, então, que gostaria de escrever sem palavras, usando a dança da menina bailarina que, equilibrando-se na palma da mão do mundo, rodopia ao som da música celestial. As palavras seriam cores, tons, movimentos que libertam a alma do peso do corpo.

Comungando sensações você declara: *Juro que este livro é feito sem palavras. É uma fotografia muda. Este livro é um silêncio. Este livro é uma pergunta.* Prossegue: *Em algum ponto deve estar havendo um erro: é que, ao escrever, por mais que me expresse, tenho a sensação de nunca na verdade ter-me expressado. A tal ponto isso me desola que me parece, agora, ter passado a me concentrar mais em querer me expressar do que na expressão ela mesma. Mas, de qualquer forma, tentarei o seguinte: uma espécie de silêncio. Mesmo continuando a escrever, usarei o silêncio. E, se houver o que se chama expressão, que se exale do que sou. Não vai ser: "Eu me exprimo, logo sou". Será: "Eu sou, logo sou".*

Sentindo seu acolhimento, falo: A verdade, a minha verdade, não está na superfície da palavra. A palavra é apenas uma ponte por onde se pode fazer uma travessia: chave que leva a uma passagem estreita, flecha arremessada para atingir o mais fundo do nosso sentir. Por isso meu escrever não desliza na superfície macia das palavras, não se apoia em símbolos para, de longe e a salvo, apenas contemplar o mundo infernal das coisas mesmas em estado bruto e inorgânico anunciado pelas palavras. Esse escrever exige um esvaziamento, um prescindir da visão, um cegar-se: sair do mundo da claridade para compreender, num corpo-a-corpo, a materialidade e a densidade do que foi aberto pela palavra. Somente na escuridão do nosso entendimento podemos ver a luz da palavra na própria coisa por ela criada. Palavra que, uma vez escrita, deve sair de cena para que se possa ouvir o silêncio que se sucede: ausente a palavra, entramos na coisa mesma.

Você explica: *Eu quero não a ideia, e sim o nervo do sonho que resulta na única realidade onde posso encontrar uma verdade. É como se eu tivesse inventando a vida – e Fiat lux –, mas o deslumbramento que eu tenho dura o espaço instantâneo de uma visão e eis-me de novo no escuro. Procuro o deslumbramento. O deslumbramento que eu só conseguirei através da abstração total de mim... Quando procuro demais um "sentido"- é aí que não o encontro. O sentido é tão pouco meu como aquilo que existisse no além. O sentido me vem através da respiração, e não em palavras. É um sopro.*

Acrescento: quando termino um texto – que na verdade é, sempre, inconcluso – experimento uma enorme dor melancólica, feito nostalgia por uma perda irrecuperável. Diferente da dor angustiada que me dilacerava enquanto eu, flanando por sobre os meus vividos e achados, apartada, de mim e do mundo, desintegrava-me para textualizar realidades fugidias e momentâneas.

Sei o que é o verdadeiro romance. No entanto, ao lê-lo, com suas tramas de fatos e descrições, sinto-me apenas aborrecido. Não escrevo o clássico romance. No entanto é romance mesmo.

Só o que me guia ao escrevê-lo é sempre um senso de pesquisa e descoberta. Não, não da sintaxe pela sintaxe em si, mas da sintaxe o mais possível se aproximando e me aproximando do que estou pensando na hora de escrever. Aliás, pensando melhor, nunca escolhi linguagem. O que eu fiz, apenas, foi ir me obedecendo.

Sabe meu maior desejo? Escrever o silêncio. Um silêncio de verdade. Que faz calar as palavras e ofuscar as visões. Silêncio da madrugada, autossuficiente de beleza que não comporta argumentações, dispensa discussão e transforma o saber trancafiado na lata de sopa exposta nas telas para denunciar a arte em mofo que se abriga nas árvores, grudando-se nas raízes. Feliz por ter se tornado apenas matéria orgânica.

Eu queria ficar calada. Tudo o que falo é para dizer nada. Quando eu fico sem nenhuma palavra no pensamento e sem imagem visual interna – eu chamo isso de meditar. O silêncio é tal que nem o pensamento pensa. E, estilhaçar o silêncio em palavras, é um dos meus modos desajeitados de amar o silêncio, e é assim que muitas vezes tenho matado o que compreendo.

Há coisas que nunca escrevi, e morrerei sem tê-las escrito. O grande silêncio que existe dentro de mim tem sido a fonte de minhas palavras. E do silêncio tem vindo o que é mais precioso que tudo: o próprio silêncio.

E esse foi o diálogo possível onde as palavras se fundiram num único útero e não cessaram de fazer indagações. *Porque escrever não existe por si mesmo. Escrever é apenas o reflexo de uma coisa que pergunta... Escrever é uma indagação. É assim?*

FRAGMENTOS DE UM VIVER

ANTES

Tempo de espera. Sempre presente. À vista. Infiltrado na emoção. Paralisado. Indiferente às expectativas e burburinhos que vinham da casa. No meio a tantos outros objetos, o Tempo parecia ignorar o quanto era aguardado.

– O que o Tempo traria consigo? Qual mistério seria por ele revelado?

O Antes foi um Tempo no qual o escrever era refúgio. Por isso ela se entregou, completa e plenamente, às palavras indagadoras capazes de construir mundos belos e justos. Mundos onde a moeda corrente fosse o sentir. Nesses, ela seria acolhida, inteira. Mundo raiz de uma vida plena de sentido. Demolindo certezas, respondia às perguntas vindas das cores, movimentos e sons, tentando inventar a topografia de um novo lugar. Ali seriam abrigadas emoções expulsas da vida de fora, sentimentos e sensações ignorados pelo existir convencional. Ali seria desvelada sua verdadeira face encoberta pelas muitas máscaras que precisou usar. No processo de criação ela encontrava Vida. Vida respirando em cada uma das palavras que, feito tijolos, edificava a casa onde seria seu verdadeiro lar.

Tempo de sentir-se viva, amada e plena.

MUITO ANTES

O Muito Antes foi um Tempo de alegria espontânea. Tempo de utopias: afetivas e sociais. Uma fé cega no destino que dependeria, apenas, da coragem e do acreditar que tudo estava ao alcance. Sonhos poderiam ser colhidos. Sementes seriam abun-

dantes. Futuro? Não importava. O presente engolia o antes e o depois. O agora do Muito Antes era um imã que, com seu magnetismo, atraia tudo.

Tempo em que cada amor era absoluto e definitivo. Importava mais amar o desejo de amar do que o amor por alguém ou algo real. O prescindir de figuras visíveis como objeto do amor, tornava possível atribuir ao ente amado todas as qualidade que desejasse.

Tempo de brancura que abrigava a pureza da Menina numa caixa de Madrepérola.

DEPOIS

O Depois foi um Tempo do não saber. A sensação de que o tempo movia-se rápido demais fez parecer que, na realidade, ele nunca chegaria. Foi quando entrou na desconstrução do esperançar. De tanto esperar esqueceu aquilo que, no Tempo, desejava encontrar. Até que um dia disse: *Não sei*. E foi estranho depois da vivência de tantos fatos, emoções e épocas, inaugurar o tempo da sabedoria com um *não sei*. Esse *dessaber* era dúvida ou completa ignorância fruto da *desaprendizagem*?

No Tempo do Depois, a Menina de brancura imaculada que, até então, vivera protegida entre rosas, azuis, lilases e amarelos de primaveras infindas, tornou-se prisioneira da solidez da mulher. Entranhada numa ossatura corroída pelo passar do tempo, enferrujou. E não pode mais correr e voar feito animal fantástico! Despojada da sua alma, foi condenada a caminhar, sem rumo, no corpo da Mulher, ao som lancinante de flautas e violinos.

Tempo de desaprendizagem.

MUITO DEPOIS

Muito Depois foi o Tempo no qual, mais do que simplesmente existir, ela desejou ser. Tempo do *parece que foi ontem*. Da perda do futuro e distanciamento do passado. E da sensação de que tudo fora veloz demais. O *parece que foi ontem* soava inócuo diante da fuga das palavras que poderiam acudi-la quando, cambaleante, buscava compreender. Compreender o quê?

Ou para quê? O sentido do que havia vivido? Se havia amado o suficiente? O quanto ousou aventurar-se nas alturas das quais tantas vezes despencara, junto com os sonhos destroçados pela realidade? Os erros, acertos, o *poderia ter sido?*

Enquanto deslizava pelas trilhas da memória em lampejos de relâmpagos em noite escura e solitária, uma pergunta teimava em ocupar a mente: Os sonhos envelhecem? Desbotam? Emudecem? *Não sei*. E o *não sei* ecoava intermitente feito sino chamando fiéis para a missa dominical.

No Tempo do Muito Depois o conhecimento e a visão do mundo deram lugar à *sensação do mundo*. Desejou repousar na palavra e fincar raízes nas margens do Tempo que fluía na correnteza das águas. Estancar seu destino andarilho e descobrir o mundo a partir das margens que sempre ficavam para trás. Margens onde árvores com seus galhos debruçados dançam movimentos de oração, preces e adeuses, pássaros cantam, em tranquilo repouso antes da próxima jornada, e flores se veem no reflexo das águas. Retornar à terra de onde a água brotou. Como fazer seu caminho para reencontrar a fonte? Como guiar as águas no percurso de volta às terras úmidas? Foi quando, num instante de angústia, clamou por um dique onde a água que fluía fosse contida, retida. Oh! Cruel ironia... Ela, água de correnteza, de curso livre e solto, queria voltar ao nascedouro da terra!

A palavra, água indômita de cachoeira, sonha, agora, em desembocar num lago de águas tranquilas e transparentes. Também ela, cansada de ser andarilha, sem pouso ou repouso, quer voltar à raiz nas margens pelas quais passou.

Mas, de repente, um cansaço invade o desejo de regressar e a sensação diz:

Tempo esgotado...

FINAL

No Tempo Final não sabia precisar o tempo. Sabia que ele escapara do seu domínio e, até da sua vista, mergulhando na escuridão. Adeus ao Tempo de clarezas, certezas e magnificências.

Apenas uma certeza restou: precisava fazer o passado passar. Terminar. Fechar a portar: escrever um ponto final. Sem reticências ou exclamações. Não era questão de esquecimento, de apagar da memória o já vivido e jogar fora o bagaço da fruta que já fora chupada. Precisaria do caroço para replantar.

Não suportava mais caminhar por um corredor sem fim. Continuar andando por um imenso corredor, perseguida pelos sons de portas escancaradas, batendo sem cessar. Enquanto caminhava, cambaleante, deparou-se com o Muro do Tempo. Abrindo os portões, encontrou tesouros, vigências e lembranças. Acontecimentos ruins e fatos neutros e desimportantes. TODOS entrincheirados para a batalha final. Cenas da vida embaralhavam-se em caleidoscópios girando numa incrível velocidade. Tentou, em vão, prosseguir. Vencer o exército do passado e conquistar um lugar no Tempo do Agora. Mas as portas entreabertas, feito possuíssem imã ou um cordão, puxava seu corpo para trás. Paralisada num ventre inchado de memórias, recusava-se a nascer para o presente. O que sentia não era simplesmente saudade. Saudade do que viveu ou ficou para trás. Doía mais o que não fora capaz de viver... Capturada por uma melancolia nostálgica não conseguia mover-se. Nem as palavras – esteio seguro onde, tantas vezes, encontrou consolo e proteção – serviam de apoio. Ela estava em completa e total. Solidão.

Não. Não iria carregar a palavra pela mão, mundo afora. Feito fosse bicho amestrado. Criança exibindo façanhas e espertezas para visitas na sala e orgulho dos pais e avós. Queria a palavra viva e livre. Selvagem e primitiva. Com sangue correndo nas veias, coração pulsando no brilho estelar de primeiro grau.

Agora, mais que nunca, preciso era dizer. Falar o que precisa. Atordoada com a dúvida, voltou a indagar-se: haveria alguém interessado em escutar?

Tempo da Travessia.

AGORA

No Tempo do Agora, folheava um livro com pinturas de George O keeffe. Diante daquela imensidão de cores e de brancos,

sentia-se acolhida! Protegida num útero de cores e formas. Uma imagem mobilizou sua atenção: redondos superpostos abarcando pendões eretos e imponentes. As cores iniciavam com um verde escuro e, à medida que caminhavam ao núcleo, iam desbotando, esmaecendo até branquearem por completo. Então, majestosos e plenos de glória, os pendões se erguiam. Orgulhosos. Mas, aprisionados... Feito ela. Presa a um passado que não passara.

Lembrou-se de que sempre se esquecia de fechar gavetas, portas e pastas. Tantas inconclusões... Chegara ao limite. Tinha que atravessar os muros e portões que prendiam o passado. E, do outro lado, na outra margem do Tempo, reencontrou a caixa de madrepérola, Menina que teve as asas cortadas pelo tempo de experiências vividas e tristezas e fracassos que mancharam de fatos e acontecimentos os seus mais lindos sonhos. Teria sido essa nostalgia do antes que a levara a construir, com palavras, a caixa onde poderia reencontrar a menina aprisionada num passado que não passara?

Num impulso, atirou, com toda a força, a caixa de madrepérola no chão. Não medira as consequências do seu ato, pensando o que poderia acontecer se trouxesse o passado de volta. Passado que, por meio de um estrondo seguido da doce melodia de flautas, libertou a menina e, com ela, a sensação de ainda poder "andar, correr, navegar e voar, tão bem e rápido, como um animal fantástico saído dos livros da infância". E, foi assim que a brancura da Menina invadiu os vermelhos que sangravam da vida e da mulher.

Quantos fantasmas libertados, entrando através de portas entreabertas! Quantos fantasmas retirados de caixas, bolsas, bolsos, cofres, gavetas e enformados nas palavras feitas da nostalgia pelo não vivido. E eles rondavam seus dias chorosos, num bardo interminável. De que maneira conduzi-los de volta? A tampa da memória estava lacrada e enferrujada.

Mais um dia. Mais um ano. Queria, no hoje – dia do seu aniversário – voltar a ser, apenas, a Menina que fora e conseguir sonhar com o amanhã. Depois, seu coração de Mulher encheu-se de gratidão pelas bençãos que a vida lhe presenteara. O que foi,

passou: página virada. Já lida. Fazia parte de sua história e jamais poderia ser esquecido. Entretanto, também, jamais poderia ser revivida. Para que o porquê cobrar-se tanto?

O que fazer quando cansamos de nossas próprias histórias e a memória inventiva recusa-se a percorrer outros caminhos? Presa a um passado que não conseguia fechar não sentia saudades de fatos, pessoas, lugares ou afetos findos. Não. Definitivamente não era saudade. O que sentia era o banzo dos escravos ansiando por voltar para uma pátria que talvez nem conhecessem. Ela também era uma expatriada. Mas como poderia formular o desejo de rever a sua terra, paisagens e rostos, se o espaço que ansiava não tinha território nem contornos nem habitantes? Era apenas feito de sensações difusas, mescladas, indefinidas.

Precisava terminar sua história para ter um presente. Do aqui e do agora. Era urgente continuar a narrativa. Inventar-se. Encontrar um caminho mesmo que as paisagens e cenários não lhe causassem o mesmo impacto do início, quando tudo começara. Para continuar a viagem era preciso libertar-se do já vivido: deixar o passado passar. Mas o ranger de portas abertas insistia em azucrinar seus ouvidos e a névoa na qual havia se transformado sua memória não permitia que ela enxergasse.

Naquele entardecer parecia escutar o som de tambores e seu coração acompanhou as batidas ritmadas. E foi dançando esse som que os cacos brancos espatifadas na memória uniram-se, voltando a formar a caixa de madrepérola que acolheu o fantasma da Menina desabrigada. A menina que chorava tornou-se apenas um clarão de luminosidade tênue abrigando em si todas as cores do arco íris.

Tempo da libertação.

NO INSTANTE-JÁ

A Mulher instalada no presente e reconciliada ao seu destino vive. Apenas vive.

AS DUAS FACES DO RIO

A beleza da cidade era tão intensa e despudorada que chegava a dar arrepios. Era uma demasia. Afronte à finita capacidade humana de contemplar, acolher e pertencer. Nos dias mais ensolarados, a boniteza totalmente visível oferecia-se sem recatos chegando a sufocar. Sim, tinha certeza. Ninguém, jamais, seria capaz de compreender aquelas montanhas elevadas até o céu, aquele mar que alternava momentos de calmaria com ondas acrobatas executando um balé orgástico. Ninguém ficaria impune depois ver a beleza em transmutação contínua de luz, sons e cores, ouvir a melodia nostálgica e experimentar o encanto daquela cidade. Porque detrás de toda a boniteza havia uma paixão crua e sem enfeites que, seduzindo corpo e alma, exigia total entrega. Uma beleza que apagava as aparências e tocava o núcleo mesmo do sentimento, sem arrodeio, sem disfarce, diretamente.

Do 15° andar olhos insones da mulher, mergulhavam no mar de Copacabana, a princesinha, cantada em prosa e verso. O sol, surgindo no horizonte, começava a desvelar o que fora oculto pela noite. Os trabalhadores andando apressados para apanhar sua condução, cachorros passeando pelas calçadas, pessoas exercitando-se nos calçadões, banhistas enfrentando as águas frias do mar.

Diziam: 'cidade maravilhosa'. Uma cidade que, através de Cristo, abria seus braços, não apenas para o abraço, o encontro, mas também para o perdão das impurezas que certas vezes causava a sensação de que ela não seria digna de merecer uma beleza tão sólida, tão perto, tão ao alcance...

Havia nos movimentos ondulantes da cidade, das imagens e reflexos trazidos pela explicitude do sol que ocupara o lugar da magia da lua, pelo burburinho da população e o barulho dos árvores, águas e ventos. Uma canção que embriagava os sentidos, um canto de sereia que levava à descoberta de sentimentos e recantos misteriosos do seu próprio eu, antes nunca visitados.

.....

A menina com o corpo distendido nas escadarias da Candelária gritava de dor nos estrondos que invadiram à madrugada. Da sua imobilidade espiava além de onde os olhos poderiam ver.

Moveu os olhos semicerrados para o lado, entreviu um Cristo que pendia dos céus com braços estendidos de louvor. Desejou que aqueles braços de benção pudessem salvá-la. Abraçá-la. Acolhe-la. Então, viu. Viu, por detrás dos braços de louvor, uma cruz. Viu gotejar daquelas mãos de cimento um sangue amarelado que se misturava ao escarlate da ferida aberta. E quando a nuvem desabou do alto, viu a chuva de sangue manchando a brancura dos céus e poluindo de dor a imensa baía distendida sobre o horizonte.

'Por quê?' A pergunta resumia a indignação e a falta de sentido dos fatos.

Logo adiante as folhas cobriam as calçadas de dourado enquanto *meninos do Rio* e *garotas de Ipanema* com o dourado na pele desfilavam juventude desconhecendo o avesso de todo aquele esplendor.

A menina, da sua pequenez para reagir, sem o saber, assassinou o pensamento, apagou a alma e, calando o grito entalado na garganta, entregou o corpo insensível a um destino que não escolhera.

.....

Bom dia, disse a mulher do 15° andar ao passar pelo porteiro. Andou despreocupada porque teria tempo o suficiente para chegar à igreja na hora da missa dominical. Precisava aplacar a

angústia e aflição que vieram com a insônia. Precisava libertar-se de sua solidão. A verdade é que se exilara do amor. Da humanidade. De si própria. Ousara transgredir e tornara-se ninguém. Transformara o açúcar do pão da rocha que, até então, oferecera a doçura, concretude e imponência do inorgânico a toda uma cidade, no fel de uma ferida que nunca iria cicatrizar.

"Que o Senhor esteja conosco, Ele está no meio de nós".

Na proteção de dentro entre altares, ouros e cegueira, a missa celebrava a vida limpa de miséria, violência, morte.

Do lado de fora, o Cristo, testemunha de pedra, acusava 'Até quando seria apunhalado por tanta ingratidão?'

Silêncio.

'Vingança'! Clamaram. Vingança: olho por olho, dente por dente.

'Não!', diriam outros, 'sair desta engrenagem é o que importa: uma trégua para que o sol não se envergonhe de amanhecer, a chuva lave a terra escarlate e aquele e tantos outros defloramentos sejam banidos da memória pela brancura de um novo tempo'.

.....

Voltando para casa sem ter conseguido dissipar sua aflição, a mulher, fechando as cortinas, abriu a memória e acendeu um cigarro. Então, viu. Viu a menina que um dia fora andando nas areias brancas do reino de uma princesa: 'Princesinha do Mar'. Experimentou a paixão que sentira ao deixar-se possuir, pela primeira vez, pela vastidão do mar que entrava no seu corpo, despertando a paixão: paixão de uma vida inteira a conquistar.

A cidade maravilha, agora totalmente desperta, estava alheia aos escombros do que um dia havia sido sonhos, vida, esperança. A beleza, inefável, inatingível, enganadora, sobrevivendo à violência, continuava a expor-se, insolente, no meio da dor e aflição. Continuava a esmagar, com seu fulgor, o luto de todos aqueles que ousando ultrapassá-la tentaram descobrir o mistério oculto no avesso do rosto da cidade.

A menina sangrava, a vida sangrava, a pureza sangrava. E a cidade continuava a mostrar-se em beleza, extrema e irretocável, indiferente à menina transformada em mulher e à mulher que quebrara espelhos e destruíra máscaras para encontrar o caroço: seco, chupado, feio.

Conseguiria a beleza alucinógena da cidade estancar a sangria e devolver esperança à menina, à mulher e a todos cujo sofrimento impedia de ver a sua face iluminada?

APLAUSOS

"Todo artista é movido pelo aplauso". Será?

Cresceu escutando que é preciso vencer e, como tal, ser reconhecido. E, quando se descobriu artista, afiou os ouvidos e abriu bem os olhos para escutar e ver os aplausos.

Seria verdade que o aplauso constitui a energia que movimenta o artista? Sem os aplausos estaria o mesmo fadado a perder o entusiasmo, desistir e minguar sua criação? O que, afinal, as palmas significam? O que é aplaudido: o resultado da criação, a própria figura do artista ou ambos?

Diante dessa angústia começou a pensar noutras formas de estímulo que poderiam impulsionar a criação do artista. Foi quando Beckett aquietou sua aflição *"ser artista é fracassar como ninguém jamais ousou fracassar"*. Suspirou, sentindo-me amparada.

Se a arte propõe mudar a realidade, criando ou mostrando algo inédito que, não fosse o artista, continuaria invisível, não terá ele uma rebeldia e um inconformismo natos? Não seria a inadequação à realidade, o desejo de mudança ou a simples nostalgia de um tempo e um espaço inominados que levariam o artista a criar?

Percebeu que, definitivamente, não pertencia ao grupo dos aplaudidos. E concluiu que o fracasso não era sinal de desistência. Ao contrário. Era a mais pura coragem de lutar, de não se render. Ousadia para mudar as coisas de lugares "certos e usuais". Transmutar o existente. Prosseguir na solidão e não se deixar vencer pela incompreensão do mundo.

Se o fracasso pode fazer o artista sofrer com medo de ter a voz silenciada pela indiferença e o seu trabalho apagado pelo descaso, os aplausos podem significar um "pacto com o diabo", vender a alma ao sucesso, nublando os rumos da criação.

Na vida, desde muito cedo, ensinaram que, em qualquer atividade, é necessário lutar para chegar ao topo: o pódio – lugar dos vencedores.

Ela nunca soube muito bem qual era seu lugar. Destoando do geral e não suportando unanimidade, preferia ficar à margem. Livre para expressar, através das palavras, dúvidas e questionamentos.

Não escrevia pretendendo criar algo genial, eterno, aplaudido por todos. Acolhimento, sim, ela desejava. Imortalidade? Não... Somos todos transitórios, impermanentes e moventes.

As palavras que escrevia eram ecos da alma gritando. Às vezes suplicando. Outras acusando. Denunciando. Não tinham a doçura do mel nem o perfume de rosas. Não eram frutos para serem colhidos para simples deleite do paladar. Nem enfeites de árvore de natal ou flores a serem colocados no jarro da mesa de jantar. Eram feito espinhos que deixam marca nas mãos daqueles que, ao invés de olhar, colhem.

Eram palavras com viço, vida, sangue circulando nas veias. Emoção à flor da pele. E guardavam mistérios sagrados para quem não desistisse. Mistérios a serem desvendados por iniciados. Dispostos a descobrirem o invisível da realidade. Uma realidade nua – sem disfarces, crua – sem condimentos ou temperos.

Por que o fracasso aterrorizava tanto as pessoas feito fosse uma maldição, uma cicatriz exposta? Por que era tão temido, esconjurado e incompreendido?

Muitas vezes tinha a sensação de estar despencando em queda livre. Sem cordas para segurar. Feito um sonho no qual, paralisada de pânico, não conseguia correr. Fugir do perigo iminente, do monstro prestes a dar o bote final e certeiro.

Cascavilhando a memória, recordou-se da primeira vez que foi tomada por essa sensação. Estava no palco. Plena da infância, dançava a inocência e a pureza do amor, acreditando que o melhor dela seria reconhecido através de aplausos.

Era festa do final do ano na escola. Na plateia, orgulhosa, sua mãe assistia: a mais linda e talentosa de todas as meninas. Rodopiava com a leveza e graça de quem ainda não recebeu a marca de Caim. De pirueta em pirueta, equilibrando o mundo na ponta dos pés, girando em torno da esfera do mais puro encantamento e beleza, distribuía magia e sonhos atraindo para si todos os olhares.

De repente, um som miúdo e abafado desfez o elo invisível que unia a menina bailarina a cada um dos espectadores. Bibelô de cristal espatifado em milhares de pedacinhos. Depois da queda, saiu correndo do palco.

Até então, pássaro branco voando nas nuvens, transformou-se numa estrela cadente descendo numa velocidade vertiginosa: o sonho esmigalhado no solo duro e rochoso da realidade.

A vida seguiu e ela caminhou entre os estilhaços de seus fracassos e perdas. Pés sangrando, alma chorando. Os risos abafados da plateia, açoitando o corpo daquela menina que fora, ainda inundava a alma de mulher de frustração e dor.

Depois de sua primeira queda prometeu que, jamais, desejaria aplausos. Ficaria protegida no anonimato, fazendo do silêncio a fonte das suas palavras. Cairia, quantas vezes necessárias fossem. Com a certeza que as asas feridas seriam curadas e ela voltaria a voar. Sempre.

TENTATIVA DE EXPRESSÃO

Sou muito sincera. Aviso a quem ler essas palavras que comecei a escrever à toa, sem saber porquê e para que tento uma expressão. Garanto, entretanto, que preciso muito entrar em contato. Com algo ou alguém que me desloque para fora de mim.

O que tento exprimir? Não elejo, previamente, um tema. Acredito mesmo que, ao invés de escolher um assunto, sou sempre escolhida por ele.

Explico-me. Comigo funciona assim: vejo o noticiário na TV, leio acontecimentos nos jornais, vivo as histórias dos outros – contadas nos livros, filmes ou peças. Ou, simplesmente, olho a vida seguindo seu curso nas coisas simples do quotidiano. Respondo ao que me chega do mundo através das mais diversas emoções. Porém, certas sensações ressoam mais fortes. Chegam, tornam-se sentimentos e ficam remoendo por dentro. Apesar de esquecer do fato ou acontecimento que desencadeou o processo, alguma coisa na memória do corpo continua ecoando como um prenúncio de dor ainda não localizada. Aos poucos e sem aviso, aquilo sem nome ou definição, que apenas faiscava difuso, vai clareando, tomando forma e se transforma numa ideia. Espontânea e naturalmente. Feito flor silvestre que não teve semente plantada, mas está ali, pedindo para ser colhida. Ou apenas acolhida. Esta ideia – que é mais como um pensar-sentimento – fica latejando, pulsando feito *tic tac* de relógio até um dia transformar-se numa expressão. Nasce, assim, o impulso de entrar em contato, pois me sei incumbida de expressar, em palavras, essa ideia-sentimento.

Por exemplo, à medida que escrevo, antever que alguém, por curiosidade ou persistência, continua a leitura, me faz en-

trar numa mansa alegria. Alegria de estar conseguindo uma comunicação. A mesma serena felicidade que me proporciona o acolhimento, sem palavras, do olhar de meu cão! Em momentos assim sinto que consegui transformar uma linguagem em língua que me faz pertencer. Pertencer às palavras que me dizem. E o processo do meu pensar se completa.

Neste exato agora, alguma sensação remota que zumbia feito abelha, vem à tona sob um nome: solidão. Solidão é o assunto que tenho o encargo de expressar.

Mas saiba leitor, minha expressão não quer convencê-lo de nada. Não quer, nem ao menos, um entendimento. Deseja apenas o pertencimento do que escrevo a você, leitor.

Ah! esse meu pensar desordenado! Não quero perder a oportunidade de comunicação. Por isso, esforço-me para ser mais clara:

Não duvido da sociabilidade humana. Gregário, o homem precisa estabelecer relações, sentir-se partícipe de algo maior do que sua simples individualidade. Pertencer à humanidade, a um país, associação, clube, categoria profissional, time ou galera. Pertencer reconforta a nossa pequenez frente à infinitude do universo. E nos leva a compartilhar a solidão, nem que seja por um instante, acreditando na possibilidade de um contato que possa diluir nosso eu, acoplado a uma identidade, endereço e profissão definidos. Pois quanto tédio e cansaço de repetir os mesmo papéis que nos atribuem!

Pertencer pode ser tão bonito! Todas as vezes que a torcida grita o nome de um time, a juventude assume idênticas atitudes ou a plateia extasiada canta junto com seu ídolo, eles estão "pertencendo".

O que me parece paradoxal é que todo o progresso e conquistas que nos fez aportar na "aldeia global", ao invés de fortalecer o pertencimento, transformou-o em algo meramente formal. O conteúdo afetivo, que deveria servir de vínculo aos pertencentes, vazou pelas brechas do egoísmo coletivo.

E você sabe por quê? Porque o mundo passou a nos exigir, cada dia com maior intensidade, vitórias. Vitórias em todos os setores das vidas: não importa a qual custo, é preciso chegar primeiro. Ser mais e melhor. Vencer a tudo e a todos. Competir. Lutar, sem nem ao menos perguntar se essa luta nos pertence. Porque o verdadeiro pertencimento vem de dentro para fora. Jamais pode ser imposto. Não é corporativismo.

Quando, movidos pelo combustível da vaidade, competimos apenas para ser vencedor, deixamos de pertencer a algo mais amplo do que nossas próprias identidades para pertencer ao poder, ao sucesso, ao dinheiro.

Já desejei muito pertencer ao mundo. Entretanto, todas as vezes que tentei comprar o ingresso para o espetáculo da vida encontrei o mesmo letreiro: lotação esgotada. Essa sensação de marginalidade me fez compreender que tenho por destino ficar à margem, na estranheza, pertencendo, tão somente, ao caminhar pelos quintais do existir. A esse lugar, penso eu, pertence o artista que, na inadequação ao mundo existente, cria outras realidades. Pertence também o leitor que, num ato silencioso, íntimo e intraduzível, deixa que a literatura aconteça.

Autor e leitor pertencem, pois, à literatura, enquanto espaço de criação. Ao criar, escrevendo; ou recriar, lendo, a solidão encontra um ponto de interseção. Levar você, leitor, a essa encruzilhada, é a minha tentativa de expressão nesta crônica.

BUSCAR A FELICIDADE?

"A exigência da felicidade e sua busca paciente".

Num despedir-se da claridade do dia, quando sua alma entrava na melancolia do entardecer, apanhou um livro. Precisava aquietar a nostalgia do tempo em que era – ou esperava ser - feliz. E, não por coincidência, mas sincronicidade, através das palavras de Camus compreendeu: o que conta não é a existência da felicidade em si, feito algo que possa ser alcançado. Importa, sim, o desejo da felicidade. O anseio de possuí-la. Mas o mundo não responde aos nossos anseios de compreensão e felicidade. E surge o *sentimento trágico do absurdo*.

Uma forte ventania arrancou as cortinas de sua alma e expôs sua aflição num rosto sem máscara.

Tentava, na maturidade, proteger-se da falta de perspectiva e escassez de sonhos, amparando-se na crença de que a felicidade viria espontânea e naturalmente. Viria, não com a chegada a um destino almejado, mas através do caminhar. Viria, sem se fazer anunciar. Viria, na presença da criança trazendo contentamento à mais amarga das almas. Viria, não atendendo a um chamamento, mas, quando, iguais aos nadadores, nos entregássemos aos movimentos da vida e aprendêssemos a enfrentar as tempestades, descendo com os turbilhões e subindo com os redemoinhos. Sim, a felicidade chegaria sem disfarces, aparatos, explicações. Sem precisarmos esperá-la, solenes, na sala de visita.

Visita surpresa que alegra e depois parte para bater em outras portas. Livre, jamais alguém conseguiria apreendê-la. Nunca pertenceria a ninguém.

O duvidar da mulher trazia ecos da pergunta: *a felicidade existe? a felicidade existe? a felicidade existe?* Adianta lutarmos por ela, buscá-la por diversos meios e caminhos?

Mais do que entender, queria viver. Entretanto, toda a perseguição empreendida para encontrar a ela mesma, para tocar a essência que a constituía, para significar o sentido do seu existir, roubou-lhe o tempo e a energia de ser feliz.

Sua vida fora movida pelo desejo de produzir algo no qual pudesse se reconhecer e reencontrar. O enclausuramento dentro de si mesma e a necessidade de remexer no seu interior para encontrar palavras que pudessem expressá-la, afastaram-na do convívio com o outro. Dos tantos outros indispensáveis à vivência solidária da felicidade.

Para ela não contava quantas coisas houvesse feito e tantas outras desejado. Sentia-se oca. Sofria do "mal lacunar"! Vazios existenciais que a faziam mergulhar:

– 1º) numa excitação desmedida e,

– 2º) num tédio nostálgico de algo que nunca tivera.

A política de substituições de afetos que, inconscientemente, arquitetara para sua vida mostrou-se insuficiente para abrigar dores e frustrações. Desamparada, não conseguia recuperar o afeto que julgava ter perdido.

Buscava o "outro" . Mas ele era inalcançável. Outro que ela não podia ser. Porque o espelho devolvia o que ela era. Mas ela precisava ver-se no avesso, ver-se na sua alteridade. Queria o espelho verdadeiro...

Ressentia sua inabilidade para as coisas "reais" da vida, as coisas práticas, que geram contentamento sem motivo ou explicação. Queria ser outro porque nele morava a alegria. Às vezes esfuziante, outras nostálgica, tais quais mudanças do dia e das estações do ano. Alegria solar, lunar, apolínea, dionisíaca, tagarela ou ensimesmada. Mas alegria.

Andava em círculos, procurando a si própria. Perdia-se em becos e desvios. Era uma desorientada. Desejava, exaustivamente, ser. Ser o que ou quem? Alguém que acreditasse num fazer que preenchesse a ausência.

Será que a felicidade a faria ser?

O mundo lhe havia exigido muito. E ela falhara. E cobrava-se demais, usando critérios mesquinhos para auto avaliar-se. E quando a noite escura e sem estrelas tornava-se o céu de sua alma, um pensamento vivido e não apenas pensado, dizia que, até mesmo as palavras, onde poderia encontrar esteio e amparo, haviam lhe abandonado.

Diante da folha em branco esperando ser preenchida por vivências, imagens, palavras, sentimentos, ela tornava-se lavrador que preparou a terra, extraiu as ervas daninhas, colocou adubos e nutrientes necessários, mas não plantou a semente. A semente da vida.

O que ela precisava fazer – ou deixar de fazer – para ser feliz? Agir ou esperar confiante? O que a vida lhe demandava? O silêncio foi a resposta.

Mas desse silêncio seu desejo de viver trouxe a compreensão e aceitação da morte. Das diversas mortes de que morria a cada dia. Da certeza desse destino, veio a salvação. Liberta da prisão dela mesma, poderia encontrar a felicidade simplesmente vivendo.

CICATRIZES

Tantas histórias já foram vividas! Exaustivamente! Muitas estão perpetuadas em livros ou palavras transmitidas por diversas gerações. Histórias das mais diferentes cores, aromas e matizes revividas por milhares de leitores e ouvintes. O que restou, então, para ser escrito?

Ao imaginar que poderia ser autora de uma nova vida ela se perguntava sobre a paisagem que mais se harmonizaria com os acontecimentos, afetos e desejos daquela trajetória existencial. *A palavra é o lugar,* concluiu. Este, decididamente, é o que impulsiona a busca e o ritmo de frases que fazem surgir uma vida ainda inédita. Vida que ao ser exposta – tal qual mercadoria de feirinhas coloridas das pequenas cidades e vilas onde estivera – poderia ser observada com indiferença, contemplada com curiosidade ou, até mesmo, adquirida por algum passante que flanasse, de um lado a outro, entre rostos desconhecidos que jamais voltaria a encontrar.

Foi sob esse pano de fundo que Clara resolveu escrever seu novo livro. Não tinha a menor ideia sobre a história, personagens que a viveriam, emoções que iriam experimentar. Seria uma história de encontro? Ou despedida? Esperança ou tédio? Vivida em ritmo alucinante ou vagaroso feito um entardecer solitário?

Clara queria ser surpreendida tal como fora na última viagem. Lembrou-se que, sem nenhum planejamento, decidira viajar. Ausentar-se de sua vida comum: hábitos diários, afazeres, lugares conhecidos. Longe da rotina e dos entes queridos poderia descansar de si mesma, daquilo que sempre fora. Reinventar-se em outros lugares e descobrir mais de si própria. Não. Não seria

uma viagem de fuga. Sua vida atual estava equilibrada e feliz. Tampouco estava à procura de entretenimento ou conhecimentos. Simplesmente desejava buscar-se. Iria totalmente disponível às impressões de tudo e de todos. Deixaria impregnar-se do novo e do diferente que viesse a encontrar. Seu olhar não seria de um turista conferindo as atrações recomendadas pelos guias, perguntando sobre dados da população, desvendando curiosidades sociológicas, costumes culturais, embates políticos, artistas e criações do lugar. Mais do que ver, queria contemplar. Mais do que conhecer, envolver-se. Nada de roteiro prévio. Desejava sentir-se feito quem desperta de um longo sono, sem memória de si ou de outros e deparar-se num mundo inteiramente desconhecido. Não sabia a razão de sentir-se tão desapegada ao presente. Tampouco desejava refugiar-se em recordações do passado. Quanto ao futuro deixaria que ele chegasse sorrateiro, por si só.

Você precisa revigorar sua escrita e atender aos anseios dos leitores! – foi o conselho recebido de seu editor. Argh.... que carinha nojento e sem criatividade! Não era porque seus livros restavam fechados em prateleiras escondidas de livrarias que iria escrever sob "encomenda". Clara odiava aqueles editores e críticos pomposos que julgavam conhecer a emoção dos leitores e ditavam regras, achando-se no direito de direcionar sua escritura. "*Adaptar-se às necessidades do mercado*"– era o que lhe havia sido recomendado, *sob pena de ser rapidamente esquecida*. Cretino! Mas quem falou que eu gostaria de ser lembrada e imortalizada? Minhas histórias, se não conseguem ter vida própria e autonomia, devem mesmo ser esquecidas. E como ele poderia saber o que o leitor procurava encontrar nos livros? Se nem mesmo o próprio leitor sabe...

Viajar para Clara era a possibilidade de imaginar sua vida e escolhas em outros lugares e circunstâncias. Clara – um rosto desconhecido na multidão, despido da identidade usual que a aprisionava em alguém fixo, datado e previsível - passou a contemplar as cores, sentir os cheiros, encandear-se com a luminosidade, contornar a topografia feita de curvas, declives, grandes

retas. Misturando-se aos transeuntes olhava, maravilhada, faces desconhecidas tentando desvendar as histórias guardadas detrás de seus olhos. Pressentia que, à medida que se deixasse impregnar da energia emanada da terra, árvores, flores, pedras e águas de cada lugar, seria capaz de ler a verdadeira história daquele lugar. Sentiu o borbulhar das águas, o frio vindo das montanhas, o frescor do vento que atravessava os pontos cardeais, as tonalidades de azuis e de cinzas disputando a coloração das alturas celestiais. Seu olhar percorria os contornos das edificações, das igrejas das pontes e trilhos onde trens iam e vinham.

Aos poucos, as marcas dos lugares começaram a se mostrar para Clara.

Como as cicatrizes coletivas teriam atingido aqueles que ali viviam? As marcas de uma cidade, acreditava ela, são irremovíveis. Não importa as causas do ferimento, elas não podem ser maquiadas pela modernidade. Impossível redimi-las pela compreensão ou perdão coletivo. As luzes *neon* não lhes servem de disfarce. As cores de construções arrojadas não podem apagá-las. Não se pode afogá-las nas águas, nem enterrá-las nas profundezas da terra, junto às raízes seculares de árvores.

As marcas da cidade permanecerão ali. Para todo o sempre. Pela eternidade afora serão sentidas mesmo diante de sua invisibilidade pelo olhar comum. Herança de Caim! O destino dessas cicatrizes é impregnar a tudo e a todos com a emoção do passado. Transformada em energia, afetará todas as vidas que por ali passarem. A ignorância, a negação e, nem mesmo, o perdão podem salvar uma alma, sequer, das garras daquela imensa cicatriz que circunda a cidade feito o anel de Saturno.

Clara precisava voltar às palavras.

Seguindo um impulso, incapaz de controlar, entregou-se à pulsão sem entender o que se passava. Voltar às palavras. Sem se preocupar com o leitor. Nem prever um resultado do que escreveria. Sem ao menos saber se seria algo publicável. Havia adquirido um vírus e a única cura estava nas palavras. Tomada por

uma febre, possuía uma única certeza: precisava descobrir o que tinha a dizer. E quando conseguisse dizer, se um único leitor, um único e singular leitor, mesmo sem compreender o "dito", acolhesse suas palavras, sentir-se-ia amada e realizada. Em plenitude na partilha das impressões sobre uma vida criada pelas palavras.

Não escreveria um romance vivido nos locais que percorrera. Não. Estava, ela mesma, vivendo um idílio **com** a cidade. Cidade forte demais para se tornar, apenas, um cenário de mais uma dentre tantas histórias que já tinham sido vividas, inventadas, contadas.

Fechou os olhos e deixou-se conduzir por todas as sensações impregnadas na sua nova pele. Seguiu as emoções alojadas na sua alma virgem rodeada por um turbilhão de imagens que ocupavam todo o território do pensamento. Precisava desentranhar vidas e mistérios soterrados. Vidas interrompidas imaturamente. Experimentava-se na força dionisíaca de gestos lancinantes vindos de lugares que não sabia precisar. Caminhava tentando alcançar o cerne da dor e da amargura. Ficaria face a face com a estupefação diante do incompreendido. Embriagada no sonho de amplidão e limpeza. Sem partidos, sem tribos, sem pertencimentos. À margem de toda qualificação que limitasse o seu experimentar-se em tudo. Lado algum. Nenhuma facção, ideologia ou crença. Não seria vítima, nem algoz. Não julgaria, nem lamentaria. Não acusaria. Nem clamaria por perdão. Não condenaria. Nem absolveria.

Seria, apenas, o palco. Um grande palco onde tudo ocorria simultaneamente. Cenário. Onde a terra, nutrida de lágrimas e sangue, enterrava seus mortos. Onde águas enegrecidas pelo sangue seguiam seu curso. Não navegaria, nem ficaria na margem em observação ou julgamento. Seria a dor de matar e de morrer. A indignação e o desprezo. O vento correndo junto com as balas procurando corpos onde possam se alojar e os cadáveres empilhados no chão. Seria o grito e o silêncio.

Ele me deixou e o mundo permaneceu igual. Foi grande e belo o nosso amor.

E você o que fará agora?

Estou perdida. A alegria não deixa rastro. Sem pistas não poderei reencontrar meu caminho. Minha história evanescerá no último sorriso. No derradeiro suspiro. No definitivo adeus. Meu rosto ficará perdido na superfície lisa de uma nuvem totalmente branca.

A dor verdadeira marca. Pode parecer estranho: foram as marcas que aprisionaram Clara àquela cidade. Noutros lugares viveu histórias de fascínio, encantamento e sedução. Experimentou-se no júbilo e alegria campesinos, inebriando-se de ocres da terra e lilases de campos, janelas e portas. Embriagou-se de cheiros de felicidade, de sons de cantar de pássaros e grilos. Cinderela despertada pelo beijo da beleza, do amor e da paz. Mas, somente a nostalgia da cidade das mil marcas, conseguiu lhe "tocar".

A questão não é a dor. O sofrer como autoconhecimento. Pois há ferimentos sem cicatrizes. Como reconstruir uma história sem procurar pelas marcas que conduzem ao passado? Marcas indeléveis e eternas que somente o sofrimento verdadeiro é capaz de provocar. Seguindo as cicatrizes, feito fossem migalhas de pão deixadas pela infância, seria possível refazer o caminho de volta à casa. E chegar à verdadeira e autêntica história.

Naquela cidade havia marcas espalhadas por cantos e recantos. Marcas visíveis e também aquelas jamais cicatrizadas, invisíveis a olho nu. Vestígios de um passado doloroso. Clara compreendeu que sua missão era encontrá-las. Seria a única maneira de nutrir a esperança no despertar de uma humanidade entorpecida: acordá-la do sonho de uma "bondade nata".

Por isso não foi suficiente ver as marcas visíveis. Era preciso descobrir as cicatrizes. Tocá-las. Acolhê-las. Sem medo, susto ou aversão. Afagá-las como se consola uma criança que chora. Abraçá-las. Amar, incondicionalmente, cada cicatriz encoberta por cores vibrantes de construções arrojadas, ofuscada pelas luzes brilhantes, disfarçadas no verdejar de bosques, silenciadas no burburinho da cidade, escondida por detrás de rostos risonhos.

Clara, junto com aquela cidade, emergiu do sofrimento com a alma forte e sólida.

MULHERES QUE DANÇAM NAS FLORESTAS

Não. Não quero palavras domesticadas. Dóceis. Submissas aos ditames do pensamento. Árvores podadas, enfileiradas feito guardas da rainha. Flores murchas, desidratadas compondo fabulosos arranjos em *lounges* de hotéis luxuosos ou centros de mesas que presenciam gestos e palavras sem significância. Jardins com simetrias tediosas demonstrando a harmonia imposta pelos humanos.

Quero juntar-me às mulheres das florestas cujas casas têm por telhado o turquesa do azul celeste. Excluídas, as portas transformam-se em tapetes de dourado esmeralda das folhas desgarradas dos galhos para recomeçar o ciclo vital da semeadura. Tapetes que dão boas-vindas a todos os visitantes. Mulheres das florestas que correm com os lobos e aprenderam a manter os olhos abertos para o agora. Mulheres que dançam com as faíscas do sol salpicadas nas árvores e rodopiam com as nuvens abandonadas pelo dia.

Busco a força do silêncio original. Silêncio que me faz escutar gritos guturais destituídos de outro significado senão o da vida primeva. Árvores intocadas e densas. Raiz fincada na profundeza da dor.

Não. Não quero faces sorridentes de mulheres que procuram no olhar do outro espelho para refletir uma superfície vazia. Preciso da dignidade dos carvalhos, da soberania dos pinheiros, da espiritualidade dos ciprestes. Da simplicidade das buganvílias e das flores silvestres que, humildes, oferecem sua beleza, sem pompas nem exigências.

Não. Não quero chegar. Apenas partir. Ir embora feito andarilho solitário que caminha sem destino ou pouso. Busco a beleza solta. Livre. Sem moldura. Beleza que marca a alma com a sensação do "por um triz". Quase o abraço.

Quero a transcendência de penhascos sólidos e elevados ensinando minha pequenez. Florestas, sem placas ou semáforos, por onde minha alma caminha silenciosa. Escuro clarividente onde posso ser: inteira, plena e efêmera. Alegria encravada na rocha da saudade. Ponto minúsculo do farol de uma ilha cercada pela infinitude do mar. Quero apenas ser. Chegar e partir com os pássaros. Sem apegos ou lembranças. Apenas a memória do agora já. Do momento fugidio com lampejos de entendimento. Que logo se esvaem. Apagam-se. Seria o que resta da felicidade do "quase" capaz de aprisionar a beleza das mulheres das florestas? Não. Nada pode deter essas mulheres. Porque ao entrarem no mural formado por árvores que possuem a magnificência de colunas gregas com a medusa no seu topo, elas se empoderam da força do feminino. E, ao invés de um trono sólido para a realeza da mulher, elas continuam caminhando. Desfazendo os nós das teias das ilusões. Livres. Altivas. Soberanas.

CIDADES VAZIAS

Quanto tempo pode uma cidade restringir-se, apenas, aos sonhos do seu próprio construtor? Se a feitura de uma cidade de palavras originou-se do fracasso de viver numa realidade pronta e imposta, o mundo alternativo da criação precisa ser habitado e acolhido por outros seres. Porque, assim como não se podem reter os filhos biológicos, visando protegê-los e prepará-los mais e melhor contra o sofrimento, os filhos ontológicos, feitos dos mais autênticos sentimentos, também se desgarram do nosso ventre e entram na vida.

SOLIDÃO DO SÁBADO

Era Sábado. Chovia.

Sábado é promessa de encontro ou sinônimo de solidão? O certo é que o sábado irrompe com a marca da diferença impressa pela liberdade – ou ilusão de ser livre? – de escolher o que fazer. Sair, embebedar-se de gozo, enroscar-se em sonhos destituídos de recordações. Ou, simplesmente, preencher-se de ócio. Deparar-se com o espelho que levou a vida para outro lugar: outros diferentes e distantes mundos. Descobrir-se nessas vidas múltiplas, encobertas pelas imagens que se apossaram do sentido do mundo habitado por estranhezas. Vidas encenadas no espetáculo do sábado, que chega para desocultar desejos e faltas acumuladas na semana.

Sábado é o embriagar-se de tédio do não saber entrar na órbita da realidade que, ao ordenar espaços e diluir o tempo informe da origem, esfacelou destinos e espalhou histórias que geram vidas. Porque sábado é deparar-se numa vitrine abarrotada de carências, transformadas em ilusões feitas de letreiros em luz néon, que convidam, pedem. Insistem para serem escolhidas e retiradas de uma prisão de brilho e aparência falsas. Faltas expostas na sua transparência, esperando por acolhimento e abrigo num canto qualquer da saudade. Implorando para serem despojadas do esplendor da ilusão para voltarem a ser pulsação branca. De brancura absoluta, para que olhos ávidos de cobiça de ter, não possam apreende-las. Falta que, no sábado, invadem todas as telas, proliferando imagens que correm, navegam, voam ao encontro daquilo que não tem nome, cor, forma ou consistência.

Será, sábado, dia da paixão? É, de certo, tempo de nostalgia. Onde o olhar, ofuscado pela clareza de um universo desencantado de sonhos e preenchido por certezas e presenças, deixa-se tragar por sensações esquecidas. Abandonadas no orfanato de afetos.

Mas sábado é sempre exclamação! Exacerbando perguntas alvoroçadas diante de possíveis expostos em telas que vão se multiplicando e aproximando imagens até engolir o real. E vomitá-lo, em olhos sem rosto que faz adormecer de embriaguez. Olhos refletidos pelos espelhos que cercam todos os espaços e que chegam tão próximos que quase podem ser tocados. Olhos que penetram no avesso e desamarram gritos abafados de seres caindo num mundo novo e hostil. Seres estranhos, arrancados da raiz, como fruta verde colhida antes da hora, para amadurecer trancafiada em sua própria solidão e penúria. Seres do sábado: gritos de trovejar na escuridão cortada por raios do esplendor de desejos desvelados no palco da ilusão. Lamentos abafados pelo barulho da indiferença, que mesmo silenciados, continuam a repercutir. Enchendo o tempo de ressonâncias tristes, de ondas quebrando esperanças na terra firme. Fragmentando inteirezas em grãos tão pequenos de vidas, que se dispersam na ventania que vem para apagar a lembrança e torná-la imagem embranquecida de palavras murmurantes.

Sim, quando o sábado desponta, desperta esses gritos esquecidos, que são gritados tão altos, que soterram o pensamento num terremoto de angústia. E arrebenta as portas dos cárceres para libertar sentimentos. Que voltam. Retornam em profusão e desordem, armados de fantasia e ilusão, para retomar a terra que lhe foi tomada.

Para Branca, sábado é descortínio de criança desocupada, que após concluir todas as tarefas, indaga em desolação: "– mainha, por que o mundo é maior do que minha vida? "É, também, resposta pronta:"– vá brincar menino, arrume uma ocupação" , que vem lhe acudir, frente ao pensar desbaratado de criança. Pensamento que nunca se dá por vencido e insiste: – "mas

como ocupar o sábado, se ele ultrapassa meu dia?", encurralando certezas na sua despretensão.

Sábado é, e sempre será, infinitude de presenças ocas refletindo a luz roubada do fogo de crenças. Fome insaciável, engolindo intenções, propósitos e esperas tontas de procurar alcançar-se no outro, deformado por tamanha exibição. Final da criação que não acaba nunca. Término propagado e reproduzido nas rotinas que vão perpetuando ausências e vazios.

Branca não compreende o sábado, apesar de preparar-se para recebe-lo com uma ansiedade desmedida para quem, por tanto tempo, vem tentando, sem sucesso, convencer-se da banalidade e desimportância desse dia, igualzinho aos outros que se sucedem uniformes, na sua vida ordenada, sem amedrontá-la. Buscando proteger-se do sábado, Branca tenta adiá-lo, prorrogando os dias que o antecedem, através da continuação da rotina da semana: idêntico despertar rápido, para não deixar que o trinado do despertador flagre o sonho que lhe traz uma vida sem dor. A mesma agonia para entregar-se ao sono que, ao final do dia, vem abocanhar mais uma fatia da acanhado pedaço de esperança que conseguira esconder do apetite voraz da boca, sempre escancarada, da falta. Falta que, a cada dia, mostra à Branca um imenso corredor escuro que ela precisa atravessar. Travessia que se repete todo dia, sem conseguir estancar o medo que Branca tem de perder-se. Medo alucinado que a faz marcar o caminho de volta, com pedacinhos de ternura extraída de suas entranhas, já quase totalmente dissecadas de tanto ser retirada a seiva que alimenta a fé.

Era assim que Branca preenchia o sábado: o mesmo início e final dos outros dias, entremeado de idênticos gestos e atitudes, tudo para evitar deparar-se, face a face com a vitrine dos seus medos.

Mas nada adianta. Branca nunca consegue livrar-se do fascínio e do mistério do sábado. Nenhum remédio, nenhuma palavra, nenhum fazer, servem de alívio às sensações que o sábado lhe imprime. Nem mesmo o experimentar-se, em espaços diferentes e

cenários extravagantes, é medida eficaz para interditar a chegada pontual dos visitantes do sábado que, vindo de outros planos, trazem consigo toda a agonia e êxtase de existir nesse dia.

Mas o que, ao final de contas, Branca vê no sábado, que lhe enche de tamanho medo? Vê ninguém. Um nada que se concretiza em imagens refletidas nas telas que lhes roubam gestos e atitudes, pertencentes ao tempo público e descoberto das segundas às sextas feiras, e os transforma num *script* que ela encena, repetidamente, não como atriz – fingidora de fatos e sentimentos – mas como sujeito de uma vida própria e única.

O que Branca ainda não entende é o sábado enquanto o artificial grandioso que supera a natureza e ultrapassa o alguém que ela pretende e esforça-se por ser. Como ela pode guardar-se da sensação de ser lançada num intervalo feito do vazio branco da folha ainda não preenchida? Como evitar ser tragada por essa ausência feita de brilho incandescente que ofusca caminhos que ela deveria prosseguir?

É assim, sem compreender, e sem , ao menos, ousar contestar que Branca recebe o sábado: entregando o rumo da existência até então vivida , e embrenhando-se, desfeita de todos seus antes, nos desvios do alheamento da fantasia. Porque no sábado Branca entra num sonho que ela não decifra. Um sonho feito de imagens produzidas pelo seu querer interminável, que lhe promete, outra vez, um encontro. Um sonho saído da tela da imaginação para anunciar a verdade acordada de mais um dia de solidão. Do sábado.

ACOLHER

A Mulher, deitada no divã, tem urgência de encontrar o sentido da vida. Desvendar-se. A angústia aprisiona sua voz num silêncio que diz:

Desculpe-me ser tão direta, mas, primeiramente, devo avisar: penso que as palavras não nos pertencem. Refiro-me às palavras verdadeiras que jorram, fluem e voam como seres fantásticos, transportando emoções e sentimentos que, às vezes, nem sabíamos existirem.

Quando deitamos no divã, nos rendemos. Entregues a tantos "eus", fragmentados, contraditórios – alguns que julgávamos silenciados, outros que aparecem como sombras ou fantasmas de um mundo que não dominamos – somos criaturas frágeis.

Por isso pedimos a vocês, ouvintes das nossas narrativas, que não nos peçam explicações. Tampouco esperamos compreensões.

Os fatos, acontecimentos, eventos que compõem nossas histórias importam menos pelo seu aspecto real e mais, muito mais, pelas repercussões nas nossas almas cansadas. O que queremos? Apenas acolhimento. Mas, num mundo que dissolve todas as certezas surge a pergunta: Quem de você, ouvinte atento, acolherá o meu dizer?

HISTÓRIAS

Histórias, antes de serem contadas, são pré-histórias dentro de um emaranhado de outras histórias. O mundo está repleto de histórias que são vividas, diariamente, pelos habitantes do planeta. Existem histórias em demasia. Escrever com a preocupação de narrar uma história com começo, meio e fim, encadeando todos os acontecimentos e dramas a um desfecho, não vale pena. Quero escrever uma história sem história. Uma única história que diga tudo e seja essencial a todo ser humano

EPÍLOGO

Não se surpreenda se meu começo já é uma despedida. Adeus razão, lógica, pensamentos enrijecidos por explicações. Adeus realidade de cenários diurnos, acolhedores e íntimos. Adeus conquistas, projetos, ambições. Solto a mão da vontade que me guiaria à Vitória – lugar onde a palavra é imagem: revelação da vida que, ao nomear e possuir, oculta o Ser que tanto busco. Esse, apartado do Absoluto, permanece silente, na ausência, no vazio que volta a me chamar. Sim, a voz do vazio, antes simples sussurrar, começa a trovejar na solidão, ensurdecendo o tempo, calando o espaço, despedaçando a história construída com técnica e precisão.

Retorno ao zero – origem da existência, sem haver aprendido a ganhar. O vazio me invade e me povoa com o Nada. Como inscrever nesse branco tão negro de ausência, a angústia que me faz prosseguir, sem rumo, trilhando descaminhos, cada vez mais desgovernada, esquecida, desapossada de tudo que, antes, me fazia ser?

Neste instante você chega (ou será que apenas agora percebo sua presença, pois bem sei que você jamais aprendeu a partir) e diz:

– Para que procurar tanto sofrer, inventando problemas inexistentes que serão, sempre, insolúveis?

Quero responder. Mas as palavras que deveriam traduzir a aflição de encontrar-me numa irrealidade inconformada em ser vazio, morrem antes de nascer. Abortam a expressão desse vácuo. Recusam trazer ao mundo minha inquietude que tanto lhe preocupa. Então, nessa ocupação de me desvendar e trazer-me

para a lucidez de uma amor que precisa compreender, você apanha *meu* silêncio como negação (**meu?** como dizer meu, se nem consigo encontrar uma identidade que me permita, ao menos, me possuir; se nada mais sou que o obscuro da noite sem amanhecer?). Sem entender você revolta-se e indaga: Desamor, loucura?

As palavras que eu deveria falar são pedras fechando todas as saídas para o dia. Vazio que às vezes me torna reflexo de um clarão incandescente da estrela morta e, outras me faz ser mancha escura absorvendo todas as cores. Instalada nesse vazio, clamo para que as mãos do artista tracem um contorno que seja caminho. Percurso a ser seguido pela ingenuidade do seu olhar amoroso que, ao perfurar o visível no qual apareço, poderia recuperar no detrás da imagem que me mostra, o antes, o início, nunca concluído, da minha estática vida humana.

Numa alegria fugidia penso que na sua persistência, talvez você consiga, num breve instante que seja, apreender-me na imensidão do desamparo e retirar-me da massa informe da dor para que eu possa, assim, voltar à orgia de cores e infinidade de traços assimétricos, fragmentários. Paralelas em incessante mobilidade, conduzindo-me, sempre, para um mais adiante. Na evanescência do devir, algo grita : Há uma mágoa sem causa., uma culpa sem pecado, uma ferida sem sangue. Há uma mão estendida que não encontra e paira no ar. Há braços que seriam do abraço (esquecido) e que, neste instante, são apenas negação do desejo e da paixão. A crença que me conduzia, pesa no meu corpo. Meus braços tombam, rasgando meu dentro que um dia foi terra fértil. Consigo, enfim, falar qualquer coisa. Mas uma pressão transforma as palavras, que deveriam ser de esperança e encontro, em lamento, gritado pela solidão:

– Não quero remédio, mas veneno para exacerbar a dor que atesta minha existência vazia.

–*"Sofro, logo existo"*. Então é isso? É essa sua fórmula de vida? replica você num misto de ironia e desolação. É para isso que você foge da vida, do amor, de você mesma e se dissimula numa melancolia sem fim? Por que tanto medo de sua ternura?

Para que abafar a melodia da paixão, escondendo-se nesse luto infindo, cercando-se de saudade do irrecuperável?

Com grande esforço, tento, mais uma vez, encontrar para você uma explicação e falo:

–Lá vem você, novamente, com suas racionalizações. O que acontece ultrapassa a razão, o entendimento, excede a mim mesma. Já não me possuo. Você fala de minhas opções, condenando-me por falta de humildade, acusando-me de não me contentar com o difícil, mas procurar o impossível, o irrealizável. Mas você não percebe *que não se tratam de escolhas*. O que eu faço não me pertence, pois fui alijada de mim. Já não me decido, pois o antes roubou o destino que eu pensara poder traçar com sensatez e fé.

Enquanto falo, volto a escutar o ruído seco de uma bofetada. *Teibef*... A dor não dói no corpo, pois já é sangue circulando, alimentando minha esperança feita de um morrer que me faz ser em cada pedaço de vida que tenho de destruir a todo instante, para atestar minha humanidade mortal. Até a morte completa e o esgotamento do humano em mim (carga que não posso abandonar) tenho que deixar-me assassinar pelas palavras soterradas no mundo do fim do mundo. Ah! mas você está tão inebriado pela realidade de um universo humano, está tão obcecado em captar, preservar e comunicar cada objeto existente nesse cosmos, que toda sua busca se concentra em encontrar a perfeição das palavras a fim de tornar presentes as coisas que nos escapam e tudo aquilo que de nós se distanciou no tempo.

–*Humanizar o espaço com a linguagem, para tornar o mundo acolhedor. Isto é o que tem de ser feito. Esta deveria ser sua missão*, diz você. Respondo, indagando: Você não entende que a brancura do lírio é feita do vermelho da morte, a destruição é o embrião do ser, e a crueldade, o alicerce do humano? Você não percebe que a verdade bebe na fonte do desespero e da angústia feita do nada e da morte?

– Não sei mais como alcançá-la para salvá-la desse dor que jorra e vai lhe afundando. Ah, se você me permitisse, iria banhar-

-me no sangue dessa mágoa noturna e ancestral e trazê-la para um existir na claridade do dia através da palavra nomeadora. Então, você, enfim, seria seu próprio nome: Clara. Para mim, você seria, Clara.

Desculpe, amor, mas já não consigo escutá-lo. A voz do vazio abafa suas palavras claras e inúteis. E um algo que esperava em mim, torna-se puro latejar, pressão. Sabe, enquanto tentava adaptar-me à estranheza de uma humanidade que não pedi, enquanto esforça-me para ter um fazer e com ele intervir nos acontecimentos, enquanto eu procurava participar da realidade que você, em vão, tentava de me apresentar, fui me tornando, cada vez mais, ausência. Agora, a força do impessoal me faz, outra vez, mergulhar no fundo da existência. Vazio. Porém, enquanto vou caindo, sou réstia de luz refletida pela palavra cavada nas entranhas da terra, carcaça do navio pirateado encontrado nas profundezas marítimas, mundo esvoaçante bailando suspenso no espaço. Aceito, enfim, meu desabrigo e, abandonando as ideias, me anulo. A cada morte na qual me perco, me reencontro em mundos libertos da solidez do real, da objetividade do natural. Nesses mundos inventados sou tantos sem, entretanto, poder sem alguém. Alguém definido que poderia ser abraçado, a quem você poderia amar, compreender e consolar. Alguém que você poderia dominar e possuir com a mesma inocente crueldade da criança que, ao aprender a falar, rouba do mundo o existir das coisas que deseja ter. Mundos que estão guardados nos livros que saem das estantes, fogem da clausura da linguagem e nascem da minha morte que consumo ao escrever.

Regresso aos mundos onde deixei tantas vidas. Mundos que li, escrevi e amei. Mundos que escutaram minha voz silenciosa e transformaram a materialidade das minhas palavras inscritas através do preto da tinta, na superfície branca do papel, em experimentação de vida. Vida feita de perguntas, sentimentos difusos, idas e vindas, onde o inexplicável do existir tornou-se ritmo, figuras, cores, sons cantando o que minha voz (humana) é incapaz de transmitir. Mundos onde existo, fora do tempo, sem espa-

ço medido. E onde minha voz, aprisionada no silêncio, ao escutar o eco da melancolia, liberta-se.

– Então, escrever é fruto da melancolia?

– Sim, sim. É exercício de dor. Calvário de uma vida guardada no antes das palavras.

– Sabe, querida, lembrei de você quando li, não sei mais onde: "Todo futuro é irredimível". Por isso aceito repartir com você esse presente que a dilacera e esgota. Sem promessas de amanhã.

Queria saber dizer amor e aconchegar-me nos seus braços, entregando-me aos seus carinhos. Mas me dilui e o pouco que restou de mim vai sendo devorado pelas palavras. Continuo em silêncio.

– Outra vez você, totalmente entregue e absorta nessas divagações mudas, interiores. Mas não me importo com seus irrefletidos. Sei que, daqui a pouco você vai refugiar-se na música e, em seguida, inflamar sua alma e expurgar seus fantasmas e culpas no escrever. Depois você volta como se fosse outra. Magia? Feitiço? Não me interessa mais desvendar esse enigma, contanto que eu possa tê-la, de novo. Mesmo que seja como promessa.

– Neste instante estou me despedindo. O meu dentro está lhe dizendo: Adeus. Parto sem dizer palavra, deixando você na mundo do lá de fora.

Sentada, na sombra de um carvalho, escuto um adágio e sonho reminiscências. Com as mãos da velhice, imobilizada no quadro que espalha na sala a mesma melancolia do meu ser, seguro minha vida contida num livro: "Epílogo de um romance".

– Você ainda está aí? Estou tão cansada...

TERCEIRA PARTE

ENSAIO

AMAR CLARICE

VÍNCULO ENTRE O LEITOR E CLARICE LISPECTOR

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 163
I – INTERPRETAR LEVA A COMPREENDER? 165
O leitor muda de lugar 166
Escrever para quê? 169
II – EXPLICAR LEVA A GOSTAR? 172
Clarice e o leitor 173
Recepção à escritura clariceana 175
III – ENTENDER FAZ AMAR? 176
Literatura que faz pensar 176
Como é ler Clarice? 177
BIBLIOGRAFIA 179

INTRODUÇÃO

De repente, diante de mim, no monitor, a imagem de Clarice Lispector me questiona e provoca. Outra vez. Atrás daqueles imensos olhos desvelo mundos de palavras nos quais vivi. Vivi, não como simples e mortal habitante – identidade, profissão e domicílio certos. Vivi aquilo que me era, sem que eu soubesse. No mundo clariceano, ultrapassei o "habitar" para "ser", num existir pleno, incessante, pulsante. Desde então, carrego nostalgia de origem que provoca uma sensação de estranheza aonde quer que eu me encontre. A realidade, palpável e real, que deveria ser o "meu mundo", por pertença, muitas vezes parece não me acolher. Nem reconhecer (-me) naquilo que me é no mais dentro de mim.

Meus olhos se voltam para a tela do computador. Junto à imagem leio: PARA AMAR CLARICE LISPECTOR. Deixo-me, amorosamente, conduzir pelo convite. De repente, uma dúvida quebra o inebriamento. A leitura da frase me leva a pensar no não amor ou na indiferença pela pessoa que somos convidados a amar. Estaria Clarice Lispector nessa zona sombreada de incompreensão ou indiferença? Se o amor é sempre gratuito e espontâneo por que nos pedem para amá-la? Por que devemos ou precisamos amá-la?

Continuando a ler o convite para amar Clarice, encontro, como justificativa, a intenção de revelar "o universo da autora, tão cheio de uma inquietação que não se cansa nunca de fustigar, a um público que desconhece a obra da maior escritora brasileira". Para que novos leitores venham a amá-la e os antigos possam amá-la ainda mais. E, talvez, compreendê-la.

Pergunto: não seria o amor do leitor pelos livros que integram sua vida e formam aquilo que ele é, tão inexplicável, inevitável e gracioso como o sentimento dos amantes, das mais variadas épocas e lugares, louvados na vida e nos romances? Então por que nos pedem para amar Clarice? E como fazer para que ela seja amada?

Será que

- interpretar leva a compreender?
- explicar leva a gostar?
- entender faz amar?

Acredito que não se ama por "causa de" mas sim, "apesar de". Entender ou explicar porque amamos esta e não outra pessoa, esse e não aquele livro, não modifica nem provoca esse sentimento. O amor é imune ao entendimento. O amante não espera que suas palavras ou gestos amorosos façam "sentido" para o amado, mas sim, que sejam "acolhidas". Amar, por imposição, por uma motivação estranha ao próprio sentimento, não é o amor suficiente em si mesmo – aquele que prescinde de causas ou explicações. O leitor que mantém um vínculo com Clarice sabe que é assim.

Por outro lado, por que a escritora Clarice Lispector precisaria do nosso amor? Ela mesma, no início do romance Paixão Segundo G.H, adverte que gostaria que o livro *"fosse lido apenas por pessoas de alma já formada. Aquelas que sabem que a aproximação, do que quer que seja, se faz gradualmente e penosamente – atravessando inclusive o oposto daquilo de que se vai aproximar"* (Lispector,1979,p.05)

Se o escritor somente pode ser amado através da leitura de seus livros, o que, do mundo de Clarice, desencadeia o vínculo amoroso e inexplicável, entre o leitor e a escritora?

Todas essas indagações inspiraram este ensaio que está baseado na minha experiência de leitura da escrita clariceana e focaliza a natureza do vínculo entre o leitor e a ficção de Clarice Lispector.

A guiar esta análise, os seguintes pressupostos:

- Literatura – e a arte em geral – não é *mimesis* ou representação de um mundo preexistente.
- Tampouco a literatura constitui um veiculo para manifestação de um pensamento, sentimento ou sensação do seu criador. Portanto, o texto literário não pode ser resumido num conteúdo que deve ser interpretado para que se aproxime, o máximo possível, da expressão originária do autor.
- Literatura é *poesis* (criação). Lugar de mostrar o invisível e dizer o não dito. De reconstruir a realidade criando novas formas de vida e possíveis modos de existir. Literatura é o lugar das dúvidas, questionamentos e anseios humanos.
- A função da Literatura não é oferecer respostas e explicações, encontrar soluções ou aduzir conclusões. À literatura, cabe, sim, incitar dúvidas quanto a dogmas e verdades fixas, provocando novas perguntas. Vista nesta acepção, a Literatura não está sujeita à evolução, no sentido de que se possa classificar uma produção literária desta ou daquela época, deste ou daquele povo, melhor ou superior a de outros. A produção literária de cada época e contexto social possui especificidades próprias.

A seguir, tomarei como guias as três indagações há pouco levantadas, procurando refletir sobre os caminhos que conduzem ao amor por Clarice Lispector.

I– INTERPRETAR LEVA A COMPREENDER?

Tornar um livro atraente é um truque perfeitamente legítimo. Prefiro, no entanto, escrever com o mínimo de truques" (CL)

A Interpretação pode ser um bom caminho para compreender e amar Clarice. Mas, esse caminho, uma vez escolhido, precisa ser trilhado com reservas. Primeiro, porque cada leitura é única, inexistindo duas maneiras iguais de ler o mesmo livro. Segundo, porque é na recepção feita pelo leitor – sujeita a uma interpretação

pessoal – que a obra passa a existir. Por último, porque toda leitura, por mais apaixonada ou despretensiosa que seja, é uma leitura crítica, na medida em que ler é reescrever ou atualizar o texto.

Por isso, o melhor caminho para amar Clarice é a experiência direta e pessoal da leitura, sem buscar apoios neste ou naquele livro. Chegar a Clarice por meio da leitura enquanto ato silencioso, íntimo e intraduzível . Sabendo que não é o leitor ou o crítico que interpreta a literatura. É ela que, como muito bem lembra José Castelo, nos analisa e interpreta.

Diz a própria Clarice:

O personagem leitor é um personagem curioso, estranho. Ao mesmo tempo que inteiramente individual e com reações próprias é tão terrivelmente ligado ao escritor que, na verdade, ele, o leitor, é o escritor. (Lispector, 1992, p. 78)

No século XX, o movimento modernista quebrou cânones e paradigmas tradicionais, derrubando ideias consagradas quanto ao fazer literário. Modificada a relação entre literatura e realidade, fracassa a noção de gêneros literários, atingindo até mesmo a clássica separação entre prosa e poesia. Para ficar somente no Brasil, Guimarães Rosa e Clarice Lispector são dois expoentes representativos do vazamento de um gênero para outro. O primeiro, inova e deforma a linguagem, insurgindo-se contra as regras do "escrever culto", ao fazer do sertão, não uma temática, mas um modo de dizer áspero e insólito. Clarice, movida por uma falta ontológica – lacuna existencial impossível de ser preenchida – traz a poesia e a filosofia para a prosa, permeando toda a sua produção por duas preocupações fundamentais: o sentido da existência humana, isto é, a compreensão do que somos e a própria criação literária.

O leitor muda de lugar

Derrubado o método objetivo que guiava a literatura – o mundo real de um lado e a ficção do outro – esta última deixa de ser espelho da realidade. O escritor torna-se sujeito vacilante entre

a realidade e a fantasia. Neste terreno movediço de incertezas e imprevisibilidade, onde as histórias prescindem de início, meio e fim, modifica-se a posição do leitor. O lugar, que antes era ocupado exclusivamente pelo escritor, passa a ser partilhado pelo leitor. Este sai de uma posição passiva e se torna coautor, refazendo a história pela leitura, lendo a si mesmo, na narrativa. A história ou trama torna-se apenas pretexto para seduzir o leitor e colocá-lo no mesmo labirinto do escritor. Clarice faz isto muito bem.

Liberta de fatos e das formas tradicionais, a função da Literatura passa a ser a de produzir uma visão inédita da realidade, apresentando aspectos encobertos por hábitos, crenças e o logicismo do pensamento puramente racional.

Quando procuro demais um 'sentido' – é aí que não o encontro. O sentido é tão pouco meu como aquilo que existisse no além O sentido me vem através da respiração, e não em palavras. É um sopro" (Lispector, in Borelli, 1981, p.79)

A pulverização e a fragmentação da literatura, o significado deslizante e multifacetado do texto, atordoam leitor e crítica, resultando numa supervalorização da interpretação. Diante da discrepância entre o texto e o sentido unívoco e claro, ao qual o leitor estava acostumado, o texto passa a ser "traduzido" numa outra coisa, de modo a facilitar a compreensão. Para saber "o que a obra quer dizer", descobrindo o significado oculto ou hermético, os elementos de um poema, conto ou romance são trazidos para fora do mundo textual e "decifrados" dentro de uma outra linguagem. Escolhido um enfoque de abordagem do texto, passa-se ao "isto significa aquilo".

Como afirma Clarice:

O que atrapalha ao escrever é ter que usar palavras. (...) Se eu pudesse escrever por intermédio de desenhar na madeira ou de alisar uma cabeça de menino ou de passear pelo campo, jamais teria entrado no caminho da palavra. (Lispector,2007, p.62).

Clarice entra no cenário literário transgredindo fundamentos e ideias até então dominantes: ao invés de narrativas lineares com

um começo, meio e fim, um escrever pictórico, musical e corporal no qual as palavras "cosem para dentro". Tendo enorme dificuldade pessoal para considerar a si mesma e se apresentar, como escritora, Clarice via-se "fora" da literatura e de seu mundo social, com autores, lançamentos, editores, prêmios: *E eu que, muito sinceramente, jamais desejei ou desejaria a popularidade – sou individualista demais para que pudesse suportar a invasão de que uma pessoa popular é vítima –, eu, que não quero a popularidade, sinto-me, no entanto, feliz de pertencer à literatura brasileira. Não é por orgulho, nem por ambição.... Por motivo que nada tem a ver com literatura, pois nem ao menos sou uma literata ou uma intelectual. Feliz apenas por 'fazer parte'*. (Lispector, 1992, p. 110) .

A literatura era, para ela, uma questão muito mais forte que uma profissão e muito mais grave que uma vaidade. Era uma questão de vida ou morte. Seu escrever nos remete para uma vivência de exílio, estranhamento. Errância em uma terra de ninguém: obscura, indelimitada, vazia. Onde mergulhamos num instante-agora interminável onde nada acontece: o tempo não passa e o pensamento não se ultrapassa e não se chega a um destino final. Onde não se produzem fatos, conclusões ou respostas e a vontade, solta e extraviada, fica, tão somente, acompanhando um ritmo. Som ancestral do mar em fluxo e refluxo permanente, dilacerando a unidade, gritando a angústia de Sísifo na condenação do recomeço.

Na sua introspectividade, Clarice nos remete a Ernesto Sábato: *"o artista – aquele que se tornará um artista – é uma criança introvertida que se sente melancolicamente isolada e incompreendida, e que timidamente se põe a fazer garatujas absurdas que serão mais tarde os fundamentos de sua obra"* (Sábato, 1991, p.166)

Em meio a tantos autores que, por razões diversas, necessitam entrar no "espetáculo" da nossa época e, para tanto, mostram seus rostos e suas vidas nas vitrines da mídia, expondo-se a todos os tipos de riscos e mal-entendidos, participando de tantos eventos literários que mal lhes sobra tempo para o real fazer literário, Clarice constitui o protótipo do verdadeiro artista: aquele

que, uma vez objetivado na sua criação, dilui seu próprio eu no seu fazer, apaga seu rosto pessoal e apresenta-se no rosto de suas criações. Talvez seja a sensação de marginalidade, de não pertença, de incompletude e exílio, que permitiu a Clarice fazer da literatura o caminho para descobrir, numa busca incessante e interminável, o sentido da existência. Talvez esteja aí, o vínculo que liga os inúmeros admiradores de Clarice às suas obras. Um elo sólido *incitando ao pensamento e à reflexão filosófica e, ao mesmo tempo, fluido, provocando uma espécie de transe ou êxtase diante da revelação do mistério de ser.*

Bem que poderia ser de Clarice o desabafo feito pela personagem do conto "O secreto a Pasta Preta": *"Escrever não é algo que dependa de uma opção: é como respirar, pensar, sentir.... o que faz um escritor não é a sua total dependência para com o escrever? sua compulsão de criar, de inventar, de compreender?"* (Basto, 2000, p. 1)

Escrever para quê?

A própria autora nos mata a curiosidade:

Quando comecei a escrever, que desejava eu atingir? Queria escrever alguma coisa que fosse tranquila e sem modas, alguma coisa como a lembrança de um alto monumento que parece mais alto porque é lembrança. Mas queria, de passagem, ter realmente tocado no monumento. Sinceramente, não sei o que simbolizava para mim a palavra monumento. E terminei escrevendo coisas inteiramente diferentes." O que é que se tornou importante para mim? No entanto, o que quer que seja, é através da literatura que poderá talvez se manifestar." (Lispector,2007[a],p.30)

Escrever para Clarice não era literatura. Era um ato natural, como se ter um filho. Um exercício de aprendizagem, um modo de ser. E, acima de tudo, uma necessidade. Sem ser pretensiosa, não buscava compensações. Procurava, sim, conhecer a si mesma e ao mundo, *"reproduzir o irreproduzível, sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador* (Lispector,1992, p.136).

Mais do que um nome, Clarice tornou-se um fenômeno literário: traduzida e interpretada em vários países, com uma legião de leitores. Entretanto, *parece paradoxal que*, 30 anos depois de sua morte, ainda seja considerada por muitos, uma escritora difícil, hermética, enigmática. Clarice, que rechaçava o título de intelectual ou literata, que não fez da literatura uma carreira, que somente escrevia livros *"quando espontaneamente me vieram, e só quando eu realmente quis"*, tornou-se um monstro sagrado. *"Sou uma amadora? O que sou então? Sou uma pessoa que tem um coração que por vezes percebe, sou uma pessoa que pretendeu pôr em palavras um mundo ininteligível e um mundo impalpável. Sobretudo uma pessoa cujo coração bate de alegria levíssima quando consegue em uma frase dizer alguma coisa sobre a vida humana ou animal."* (Lispector, 1992, p. 153) Ela que se perguntava tudo isto, fez-se uma esfinge.

Sobre essa mitificação, desabafava Clarice:

Sabe, uma das coisas que mais me incomodam é o fato de as pessoas acharem que sou um mito. Isso prejudica muito a aproximação de pessoas que poderiam preencher o vazio de minha vida... Muitas pessoas acham, mas não sou nenhum bicho-papão. Mas pareço condenada a viver sozinha – dormir cedo, ir ao cinema sem ninguém ao meu lado. É o preço da fama. (Lispector, 2004. p.88)

A produção de Clarice já foi interpretada, analisada e dissecada sob os mais diversos enfoques. Para ficar apenas num dos seus romances, *A Hora da estrela*, publicado em 1977, vejamos quão variadas e díspares podem ser as leituras sobre o "significado": interpretado dentro de uma abordagem sociológica, essa obra é tida como a expressão do preconceito e não aceitação de diferenças culturais – a luta de uma imigrante nordestina para sobreviver no caos urbano de uma grande metrópole. Sob um olhar psicanalítico, o romance é considerado como expressão do "sujeito do desejo", onde a falta define a identidade de Macabéa, protagonista da história. Do ponto de vista filosófico, a falta ou "fome" que caracteriza Macabéa gera

todas as outras carências: de reconhecimento social, amor, saúde, dinheiro. À Macabéa, faltam até as palavras necessárias para que possa pensar, sentir, comunicar-se. E, consequentemente, considerar-se como um ser existente.

Lembro que nenhuma interpretação exclui ou esgota o sentido da obra. Tampouco o leitor que, efetivamente, deseje "amar Clarice" deve se valer de uma delas para fazer a leitura "ideal ou correta" e entender melhor o texto. Porque nenhuma crítica literária, por mais avalizada, pode ser utilizada como antídoto ao impacto de entrar no mundo clariceano.

Para amar Clarice é preciso fazer da leitura dos seus textos uma experimentação íntima e intraduzível do mundo ali narrado. Sem intermediações ou busca de explicações fora do mundo textual que ele, leitor, passa a habitar. Sem medo de enfrentar a desordem e o impacto interior que a verdadeira literatura provoca. Com liberdade para deixar Clarice ressoar de forma única e pessoal.

Interpretar um texto com vistas a decifrar seu "conteúdo" dentro de qualquer padrão de entendimento e estabelecer um significado mais compreensível e palatável para o leitor, é tentar "domesticar" a força selvagem e instintiva da obra enquanto epifania, isto é, aparição de uma realidade inédita e desconhecida.

Não sendo a arte, nem cópia ou representação de uma realidade anterior, nem confissão do seu criador, a questão de "decifrar" o que a obra quis dizer – função invocada pelos intérpretes ou críticos – deve ser reavaliada.

No campo da Literatura, a questão da forma e do conteúdo está sempre presente. Todo texto resulta da junção de dois planos: o plano de conteúdo e o plano da forma ou expressão. O primeiro é aquilo que fornece uma visão de mundo ao construir um sentido no seu processo gerativo. O segundo é a linguagem que organiza a expressão do conteúdo, servindo de suporte do significado. Esta separação é meramente abstrata, pois forma e conteúdo são indissociáveis. Isto é patente em Clarice Lispector: *... o problema é que não há de um lado um conteúdo, e de outro a*

forma. Assim seria fácil: seria como relatar através de uma forma o que já existisse livre, o conteúdo. Mas a luta entre a forma e conteúdo está no próprio pensamento: o conteúdo luta por se formar. (Lispector, 1992, 1992,271).

Não é outra coisa o que diz Proust, "*... o estilo, para o escritor como para o pintor, é um problema, não de técnica, mas de visão. É a revelação, impossível por meios diretos e conscientes, da diferença qualitativa decorrente da maneira pela qual encaramos o mundo, diferença que, sem a arte, seria o eterno segredo de cada um de nós*" (Aguiar, 1984, p.100)

Apesar da inseparatividade da forma e do conteúdo, a ênfase dada ao conteúdo foi responsável pela supervalorização da interpretação, levando a uma recepção do texto mediada pela "tradução" dos críticos. Voltando à questão inicial: interpretar leva a compreender? A interpretação dos críticos levou-os a compreender enquanto leitores que amaram ou desamaram Clarice. E pode ser útil a cada um de nós, saber da experiência de leitura do outro. Mas a interpretação de cada leitor é que será o caminho para chegar mais perto dela e descobrir-se amando-a.

II – EXPLICAR LEVA AO GOSTAR?

> *Eu sei de muito pouco. Mas tenho a meu favor tudo o que não sei – e por ser um campo virgem – está livre de preconceitos. Tudo o que sei é a minha parte maior e melhor: é a minha largueza. É com ela que eu compreenderia tudo. Tudo o que não sei é que constitui a minha verdade. (CL)*

Explicar Clarice? "*Com o perdão da palavra, sou um mistério para mim*", reconheceu. Para ela, já existiam histórias demais no mundo porque todos já vivem uma multiplicidade de histórias. Por isso, acreditava que escrever, com a preocupação de narrar uma história com começo, meio e fim, encadeando todos os

acontecimentos, os dramas, o desfecho da história, não valeria a pena. O que Clarice buscou, sempre, foi um escrever vital, algo capaz de mudar a vida e o mundo. O escrever de uma história sem história. Ou melhor, de uma única história, essencial a todo ser humano. Uma história que tudo dissesse. Um escrever *"como se fosse salvar a vida de alguém, provavelmente a minha própria vida"*. Essa necessidade de ultrapassar a banalidade e a realidade do quotidiano, de atingir o não dizível e alcançar (-se) no silêncio que antecede à linguagem, levou Clarice a conceber o escrever como algo visceral: *"eu disse uma vez que escrever é uma maldição. Não me lembro por que exatamente eu o disse. Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva"*. (Lispector, 2004. p. 179)

Para Clarice, não importam os temas, o enredo ou história, e sim, o impulso mesmo de escrever. Em sua percepção, escrever é viver. Não há temáticas nobres e outras menores. O tic-tac de uma máquina de escrever, o ovo, a galinha, a barata, a árvore, tudo é narrrável e pode ser ficcionalizado. Porque é a própria ficção que constitui a temática de suas histórias. Histórias que vão se desenrolando em tantas quantas possa a palavra "pescar". No fundo, o que Clarice deseja alcançar é aquilo que não cabe na linguagem: o inexpressivo e o silêncio. E essa busca é feita na e pela linguagem. Linguagem fragmentada que "joga" com as palavras, empregando-as fora do seu sentido usual, que parece escrever e, como disse Benedito Nunes, *desescrever*, simultaneamente. Feito se as palavras fossem estreitas demais para a expressão do mistério de viver.

Clarice e o leitor

Nesse embate com a insuficiência da linguagem, a obra de Clarice evidencia o paralelo entre a existência e a criação literária. A busca para encontrar um significado para a vida diante da incompletude do existir é a mesma empreendida pelo escritor, no embate com a insuficiência da linguagem.

Questionando o sentido da vida, sem nunca oferecer respostas ou soluções, Clarice incita o leitor a rever suas certezas, inclusive quanto ao seu próprio "eu". Os mundos inventados pela ficção clariceana não são meras recriações **do** mundo e **da** realidade circundante nos quais estamos inseridos. Pois a autora não se propõe a retratar, questionar ou deformar o mundo em que vivemos e, sim, inventar outros e diferentes mundos possíveis.

"Até hoje eu por assim dizer não sabia que se pode não escrever. Gradualmente, gradualmente até que de repente a descoberta tímida: quem sabe, também eu já poderia não escrever. Como é infinitamente mais ambicioso. É quase inalcançável". (Lispector, 1992.p.447)

Considerando que uma manifestação artística deve ser experimentada em diferentes níveis – racional, emocional e sensorial – para amar Clarice não precisamos entendê-la. Interpretar a produção literária da escritora com o objetivo de "facilitar" a leitura para os novos leitores não me parece ser o caminho adequado para levar ao amor por Clarice.

Esclareço que não faço nenhuma apologia à inefabilidade das obras de Clarice Lispector, ou de quaisquer outros autores. Tampouco afirmo que elas não possam ser descritas, parafraseadas, analisadas ou interpretadas. A questão é saber como, por que e para que deve ser feita a interpretação ou crítica literária.

Primeiramente, entendo que a crítica não pode usurpar o lugar do texto literário. Não pode ter a arrogância de querer "saber e dizer" mais do que a obra em si. Para evitar que isso ocorra, a suposta "intenção do autor" não deve conduzir a leitura. Tentar encontrar o sentido da obra, decifrando o "que o autor quis dizer" é desconhecer que o sentido, uma vez textualizado, liberta-se da intenção mental do autor e, superando-a, confere autonomia à obra. Essa ultrapassagem significa que a obra foi "despsicologizada" e que sua compreensão terá lugar num espaço semântico. O romance não é uma confissão do autor e o sentido de qualquer obra literária não vai ser encontrado fora da linguagem, no "isto quis dizer aquilo".

No que concerne, tanto à obra quanto à crítica literária, o maior valor a ser almejado é a transparência. Transparência não significa narrar uma historia da forma esperada pelo leitor, tampouco facilitar a leitura, adicionando explicações, o que seria infantilizá-lo. Transparência significa proporcionar a revelação e a experimentação da coisa em si, do texto. Permitir que as coisas sejam como são, que o texto, ao ser lido, permita a entrada do leitor num mundo inédito, diferente daquele no qual ele vive.

Lembremos que, "*a melhor crítica é aquela que entra em contato com a obra do autor quase telepaticamente*. (Lispector,2004, p.62)".

Recepção à escritura de Clarice

Qual a reação usual do leitor comum ao se deparar, pela primeira vez, com a linguagem não convencional, inédita e insólita de Clarice? Ao defrontar-se com uma escritura produzida feito uma interminável pergunta que nunca chega a uma resposta definitiva, mas, ao contrário, vai desdobrando cada pergunta em outras?

O primeiro contato com sua literatura, normalmente, leva ao desnorteamento, a um certo incômodo. O susto, a inadequação, o impacto diante das palavras de Clarice, produzem uma sensação de estranhamento. Mas, se o leitor não se deixar sucumbir pela vertigem do desamparo de tudo aquilo que até então ele pensava ser e prosseguir na experimentação visceral do mundo descortinado pela autora, ao final dessa perigosa e fascinante travessia, será amplamente compensado pelo êxtase das revelações.

Ao produzir esse efeito, a escritura clariceana cumpre a verdadeira função da obra de arte: a de afetar o leitor, provocando nervosismo, impacto, abalo. Pois a arte é sempre um confronto entre aquilo que somos, pensamos, sentimos e novos modos de ser, pensar, sentir.

Vivemos numa época acelerada e caótica. As imagens proliferam e as informações, simultâneas e imediatas, invadem nossa privacidade. Procura-se soluções rápidas pois "*time is money*" e

não se pode ficar para trás. Parece que corremos sem saber aonde queremos chegar...

Poderíamos até pensar não ser uma época propícia aos textos de Clarice Lispector.

Paradoxalmente, a sociedade do consumo, do excesso e da saciedade transformou-se na sociedade do individualismo, das carências – afetiva e de conteúdo. Sociedade da solidão e do vazio. Mundo onde os textos de Clarice caem como uma luva. Ao lê-la, alguns leitores talvez consigam explicar-se. Ou entender que não é preciso entender. Mas não será a explicação, deles ou delas, que os levará a gostar. Gostar de Clarice permanece um de seus mistérios.

III – ENTENDER FAZ AMAR?

> *...outro sinal de se estar no caminho certo é o de não ficar aflita por não entender: a atitude deve ser: não se perde por esperar, não se perde por não entender* (CL)

O que o leitor do século XXI, da chamada sociedade do espetáculo, espera encontrar num livro? Qual a função da arte e, mais especificamente, da literatura, num mundo caótico, onde o excesso e a velocidade das mudanças contrapõe-se ao vazio, a ausência de um verdadeiro significado para o existir? Num mundo utilitário onde até a literatura torna-se produto de consumo, o que teria Clarice a oferecer ao leitor atual?

Literatura que faz pensar

Para leitores que procuram nos livros o lúdico, o simples prazer da leitura, o entretenimento, a informação que amplia o conhecimento ou o conforto para aflições existenciais, os textos clariceanos não corresponderão a tais expectativas. Ao contrário, a ficção clariceana, ao invés de oferecer ao leitor sentimentos de apaziguamento, sossego, tranquilidade e alegria – ou as emoções usual-

mente esperadas por leitores – provoca um abalo, um desconserto. Clarice não escreve para o prazer do leitor, para conquistar sua simpatia, complacência ou cumplicidade na cosmovisão expressa nos seus textos. Clarice, sequer, escreve para o leitor: "*escrevo para nada e para ninguém. Se alguém me ler será por conta e auto risco*"(Lispector. 1979.p.1). Seus livros não foram escritos para aqueles que querem apenas "gostar", exclamando "Que livro lindo acabei de ler!", ou "Que história triste, mas gostei muito!"

O leitor de Clarice, por ela chamado "leitor de alma formada", é aquele que, "suspendendo a descrença" naquilo que é narrado, vivencia o mundo ficcional, como se na vida real estivesse: alegra-se, desanima, sofre, recomeça, surpreende-se, entedia-se, condena, perdoa, frustra-se, apaixona-se... Enfim, aquele que não lê de forma passiva, mas, através da leitura, passa a habitar um novo mundo, inédito, diferente daquele no qual vive. O leitor que, tornando própria a história ali narrada, experimenta todas as emoções, constantes da intriga, sofre todas as dores, pensa, questiona, como se personagem fosse.

Não entendo. Isso é tão vasto que ultrapassa qualquer entender. Entender é sempre limitado. Mas não entender pode não ter fronteiras.... Não entender, mas não como um simples de espírito. O bom é ser inteligente e não entender. É uma benção estranha, como ter loucura e não ser doida. (Lispector,2004. p.87)

Esse entender é que leva ao gostar.

Como é ler Clarice?

A leitura de Clarice é devassadora – e não é por outro motivo que muitos falam em bruxaria ou possessão. É uma leitura que atormenta, porque pega o leitor ali onde ele se encontra mais frágil: em sua fé desamparada naquilo que lê.

Clarice Lispector constitui um exemplo de que o autor não escreve apenas com o pensamento, mas transcreve uma experiência intercalando-se entre dois imaginários: o do corpo e o do pensamento. Com um escrever fotográfico, cru, despojado de

adornos, a autora desnuda a linguagem para permitir que, no intervalo existente entre a denominação e a coisa nomeada, a "coisa mesma" apareça em sua nudez, enquanto sentido. Na ficção clariceana, concomitantemente ao esvaziamento da linguagem, ocorre o despojamento pelas personagens, de todas as suas certezas e crenças, de todos os seus predicados. Elas entram no vazio para alcançar-se na impessoalidade, no "*...mistério do impessoal que é o it... que não é corrupto e apodrecível pelo pessoal ... it que é duro como pedra seixo*" (Clarice, 1993, p.41)

Assim, o leitor não pode "entrar" no mundo de Clarice apenas com o pensamento. Para fazer seu o mundo de Clarice, precisa utilizar todos os sentidos. Precisa ler nas entrelinhas aquilo que não consegue expressão.

LER Clarice é descentrar-se do ego de leitor para "tornar-se Clarice"

LER Clarice é ficar em "suspenso", acontecendo em cada emoção provocada pelo texto.

LER Clarice é perder-se, diluir-se, fruindo do texto, não com prazer, mas com gozo.

LER Clarice é sair do comando, do controle e deixar-se navegar pelas palavras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OBRAS DE CLARICE LISPECTOR

1. LISPECTOR, Clarice. *A Paixão segundo G.H.* 6ª. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979

2. _____. *Um Sopro de vida – pulsações.* 9ª. ed. Apres. Bella Joseph. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

3. _____. *A Descoberta do Mundo.* 3ª. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

4. _____. *Água Viva.* Apres. Sonia Salomão Khede. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1993ª.

5. _____. *A Hora da Estrela.* 22ª. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993b.

6. _____. *Cadernos da Literatura Brasileira.* Edição especial, números 17 e 18. Instituto Moreira Sales. 2004 ª

7. _____. *Aprendendo a viver.* Rio de Janeiro: Rocco. 2004 b.

8. _____. *Catálogo Clarice Lispector: a hora da estrela.* Curadoria de Ferreira Gullar e Julia Peregrinol. São Paulo: Museu da Língua Portuguesa, 2007ª.

9. _____. *Entrevistas/Clarice Lispector.* (Organização de Claire Williams; preparação de originais e notas biográficas de Tereza Montero). Rio de Janeiro: Rocco. 2007b.

OBRAS DE APOIO

1. AGUIAR, Maria Arminda de Sousa. *Introdução a Proust*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/Aliança Francesa, 1984.

2. BORELLI, Olga. *Clarice Lispector – Esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1981.

3. BASTO, Márcia Meira. *O sujeito como "si" em narrativas de Clarice Lispector, à luz da hermenêutica filosófica de Paul Receou*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco: Recife:1966.

4. _____. *Desejos & Histórias*. Recife: Fundação da Cultura da Cidade do Recife. 1998.

5. CASTELLO, José. *A Literatura na poltrona*. Rio de Janeiro – Record. 2007.

6. SÁBATO, Ernesto. *Meus Fantasmas (Entrevistas com Carlos Catania)*.Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1991.

7. SONTAG, Susan. *A Susan Sontag Readers*. Introduction by Elizabeth Hardwick. USA: First Printing, 1982.

PRIMEIRA PARTE

CONTOS QUE INSPIRARAM OS RECONTOS

PUBLICADOS NO LIVRO CLARICE LISPECTOR/TODOS OS CONTOS – ORGANIZAÇÃO DE BENJAMIM MOSER – 1ª EDIÇÃO. RIO DE JANEIRO: ROCCO,2016

01. FELIZ ANIVERSÁRIO 179
02. O JANTAR 201
03. OS LAÇOS DE FAMÍLIA 218
04. OS DESASTRES DE SOFIA 261
05. A REPARTIÇÃO DOAS PÃES 280
06. A MENSAGEM 284
07. VIAGEM A PETRÓPOLIS 316
08. A SOLUÇÃO 325
09. EVOLUÇÃO DE UMA MIOPIA 328
10. A QUINTA HISTÓRIA 335
11. OS OBEDIENTES 342
12. MINEIRINHO 386
13. FELICIDADE CLANDESTINA 393
14. RESTOS DO CARNAVAL 397
15. COME, MEU FILHO 401
16. PERDOANDO DEUS 403
17. CEM ANOS DE PERDÃO 408
18. UMA ESPERANÇA 411
19. A CRIADA 414
20. UMA HISTÓRIA DE TANTO AMOR 421
21. AS ÁGUAS DO MUNDO 425
22. ENCARNAÇÃO INVOLUNTÁRIA 428
23. É PARA LÁ QUE EU VOU 508
24. SILÊNCIO 512

SEGUNDA PARTE

OBRAS DE CLARICE LISPECTOR

CONSULTADAS

1. PARA NÃO ESQUECER/ CLARICE LISPECTOR SÃO PAULO: SICILIANO, 1992

2. A DESCOBERTA DO MUNDO/ CLARICE LISPECTOR; APREENTAÇÃO DE VERA QUEIROZ 3ª EDIÇÃO; RIO DE JANEIRO:FRANCISCO ALVES, 1992

Esta edição foi composta nas fontes GeoSlab 703 Md BT e
Minion Pró com miolo sobre Papel Pólen Bold 90 g/m²
e capa em Papel Supremo 250 g/m²,
impressa pela Gráfica & Editora Liceu Ltda – EPP Ltda-ME,
para a Editora Massangana, em 2018.

ISBN 978-85-7019-686-6

Ao descobrir, nas palavras dela, minhas próprias perguntas, inquietações e angústias, abracei sua escrita e nela me fundi. Quando a dor que ela sofreu ecoou no meu dentro, vivi suas aflições e desamores. Tornei-me ela. Ao escutar sua súplica e catar seus flagelos nunca mais voltei a me pertencer. Embarquei inteira nos seus mundos fazendo deles minha morada. Estendi a mão quando ela pediu, aceitando o risco de cair no abismo e dele nunca mais sair. Tudo porque desejei que, jamais, ela voltasse a sentir a dor do abandono. Desapropriada de mim mesma, aparei lágrimas e sanei feridas com o bálsamo da compreensão. Compreensão expressa nas palavras que para ela escrevi feito fosse oferenda sagrada. E uma das poucas certezas que tive na vida foi a de que nunca, em nenhum momento de cansaço ou desespero, a abandonaria. Jamais permitiria que máscaras indentitárias, interpostas entre nós, nos solidificassem num alguém datado e situado. Nossas almas em comunhão iam além de nossas histórias.

Fundação Joaquim Nabuco
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
BRASIL GOVERNO FEDERAL